

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**FENÔMENOS MEDIÚNICOS NA TERAPIA DE VIDA(S) PASSADA(S):
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS TERAPEUTAS**

JOÃO ARNALDO NUNES

**JOÃO PESSOA
JULHO DE 2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

FENÔMENOS MEDIÚNICOS NA TERAPIA DE VIDA(S) PASSADA(S):
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS TERAPEUTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos, sob a orientação da Professora Dra. Dilaine Soares Sampaio.

JOÃO PESSOA
JULHO DE 2014

N972f Nunes, João Arnaldo.
 Fenômenos mediúnicos na terapia de vida(s) passada(s):
 uma análise dos discursos dos terapeutas / João Arnaldo
 Nunes.-- João Pessoa, 2014.
 132f.
 Orientadora: Dilaine Soares Sampaio
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
 1. Ciências das religiões. 2. Religião e cultura. 3. Terapia
 de vida passada. 4. Mediunidade. 5. Kardecismo. 6. New Age.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

Para toda minha ancestralidade e sobretudo aos meus pais que foram os primeiros a não medir esforços para oferecer-me aquilo que não receberam, a fim de que eu prosseguisse em minha caminhada de aperfeiçoamento nesta trajetória, que é a vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me fazer impulsionar numa jornada tão bela que é a vida e dela tirar forças para construir meu alicerce, recolhendo cada pedra do caminho para construir meu “castelo”. Não saberia chegar a lugar algum sem a ajuda de tantos a quem sou grato hoje e que me levantaram nos momentos mais difíceis de minha vida.

Agradeço a todos: aqueles anônimos que chegaram a minha vida e deram sua parcela de contribuição, sem mesmo saber que a isso se prestavam. Às vezes nem prestamos atenção, mas a ajuda nos chega de todas as direções e por vivermos tão absorvidos na vida, não percebemos.

Agradeço a dois amigos em especial: Virgínia Feitosa e Patrício Junior que foram os primeiros a incentivarem-me nessa empreitada, na qual não encontrara forças naquele momento, para enfrentar tamanhos desafios. Quero também neste momento fazer uma menção especial aos cinco profissionais os quais prestaram uma grande contribuição ao meu trabalho de campo: Elaine Gubeissi de Lucca, Dirce Barsottini, Davidson Lemela, Bernadete de Oliveira Roquini e Oswaldo Shimoda. A estes meu eterno agradecimento.

A minha orientadora Dr^a. Dilaine Soares Sampaio, que não mediu esforços para incentivar-me nos momentos em que muitas vezes me perdia, não encontrando meu leme. Na medida certa, afirmou minha capacidade para trilhar o caminho que hoje me fez chegar aqui.

Aos professores da Pós-Graduação em Ciências das Religiões que me deram o suporte necessário e imprescindível, estimulando a minha iniciação científica para a construção de um saber acadêmico.

Em nossa caminhada nada construímos sozinhos. A cada pessoa que cruzou minha trajetória na construção desta pesquisa, faço-me grato neste momento. Dedico todo esse esforço em prol de novas gerações vindouras que por ventura, poderão continuar esses estudos que estão apenas num limiar de tantos conhecimentos que irão se acrescentar. E, assim, compor uma nova retórica a fim de desbravar novos conhecimentos que foram construídos historicamente nessa trajetória do saber.

RESUMO

Sendo o discurso uma prática social, seu funcionamento é regulado por normas que controlam todo acervo de saberes, o presente trabalho buscou seu suporte nos princípios teóricos do filósofo Michel Foucault e tem como objeto o estudo dos fenômenos mediúnicos na terapia de vida(s) passada(s) - TVP. Os fenômenos mediúnicos surgiram nos consultórios de terapeutas de linha ortodoxa forçando-os, de certa forma, a compreender esse novo campo de estudos que se desdobrava. Os resultados deste processo fizeram surgir uma nova abordagem terapêutica que se distanciava das abordagens tradicionais. A partir disso, num primeiro momento, iremos apresentar um breve contexto histórico a respeito do percurso de como esses fenômenos foram compreendidos e interpretados. Selecionamos três olhares que consideramos a base para uma compreensão dessa trajetória na qual os fenômenos foram ganhando interpretações: a visão da Metapsíquica, da Parapsicologia e finalmente do Kardecismo. Percebemos que em alguns pontos estes se complementam e em outros momentos se distanciam. Com base no trabalho de campo realizado, buscamos compreender através dos discursos dos terapeutas que trabalham com a TVP, como estes profissionais lidam com o surgimento dos fenômenos mediúnicos no setting terapêutico. Como aporte teórico-metodológico, além de Foucault, utilizamos a perspectiva antropológica nos valendo tanto de autores que trabalham com o Kardecismo quanto daqueles que estudam o universo New Age, com foco nas práticas terapêuticas.

Palavras-Chaves: Terapia de vida passada; Mediunidade; Kardecismo; New Age.

ABSTRACT

Being the discourse a social practice, where its operation is governed by rules which control a collection of knowledge, the present study searched its support in the theoretical principles of the philosopher Michel Foucault and has as its object the study of psychic phenomena in the therapy of past life/lives - PLT. Mediumistic phenomena emerged in the offices of therapists of the orthodox line forcing them, in a way, to understand this new field of study that was being unfolded. From The results of this process emerged a new therapeutic approach and that one moved away from the traditional approaches. From this, at first, we will present a brief historical context about the journey on how these phenomena were understood and interpreted. Were selected three looks which we considered the basis for an understanding of this trajectory in which the phenomena were gaining interpretations: the vision of Metapsychics, of the parapsychology and ultimately of the Kardecism. We realize that at some points they complement each other and at other moments they become distant. Based on the fieldwork, we seek to understand through the speeches of therapists who work with PLT, how these professionals deal with the emergence of psychic phenomena in the therapeutic setting. As a theoretical-methodological approach, besides Foucault, we used the anthropological perspective costing us both authors working with Kardecism as those who study the universe New Age, focusing on therapeutic practices.

Key-words: past-life therapy; mediumship; Kardecism; New Age

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1. Diversas vozes sobre fenômenos mediúnicos.....	16
1.1 Fenômenos ditos mediúnicos à luz da Metapsíquica.....	17
1.2 O olhar da parapsicologia sobre os fenômenos ditos mediúnicos.....	29
1.3 A perspectiva kardecista dos fenômenos mediúnicos	40
2. Terapia de Vida(s) passada(s): histórico e práticas.....	58
2.1 Terapia alternativa/complementar e TVP.....	59
2.2 O despontar da TVP no Brasil.....	68
2.3 Controvérsias em torno dos métodos e técnicas utilizadas na TVP.....	75
2.4 A reencarnação e sua relação com a TVP.....	84
3. Fenômenos mediúnicos e TVP: análise dos discursos dos terapeutas.....	93
3.1 Manifestações espirituais no setting terapêutico.....	94
3.2 TVP e seu diálogo com o universo religioso/espiritual.....	102
3.3 As relações entre um saber ainda não institucionalizado.....	109
3.4 Dos discursos às práticas de TVP.....	114
Considerações finais.....	120
Referências Bibliográficas.....	124
Apêndice.....	131

INTRODUÇÃO

Não importa até onde o homem estenda os seus sentidos, sempre haverá um limite à sua percepção consciente.

Carl Gustav Jung

Trabalhar com um tema controverso como a mediunidade é um desafio. A missão é mesmo espinhosa pois “se trata de fenômenos um tanto incomum, o público e os sábios conjuraram entre si negá-los, tão simplesmente sem exame” (RICHET, 2008, p. 11). Temos então dois desafios na construção dessa pesquisa: os fenômenos mediúnicos e a Terapia de Vida(s) Passada(s) (TVP). Mediunidade e a terapia de vida(s) passada(s) são temas que estão interconectados por mecanismos sociais e que trazem assuntos ligados ao campo da espiritualidade.

Desde muito cedo, interessei-me por estudos ligados a área da espiritualidade. Assim, aos meus 16 anos, ingressei na vida religiosa onde pude debruçar-me sobre estudos que me levassem a percorrer as minhas primeiras motivações a respeito dessas experiências e, assim, preparar-me para futuros eventos que envolver-me-iam em outros campos até então desconhecidos. Após 9 anos de estudos e enclausuramento, passando por diversas ordens religiosas, desvinculei-me dessas tradições percorrendo outros caminhos. Com o término de minha formação acadêmica na área de Psicologia, sentia um certo desconforto em relação a minha atuação como psicólogo e percebia que havia uma lacuna que deveria ser preenchida e que assim poderia avançar um pouco mais em outras abordagens sobre a psiquê humana. Neste momento de minha experiência, conhecia a TVP (Terapia de Vida(s) Passada(s)), uma abordagem de linha alternativa/complementar, que tinha como pressuposto trabalhar os problemas psíquicos/emocionais perpassando por outros saberes e propostas com enfoques espiritualistas que muito me seduziam. Sentia que meu conhecimento até então, estava enclausurado numa formação discursiva que não atendia mais as minhas diretrizes pessoais. Comecei a perceber que existiam outras possibilidades, outros saberes e por que não explorá-los? Por que ficar preso a um único olhar? Surgia então, o grande desejo de conhecer e aprofundar a TVP, uma técnica que parecia-me trazer um novo

conhecimento a respeito do homem e de sua natureza. Sendo a TVP um fenômeno que vinha despontando no Brasil desde a década de 80, e que chamava a atenção por apresentar em sua metodologia uma visão ampliada do sujeito em contextos diversos, resolvi então aprofundar e mergulhar neste saber que para alguns, sobretudo para o campo da psicologia e da medicina, seria um saber fantasioso, místico-visionário, que fugia aos conhecimentos acadêmicos vigentes.

Talvez não seja o mais importante para a TVP, colocar-se como um saber científico, acadêmico, mas ser reconhecida em seu discurso como um saber que contribui para uma eficácia que traz resultados em suas práticas. Resultados esses, que cumprem seu papel de proporcionar o bem-estar e o conforto para quem a procura.

Dessa forma, analisar os discursos dos terapeutas a respeito dos fenômenos mediúnicos é o enfoque que pretendo trazer nesta pesquisa afim de, melhor compreender sua dinâmica. A TVP não está enquadrada numa perspectiva ortodoxa de ciência. Mostra-se mais como um saber que se constrói a partir de suas próprias experiências cotidianas. Os terapeutas, de certa forma, constroem um saber baseado em propostas empíricas que vão surgindo de forma espontânea e que trazem novos reencantamentos à medida que se redescobrem.

Para uma melhor categorização sócio-histórico desses sujeitos pesquisados, detalho um pouco de suas trajetórias. O critério de escolha dos profissionais que fazem parte desta pesquisa foi a relevância deles no âmbito da TVP, pois estão entre os pioneiros da TVP no Brasil. Assim, os seus discursos tornam-se representativos e tem grande importância como sujeitos que elegem um certo saber.

Uma das primeiras entrevistadas foi Elaine de Lucca, que conhecia desde 2004, quando estive em São Paulo para realizar meus primeiros ensaios sobre a TVP e que considero meu primeiro suporte. Formada em Psicologia desde 1975, relata que desde muito cedo sentia necessidade de ampliar seus horizontes em termos práticos e alcançar novos horizontes. A psicanálise foi apenas um trampolim para avançar em um novo saber que despontava, uma nova forma de psicoterapia: a TVP. Via nesta abordagem não apenas uma forma de tratamento convencional, mas uma possibilidade de libertar seus pacientes dos sintomas de desequilíbrios através de um novo olhar que abrangia o espiritual de seus pacientes.

Dirce Barsottini, psicóloga, formada pela PUC de São Paulo, também faz parte desse grupo pioneiro de terapeutas que resolvem difundir esta abordagem aqui no Brasil no início dos anos 80, como veremos mais adiante. Segundo Barsottini, foram

convidados naquela época, vários médicos, terapeutas, que quisessem conhecer essa nova abordagem que surgia com toda sua efervescência e que desafiava a todos com um espírito de grande curiosidade e expectativas.

Oswaldo Shimoda pode ser considerado um dos mais controversos dentre os discursos aqui apresentados, uma vez que tem práticas diferenciadas dos demais, embora próximo no que diz respeito aos objetivos a serem alcançados: o bem-estar e melhoramento dos pacientes. Formado em psicologia, resolve trilhar outros saberes e termina inaugurando um novo método, abrindo o campo para novas discursões.

Davidson Lemella e Bernadete Roquini, ambos psicólogos, atuam na SBTVP como membros que participam ativamente desta instituição, que surgiu em 1994 com a proposta de aprofundar e divulgar a TVP, além de estudar temas ligados à reencarnação. Roquini atua hoje como orientadora e supervisora da SBTVP para formação de novos terapeutas em São Paulo. Lemella, diretor geral dos cursos da SBTVP, também ministra aulas no curso de formação de terapeutas na cidade de Santos, SP.

Na minha pesquisa de campo pude contar não apenas com as entrevistas realizadas, mas, com todo o acervo bibliográfico produzido por estes profissionais que escreveram tanto sobre suas trajetórias como sobre a TVP, seus métodos e práticas¹. Os discursos que permeiam suas práticas trazem um ideário da construção de cada elemento formador desse discurso.

Segundo Foucault (2000), os discursos obedecem a certas coerções, através das normas implícitas ou explícitas que determinam o que pode ser dito ou não. Baseado nesta instância, preferi seguir outros discursos e mergulhei noutros saberes “desconhecidos”, onde carecia de um verdadeiro trabalho arqueológico, surgindo assim, para mim, uma excelente oportunidade de pesquisa e busca por experimentação deste “novo” conhecimento. Assim, de uma temática vasta como a TVP, apresento para esta investigação um recorte que se constitui como o objeto de estudo: os fenômenos mediúnicos nesse tipo de terapia. O termo TVP ora encontra-se no singular, ora no plural. Para melhor esclarecer essa variação terminológica indicam alguns terapeutas entrevistados que a princípio com a divulgação de vários livros sobre essa terapia, havia uma compreensão de que os traumas estavam apenas em encarnações passadas e na

¹ No caso dos entrevistados que também possuem livros publicados, a distinção se fará pela referência, aos moldes da própria ABNT, além do indicativo de que a informação é proveniente de entrevista, no corpo do texto. Se o dado tiver sido extraído de um livro, teremos, conforme a ABNT, a citação no formato autor/data, com a indicação da página. Se, ao contrário, a informação tiver sido extraída das entrevistas realizadas, a referência, também no sistema autor/data, não virá acompanhada do número da página, aos moldes recomendados para citação de fontes orais.

verdade, os traumas também se instalavam nesta vida presente. Para isso, as associações que reuniam esses terapeutas resolveram uniformizar o termo para o singular, ficando claro que se tratava de uma terapia que considerava todo o passado: remoto ou atual (Barsottini, 2013). Dessa forma, fica esclarecida a controvérsia dos termos utilizados por alguns no singular e por outros no plural. Os problemas tratados nesta abordagem segundo estes terapeutas, não encontram suas origens apenas em acontecimentos remotos mas também, no “aqui e agora”. Lucca em seu livro: *“Regressão – A Evolução da Terapia de Vida Passada”* (2002), costuma-se referir ao uso do termo no singular pois entende que o tratamento engloba todo o tempo histórico do paciente, ou seja, eventos pretéritos, período pré-natal e todo decorrer desta vida atual. Dessa forma, o inconsciente fica livre para eleger o evento que for necessário a ser trabalhado. Para esta terapeuta, o mais importante na TVP é buscar uma solução dos problemas independente onde eles estejam localizados (Lucca e Possato, 2002b, p.85). Percebo que todos são unânimes a respeito do uso do termo TVP no singular e que a discordância segundo Lucca e Possato não é relevante, o que importa na visão destes profissionais é o tratamento dos problemas em questão.

Na verdade, meu interesse está nos discursos dos terapeutas acerca dos fenômenos mediúnicos e, para entendê-los de forma sistemática, utilizo a perspectiva da análise do discurso para construir um entendimento dos contextos e das ideologias nos quais são construídos os discursos dos terapeutas, desprezando assim a ideia de que a linguagem é um meio neutro de pensar e descrever a realidade. É, ao contrário, como descreve Foucault (2000), elemento de poder.

Minha intenção nessa pesquisa não foi construir uma “verdade”, mas aproximar-me de um possível conhecimento que vem sendo construído não apenas no meu contexto de pesquisa empírica mas em toda historicidade. Segundo Minayo (2010, p. 47), “[...] ao fazer essas trilhas, os investigadores aceitam os critérios de historicidade, de colaboradores e da única certeza possível: a de que qualquer conhecimento é aproximado, é construído”.

O homem sempre foi um pesquisador nato. Do ponto de vista antropológico, podemos observar desde o *homo sapiens*, a grande preocupação em compreender seu meio social, sua realidade.

Em nossa sociedade contemporânea, as informações são aceleradas e chegam numa velocidade estonteante. Contudo, a facilidade de acesso à informação e ao conhecimento traz consigo a dificuldade de ordenação, seleção e sistematização, haja

vista que a aquisição do conhecimento é muito mais complexa do que a de informação. Tendo em vista que trago nesta pesquisa um viés antropológico pelo qual percorri, é de suma importância contextualizar o trabalho do antropólogo. Nesse contexto de globalização o trabalho do antropólogo torna-se desafiador, mas as lições básicas da Antropologia ainda tem seu lugar. Roberto Cardoso de Oliveira enfatiza a importância de três pressupostos para busca desse conhecimento: o olhar, o ouvir e o escrever. Esses são os três atos cognitivos que precisam ser percebidos de forma particular bem como precisam ser disciplinados, através de uma percepção aguçada produzindo um discurso criativo para a construção de uma teoria social (Cf. OLIVEIRA, 2006).

Seguindo então esse tríptico percurso antropológico, procurei perseguir o objeto de estudo, levando comigo todas as incertezas adquiridas no itinerário acadêmico, considerando a possibilidade de que nem todas as respostas podem ser encontradas, mas que de alguma forma novos saberes poderão ser despertados ou mesmo construídos a partir desse aporte. Sair da “zona de conforto” e ir a campo foi uma das atitudes que mais revolucionou os estudos antropológicos e que, a partir do início do século XX, tornou-se determinante para que novas técnicas surgissem e ampliassem as formas de saber, saindo de uma posição estanque onde a pesquisa era realizada através de relatos de viajantes denominados “antropólogos de gabinete”².

No tocante ao trabalho de campo, temos como referência: Lewis Henry Morgan, Franz Boas e Bronislaw Malinowski, que foram os primeiros antropólogos a iniciar as pesquisas de campo (Cf. GOLDENBERG, 2002). Com esse novo enfoque, a antropologia abandona o modelo de ser sujeito distante, passando agora a envolver-se com seu próprio objeto de pesquisa. Nesta nova perspectiva, sujeito e objeto se entrelaçam numa troca contínua.

Adentrando no objeto deste estudo, o discurso dos terapeutas acerca dos fenômenos mediúnicos, posso dizer que o conhecimento sem experiência prática parece ser uma prova morta, carecendo de subsídios para se fundamentar. Por isso, sinto-me à vontade e ao mesmo tempo desafiado ao optar por um objeto tão próximo de minhas experiências profissionais, seja como sujeito participante de uma abordagem que trabalha com esta terapia que é a TVP ou como participante de uma religião mediúnica

²Conforme nos lembra Roberto Cardoso de Oliveira (2006), este é um termo utilizado pelos antropólogos para se referir a uma prática onde os mesmos ficavam hermeneuticamente fechados em seus gabinetes sem contato com seu objeto de pesquisa.

por onde esses fenômenos perpassam. Portanto, não estou para negar ou confirmar uma hipótese, mas para construir entendimento da realidade da qual faço contato.

Diante disso, o **objetivo geral** dessa pesquisa consistiu em fazer uma análise dos discursos dos terapeutas de vida(s) passada(s) acerca dos fenômenos mediúnicos a partir de uma análise foucaultiana, especificamente no que diz respeito às relações de poder na construção desse saber. Conhecer a forma como os discursos acerca da mediunidade no âmbito da TVP vêm permeando as práticas terapêuticas desses profissionais do que normalmente se entende como o campo das “terapias alternativas”; compreender como esses fenômenos ocorrem na TVP e como dialogam com distintos universos religiosos se constituem nos **objetivos específicos** deste trabalho.

Quanto à **metodologia** foi utilizada a abordagem qualitativa com pesquisa de campo. Os sujeitos de pesquisa foram cinco terapeutas que trabalham com a TVP em consultórios particulares, sendo três no município de São Paulo-SP, e os outros dois na cidade de Campinas-SP. A escolha desses terapeutas justifica-se pela representatividade desses profissionais no campo da prática da TVP no Brasil. Para a realização das entrevistas semi-estruturadas, feitas na cidade de São Paulo, em janeiro de 2013, foi utilizado um instrumento de coleta de dados contendo entre oito a doze perguntas, a depender do desenvolvimento das respostas, como se pode ver no Apêndice.

Através dos discursos dos terapeutas acerca dos fenômenos mediúnicos, conseguimos agrupá-los da seguinte forma: aqueles que possuem uma tendência mais kardecista, e aqueles que seguem um discurso mais institucionalizado, vinculado a SBTVP (Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada) e, ainda, outro que segue uma postura que se mostra diferenciada dos demais, propondo inclusive um termo para sua prática – TRE (Terapia Regressiva Evolutiva), talvez em conformidade com a linha New Age, conforme cito mais adiante. Na produção desta pesquisa, pude complementar este trabalho com o material bibliográfico dos próprios terapeutas entrevistados que abordam suas trajetórias no campo dessas terapias.

A relevância desse trabalho está em trazer para o campo das Ciências das Religiões, e especificamente para este Programa de Pós-Graduação, um tema ainda pouco explorado, mas que trata de uma área empírica onde observamos um valor prático e teórico bastante interessante, de modo que podemos assim fomentar novos estudos sobre a TVP e os fenômenos ditos mediúnicos que nele se inserem. Embora seja um tema ainda incipiente merece um estudo dos fatos empíricos até o momento já catalogados.

Em seu aspecto estrutural, esse trabalho apresenta três capítulos. No primeiro *Diversas vozes sobre fenômenos mediúnicos* é apresentada, em linhas gerais, a visão de alguns olhares sobre fenômenos que posteriormente foram compreendidos na perspectiva Kardecista sob a rubrica de “mediúnicos”. Procuramos fazer uma historicização buscando as raízes dos fenômenos, hoje tomados como mediúnicos. O termo mediúnico utilizado no título deste trabalho é um termo localizado historicamente, que emergiu juntamente com as obras de Kardec, conforme citaremos posteriormente. Dessa forma, nos referimos hoje como mediúnicos embora, anteriormente a este período, os ditos fenômenos mediúnicos eram tomados como sobrenaturais. Teremos então neste primeiro capítulo três formas de compreensão: os vieses da Metapsíquica, da Parapsicologia e do Kardecismo, que apontam a trajetória desses fenômenos, como ocorreram as primeiras manifestações e como foram compreendidas.

O capítulo segundo intitulado: *Terapia de Vida(s) Passada(s): histórico e práticas* traz questões sobre o surgimento das terapias alternativas/complementares e o despontar da TVP no Brasil, apresentando os principais precursores dessa abordagem terapêutica, além das controvérsias em torno de seus métodos e técnicas. Finalizo este capítulo, expondo o elo que há entre TVP e reencarnação.

O terceiro capítulo *Fenômenos mediúnicos e TVP: análise dos discursos dos terapeutas* traz a análise dos discursos dos terapeutas de forma a vislumbrar possibilidades interpretativas dos discursos dos sujeitos investigados sobre os fenômenos mediúnicos na TVP. Subdividi este capítulo em quatro subcapítulos: Em *Manifestações espirituais no setting terapêutico*, procuro compreender através das falas dos terapeutas como estes fenômenos ocorrem e como são interpretados. Compreendendo o grande viés que essa terapia perpassa sobre as questões espiritualistas, enfoquei o diálogo que há entre a TVP e universo religioso espiritual. Concluo este último capítulo trazendo um olhar a luz de Foucault sobre as possíveis relações de poder para a construção de um saber institucionalizado, como também a respeito das distinções que pude perceber no trabalho de campo, ao entrevistar alguns terapeutas que nela inserem-se (práticas e discursos).

1. DIVERSAS VOZES SOBRE FENÔMENOS MEDIÚNICOS

1.1 Fenômenos ditos mediúnicos à luz da Metapsíquica

Nessa investigação faço uma breve retrospectiva sem, no entanto, esgotar o assunto, pois sendo um tema muito amplo e controverso haverá sempre lacunas a serem complementadas. Afinal,

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar todos os fenômenos de processos. O investigador separa, recorta determinados aspectos significativos da realidade para trabalhá-los, buscando interconexão sistemática entre eles (MINAYO, 1994, p. 18).

Para nos reportar a fenômenos milenares considerados no mínimo estranhos, pesquisadores de várias épocas interpretaram o desconhecido sob a ótica do sobrenatural, do oculto ou mesmo do transcendente.

Em todas as épocas e em todos os lugares ocorreram sempre fatos estranhos que a argúcia dos sábios não soube explicar. Magos, feiticeiros, profetas, pitonisas ou médiuns são elementos indefectíveis na cultura de todos os povos (CERVINO, 1968, p. 7).

Esses estudos foram categorizados e interpretados por religiões, filosofias e outras ciências afins, de acordo com os pressupostos da época. Os fenômenos puramente ligados a ordem da natureza foram de maneira gradativa perdendo seu vínculo com forças sobrenaturais pois:

A pouco e pouco, com o progresso dos nossos conhecimentos, a fé nas ingerências, divinas ou demoníacas, nos nossos acanhados quefazeres, perdeu terreno. Quer se trate de uma aurora boreal, quer de um eclipse, quer de um cometa, quer até de uma tempestade, não vemos atualmente nisso senão um fenômeno natural de que já conhecemos algumas leis. Quer se trate de epilepsia, quer se trate de ataques histéricos, não apelamos mais nem para Hércules nem para Satã (RICHET, 2008, p. 21).

Em busca de uma compreensão ou de respostas para questões da qual as ciências ignoravam uma explicação racional, esses fenômenos considerados incomuns e que se tinham apenas interpretações míticas e da qual se fundiam em conceitos religiosos, trouxe a tona diversos saberes. Mergulhando em tempos mais remotos na busca da origem desses fenômenos ditos estranhos, vamos encontrar dimensões históricas e

imemoriais, remontando aos povos denominados primitivos ou nas primeiras civilizações. Percebo então, que desde os tempos mais remotos e em todas as épocas e civilizações, o homem deparou-se com fatos imprevisíveis que se misturavam com suas experiências cotidianas ganhando assim novos atributos de acordo com sua cultura vigente: xamãs, magos, feiticeiros, pitonisas e, em nossa contemporaneidade, por força de uma doutrina religiosa/filosófica, popularizou-se para médium. A razão nem sempre alcançou explicações para tais fenômenos. “Então não podendo encontrar uma explicação racional, supuseram a intervenção de forças sobrenaturais, bem como a ação de Deus ou de Demônios todo-poderosos” (RICHET, 2008, p. 21).

Independente da compreensão dos homens, o processo se faz, os fenômenos vão sendo estudados, pesquisados e novos olhares surgem forjando mudanças de paradigma. Mesmo que a ciência clássica não encontre respostas aos fenômenos inexplicáveis, eles aí estão acontecendo de forma imprevisível e mesmo ainda sendo rechaçados ou negados, continuam a surgir com toda força. Para uma melhor compreensão desses fenômenos estranhos surge na França Charles Richet (1850- 1935), que se dedica em aprofundar os tais fenômenos e cria o tratado da Metapsíquica, que se ocupa em explicar através de fatos e descrições as experiências psíquicas de sua época. Institui assim, uma ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos mecânicos e psicológicos que ocorriam e que se manifestavam de forma muito inteligente, parecendo ter vontade própria, algo latente da inteligência humana. Para lançar uma luz sob fenômenos tão obscuros à “nova ciência” inaugurada por Richet traz uma compreensão do que seria esses fenômenos que não se poderia compreender através da física, da química, enfim das ciências vigentes. “Os fenômenos metapsíquicos são de outra laia: parece serem devidos a forças inteligentes desconhecidas, compreendendo-se nessas inteligências desconhecidas os notáveis fenômenos intelectuais das nossas inconsciências” (RICHET, 2008, p. 23).

Richet reconhece assim que esses fenômenos parapsíquicos parecem possuir uma força própria, com vontades e com um certo grau de intelectualidade se comparados a razão humana. Para Richet, é possível que haja nessas forças “estranhas” um domínio intelectual vindo de alguma área do cérebro e que ainda encontra-se desconhecida. “Vibrações há (forças) no universo, que mexem com a nossa sensibilidade e determinam certos conhecimentos da realidade - o de que são incapazes os nossos sentidos normais” (RICHET, 2008, p. 17). Essas forças desconhecidas na qual Richet lança sua teoria da criptestesia marca na ciência uma probabilidade de que,

segundo o próprio Richet, há no universo vibrações que são desconhecidas e que as mesmas atuam no organismo humano determinando certos conhecimentos que os sentidos comuns não conseguem captar (RICHET, 2008). E confirmando ainda mais esse pensamento, complementa (RICHET, 2008, p. 16): “a inteligência humana possui outros condutos de conhecimento além daqueles dos sentidos normais”. Colin Wilson na introdução do livro de Hans Tendam (1993), a respeito desse ponto de vista, parece concordar com Richet e nos afirma que: (...) a conclusão parece inevitável: os seres humanos possuem “poderes” dos quais normalmente estão inconscientes mas que podem ser liberados em um certo estágio não habitual de consciência”(WILSON, 1993, p. 13).

Para uma melhor compreensão desses estudos, Richet divide a metapsíquica em objetiva e subjetiva. Todo fenômeno externo e perceptível aos sentidos mecânicos classificou-os de *Metapsíquica objetiva*, pois é imbuído de um caráter inteligente. Para os fenômenos de grau interior, não material, que não foram classificados puramente de intelectuais, pois envolviam certa lucidez da qual a nossa natureza escapa, o autor cunhou o termo de *Metapsíquica subjetiva*. Dessa forma, Richet catalogou os fenômenos em duas categorias:

A metapsíquica subjetiva é, portanto a ciência que trata de fenômenos unicamente mentais, os quais podem ser admitidos sem alteração das leis conhecidas da matéria viva ou inerte, nem das diversas energias físicas, luz, calor, eletricidade, atração, que temos o hábito de pesar e determinar. Contrariamente, a metapsíquica objetiva trata de certos fenômenos materiais que a mecânica ordinária não explica: movimentos sem contato de objetos, casas assombradas, fantasmas, materializações fotografáveis, sonoridades, luzes – tudo realidades tangíveis aos nossos sentidos (RICHET, 2008, p. 24).

Muitas vezes torna-se incerto determinar em certos momentos, se tais fenômenos são de ordem objetiva ou subjetiva, pois muitas vezes confrontam-se num limiar bastante tênue. Para confirmar esta afirmação, veja o que nos diz Richet: “Vezes outras os fenômenos compartilham, a um só tempo, das duas ordens da metapsíquica. Então a dissociação é difícil, senão impossível” (RICHET, 2008, p. 24). É bem mais comum, segundo o autor, a ocorrência dos fenômenos subjetivos, parece ser cada vez mais raro os fenômenos objetivos (RICHET, 2008). Embora todo o tratado de Richet trouxesse considerações metodológicas, não escapou das críticas e havia sempre de plantão os ilustres “sábios” que rechaçavam sua teoria:

Não se faz, dizem eles, ciência com credíes; ora as narrativas esparsas que apresentais não são senão credíes. As alucinações, narradas por pessoas ingênuas com abundância de pormenores, pertencem ao domínio da alienação mental, e as representações dadas pelos médiuns não passam de velhacarias. Os médiuns que pretendem ser dotados de propriedades sobrenaturais e alegam ser intermediários do mundo dos mortos e o dos vivos, são ou alucinados ou farsantes. Desde que se tomem preocupações contra a credulidade e a fraude, o erro e a impostura acabam sempre por serem descobertos. Perante comissões de inquérito, que têm autoridade científica, nunca um fato irrecusável de lucidez ou de movimentos de objetos sem contato pôde ser firmado. Se eliminam-se os acasos, as faltas de observação, os embustes – nada mais fica da chamada metapsíquica senão imensa ilusão. A medida que as condições de controle vão sendo mais rigorosas, os fenômenos vão sendo menos intensos – e acabam desaparecendo, por fim. A ciência que quer ser tida na conta de experimental e se apoia em experiências que se não podem repetir, não é ciência (RICHET, 2008, p. 25-26).

Richet rebate tais críticas citando que após ter estudado e analisado obras de pessoas renomadas e ilustres da época sobre tais assuntos, conclui que não poderiam todos estarem equivocados ou tão cegos que não se apercebessem de qualquer tipo de embuste e assim cita uma lista de grandes pesquisadores renomados da época que envolveram-se com tais estudos:

[...] Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Reichenbach, Russel Wallace, Lombroso, William James, Schiaparelli, Fr. Myers, Zollner, A. de Rochas, Ochorowicz, Morselli, Sir William Barrett, Ed. Gurney, C. Flammarion, e tantos outros, se tenham deixados lograr por centenas de vezes, não obstante a sua atenção vigilante, por fraudadores, bem como tenham sido vítimas de uma admirável credulidade. Eles não puderam ser, todos e sempre, tão cegos que se não apercebessem de fraudes que só têm podido ser grosseiras, tão imprudentes para chegarem a uma conclusão que não fosse legítima, tão inábeis ao ponto de não serem capazes, nem uns e nem outros, de fazer uma única experiência irreprochável. A priori, as suas experiências merecem ser meditadas seriamente e não rejeitadas com desprezo (RICHET, 2008, p. 26-27).

É muito comum que na história da construção de qualquer ciência ou mesmo de qualquer conhecimento por mais rudimentar que seja, haverá as controvérsias, as refutações, pois a ciência hegemônica vigente será sempre reconhecida por seus detentores como autoridade máxima de um poder que só a ela cabe transferir conhecimentos. Todo legado do conhecimento que a humanidade conquistou até nossos tempos, enfrentou controvérsias com a ciência vigente. “A história das ciências nos ensina que as mais simples descobertas foram repelidas, a priori, sob o pretexto de que estavam em contradição com a ciência” (RICHET, 2008, p. 27). Ainda segundo Richet: “poder-se-ia escrever um volume completo sobre as paspalhices que foram ditas na

ocasião de cada descoberta e a respeito dela própria” (RICHET, 2008, p. 27-28). Corroborando com este pensamento, devemos sempre estar abertos a novas possibilidades que possam estar além dos nossos limites, pois haverá sempre mudanças de paradigmas no conhecimento estabelecido pelas novas descobertas que desequilibrará a balança do status quo da ciência. Podemos exemplificar na citação abaixo sobre este pensamento no desenrolar da própria história:

[...] a história da ciência é prodigiosa em apresentar mudanças no status quo das “verdades estabelecidas”. Com a microbiologia, Pasteur revolucionou a medicina e a biologia; Einstein substituiu a visão newtoniana-cartesiana do universo, demonstrando a existência de um continuum entre matéria e energia; Freud descortinou os imensos recursos ocultos do inconsciente, contribuindo para que fosse reelaborada a visão do homem aceita até então; Marx demonstrou a ação das forças econômicas na cultura e nas relações da sociedade, Galileu modificou a concepção geocêntrica, colocando a Terra em seu devido lugar na concepção da dinâmica dos astros. Depois de novas descobertas, verdades aceitas e tidas como imutáveis foram substituídas por outras, muitas vezes com muita luta e esforço por parte daqueles que as descobriram (MAZZONETTO, 1990, p. 154).

A volumosa obra de Richet intitulada *Tratado de Metapsíquica* tinha como objetivo principal estudar os fenômenos físicos ou psicológicos que foram vistos em seu tratado como forças inteligentes ou mesmo faculdades desconhecidas da mente humana. Baseado nessa premissa, podemos então compreender que um fenômeno metapsíquico, segundo Richet se vale de todo fenômeno que não é explicado por ciências clássicas como a psicologia, a fisiologia ou mesmo pela física, pela química. Aprofundando melhor o Tratado da Metapsíquica de Richet, vamos encontrar uma interpretação para os tais fenômenos estranhos, baseada numa proposição de que esses fenômenos:

[....] parecem ser devidos a uma inteligência, visto não haver nenhuma inteligência nas diversas manifestações metapsíquicas, seja inteiramente humana, havendo então uma região da inteligência humana que nos é de todo em todo desconhecida, já que ela nos revela coisas que os nossos sentimentos não nos podem revelar, agindo sobre a matéria da maneira diferente como o faz nas contrações musculares (RICHET, 2008, p. 36).

Richet acreditava que essas manifestações encontram um aporte em áreas cerebrais ainda desconhecidas pelos estudiosos. Dessa forma, torna-se um autor controverso, em virtude de suas afirmações, para as pesquisas do Espiritismo que em sua teoria afirmava ser essas forças uma manifestação advinda do mundo espiritual. Ao

que nos parece, em nenhum momento Richet atribui a esses fenômenos a participação de forças espirituais atuando sobre tais circunstâncias, embora tenha havido, posteriormente, por parte dos espíritas, uma tendência a endossar seus discursos e assim legitimá-los através de sua obra. Isto fica claro, na tradução de sua obra original que tinha como título: “*Traité de Métapsychique*” (1922) e que ao ser reeditado e publicado por uma editora Espírita, toma para si o discurso de Richet para legitimar seus discursos. O próprio título da versão em português: “*Tratado de Metapsíquica: O Encontro entre Ciência e Espiritismo* (2008), traduz essa preocupação dos espíritas em firmar suas teorias, embora não se possa negar que os pressupostos da teoria de Richet se encaixem bem enquanto fonte complementar de determinada ótica espírita.

O próprio Richet afirma ainda que: “A verdade é que hoje não há absolutamente nenhuma oposição intransigente contra a proposição por mim apresentada e que de novo apresento sob a mais simples das formas, a qual exclui toda hipótese, espírita ou que quer que seja” (RICHET, 2008, p.16). Por isso, sem dúvida os espíritas receberam as ideias de Richet com muita restrição ou mesmo frieza, mas rebate o próprio Richet:

Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fossem classificados, codificados, marcados, acompanhando-os das necessárias exigências do método experimental. Ao contrário, os espíritas julgam possuir já uma explicação adequada para todos os fenômenos. [...] Se os espíritas fossem justos, reconheceriam que a minha tentativa de fazer entrar na ordem dos fatos científicos todos os fenômenos que constituem a base de sua fé, mereceria eu verdadeiramente alguma indulgência (RICHET, 2008, p. 19-20).

Afinal, como Richet define essa metapsíquica? O interesse deste pesquisador o leva a pensar: como fatos tão corriqueiros, que se multiplicavam em diversas experiências ocorridas poderiam ser esquecidos pelo campo da ciência e serem tratados apenas como de ordem sobrenatural? Para a ciência clássica tomar o partido de ignorar tais fatos, seria admitir sua não existência, seria sepultá-los no rol do ocultismo. Mas como sepultar algo que sempre estava a ressurgir? Aos olhos de Richet, algo se recusava a silenciar, não se podia negar os tais fatos estranhos, incomuns, pois estes estavam presentes em quase tudo. Segundo Lawrence LeShan, tratando do tema da paranormalidade, amplia-nos a visão para novas perspectivas e acrescenta:

Pela primeira vez podemos aceitar esse lado da condição humana, estudando-o cientificamente, compreendendo-o e desenvolvendo-o como parte do potencial natural dos seres humanos. Agora podemos aprender a usá-lo para intensificar nosso crescimento, nosso desenvolvimento e nossas metas. Um lado nosso, anteriormente negado ou então tratado apenas mítica e magicamente, agora pode ter maiores possibilidades de ser desfrutado. Como esse lado nosso nos relaciona com os outros e com a natureza em geral, existe uma forte possibilidade de que nas áreas em que se situam nossos maiores problemas todo o quadro poderá se modificar (LESHAN, 1984, p. 12).

A posição cômoda da ciência clássica de negá-los, desperta em Richet interesses sobre a ordem do sobrenatural em que estavam mergulhados esses fenômenos estranhos. Assim diz Richet: “Propus, em 1905, o termo metapsíquica que foi unanimemente aceito” (RICHET, 2008, p. 22). Dessa forma, a Metapsíquica é a ciência que se interessa pelos fenômenos físicos ou psicológicos que aparecem de forma inabitual, fenômenos estes, regidos por forças estranhas vindas de faculdades desconhecidas das ciências classificadas comuns. A esse conjunto de forças inteligentes desconhecidas, Richet caracteriza como fenômeno metapsíquico e engloba três conceitos importantes:

Pode-se, em três palavras, resumir os três fenômenos fundamentais que constituem essa nova ciência:

- 1 A criptestesia (a lucidez dos autores antigos), ou seja, a faculdade de conhecimento diferente das faculdades sensoriais normais de conhecimento.
- 2 A telecinesias, ou seja, uma ação mecânica diferente das forças mecânicas conhecidas, a qual, em determinadas condições, tem, a distância, atuação sem contato sobre objetos ou pessoas.
- 3 A ectoplasmia (a materialização dos autores antigos), ou seja, a formação de objetos diversos, os quais, as mais das vezes, parece saírem do corpo humano e tomam a aparência de uma realidade material (vestuário, véus, corpos vivos) (RICHET, 2008, p. 11-12).

A *criptestesia* vem a ser então essa capacidade de perceber o imperceptível a luz dos sentidos comuns (visão, audição, tato, paladar, olfato). Em outras palavras, estaríamos nos referindo a um tipo de sensibilidade oculta que seria incapaz de ser percebida com os nossos sentidos normais, sendo apenas facultado a alguns sensitivos que possuíam um certo grau apurado de percepção. Sabemos que existem vários campos vibracionais que embora não consigamos captar com nossos órgãos físicos, mesmo assim, eles se fazem presente. Estou me referindo aqui, as ondas de rádio, TV, entre outras que se manifestam corriqueiramente. Paralelo a isso, há uma hipótese que possam existir outros campos magnéticos que emitam vibrações da qual somente os sensitivos tenham acesso. Esse tipo de percepção a qual se referiu Richet em seu tratado, ele cunhou o nome de *criptestesia*. Aos fenômenos mecânicos, Richet aplicou o

termo de *telecinesia*. A telecinesia diz respeito aos deslocamentos de objetos sem uma ação física, incluindo pancadas ou ruídos. A sua maior contribuição referiu-se com os estudos do ectoplasma. Essa substância viabilizava todos os fenômenos de ordem objetiva. A *ectoplasma* é o nome dado aos fenômenos onde ocorrem as tais materializações de objetos, figuras ou pessoas. Buscar a compreensão de fenômenos que não são captados com o uso dos nossos sistemas sensoriais, do qual são nossas referências, é no mínimo estranho. Mergulhando mais profundamente em busca dos acontecimentos e das descobertas que deram origem a estes fenômenos, Richet nos propõe uma divisão histórica trazendo assim uma melhor compreensão dos fatos de acordo com sua metodologia. Para isso, faz a seguinte classificação, dividindo o estudo da compreensão desses fenômenos em quatro períodos:

- 1 período mítico, que vai até Mesmer (1778).
- 2 período magnético, que vai de Mesmer às irmãs Fox (1847).
- 3 período espiritual, que vai das irmãs Fox a William Crookes (1847-1872).
- 4 período científico, que começa com William Crookes (1872). (RICHET, 2008, p. 37)

Como podemos observar acima, Richet divide os vários períodos da história da humanidade em quatro fases distintas, onde em cada uma dessas fases desenvolveram-se expressões e manifestações desses fenômenos. Paralelamente aos seus estudos, outros pesquisadores da época, investigaram tais fenômenos, como vamos ver mais adiante. Para Richet neste primeiro período da história, no que diz respeito à classificação desses fenômenos metapsíquicos narrados pelos historiadores, encontramos muito do mítico, presente sobretudo nas religiões:

Em quase todas as religiões, os milagres e os profetas tiveram importante representação. Verdadeiros fenômenos metapsíquicos, como as telecinesias para os milagres, as profecias para as premonições, talvez tiveram origem nas crenças religiosas (RICHET, 2008, p. 37).

Na visão de Richet, compete aos historiadores pesquisar nas antigas religiões e tradições a respeito do sobrenatural, do que era incompreensível, pois destaca-se neste período de credulidade e ignorância como diz o próprio Richet, alguns fatos relevantes como o notável caso de Sócrates que revela ouvir vozes que lhe orientavam coisas

estranhas que não eram de seu conhecimento. Esses conhecimentos “estranhos” vinham do seu Daimon³:

[...] um gênio familiar, um demônio, que lhe predizia o futuro e algumas vezes lhe ditava normas de vida. O próprio Sócrates pensava que esse ser lhe era estranho, diferente dele, porque lhe revelava coisas desconhecidas. Esse demônio é o que em linguagem espírita se chama um guia” (RICHET, 2008, p. 38).

Como se pode ver, Richet aproxima *daimon* de uma espécie de “guia”, remetendo a uma possível orientação no curso de vida. Este Daimon de Sócrates lembra o discurso de um dos entrevistados que falou-me a respeito do “guia espiritual” dos pacientes que condizia as suas sessões de TVP. Em um determinado momento de sua terapia, Shimoda descobre que não deveria ser ele quem deveria conduzir a sessão mas sim o mentor espiritual da paciente:

O mentor falou para ela (minha paciente), que disse-me que daqui para frente ele (o mentor) iria, conduzir essa terapia [...] Daí para frente comecei a pesquisar se existia esse tal de mentor espiritual...[...] então ela falou: olha Dr. Osvaldo, meu mentor espiritual está dizendo que, o mentor espiritual é um ser desencarnado diretamente responsável pelo nosso crescimento espiritual. E ele é meu mentor e está falando que daqui para frente, ele pede para que tudo o que ele for falando, eu reproduza e fale para o senhor acompanhar o trabalho que ele vai fazer aqui. Ele está falando que eu não estou conseguindo regredir porque precisa alinhar os chacras, pontos energéticos. Ele está alinhando meus chacras para que eu consiga me concentrar melhor e com isso eu possa trazer mais informações para o senhor (SHIMODA, 2013).

Continuando nossa linha de pensamento a respeito do primeiro período de sua classificação, Richet considera este período de natureza mitológica, ficando em

³De acordo com Richet, a história do demônio de Sócrates era bastante conhecida em toda a antiguidade. Assim, o autor recorre ao escritos de Plutarco: “Sócrates, tendo um entendimento puro e claro, era muito sensível ao que o atingia, e o que o atingia podemos conjecturar que era não uma voz ou um som, mas a palavra de um demônio que, sem voz, lhe tocava na parte inteligente da alma. As inteligências dos demônios, tendo a sua própria luz, brilhavam para aqueles que eram suscetíveis e capazes de tal clarão, não tendo necessidade nem de nomes nem de verbos, dos quais os homens fazem uso quando falam uns com os outros, e por intermédio dos quais eles veem as imagens das inteligências uns dos outros, mas não conhecem as próprias inteligências senão aqueles que têm uma luz própria, divina” (Du daemon de Sócrates, trad. De D’Amyot, Paris, Cussac, XX, 1803. Apud RICHET, 2008, p. 39). Na verdade, Daimon, forma reduzida de *daimonion*, em grego significa “sinal divino” que Sócrates afirmava perceber dentro de si mesmo, em circunstâncias particulares” (REALE, 1995, p.65). Pereira define *daimonion* como “divindade, poder divino, gênio, fantasma, espírito, destino, fado, mau espírito, demônio” (PEREIRA, 1998, p.118). Mesmo que encontremos a tradução de *daimonion* como demônio, é preciso relevar, pois são leituras posteriores, influenciadas pela tradição judaico-cristã. Não é possível pensar no uso desse termo no mundo antigo. “A posição de Sócrates era uma posição previamente dedicada à crença nos deuses, um deus que fala a consciência”, sendo evidentemente a associação desse deus ao deus cristão feita no período medieval (REDYSON, 2012, p.28).

suspensão o aspecto científico sobre essas ocorrências. Portanto, deixa em suspense outras informações relatadas por outros pesquisadores de sua época a respeito desse período e conclui: “nada resta por saber da magia e da adivinhação antigas” (RICHET, 2008, p. 45). Assim como Sócrates, Cícero no seu tratado *De divinatione*, trata de questões metapsíquicas trazendo relatos de premonição. Estes e tantos outros fatos despontam fazendo-se crer que entre os gregos existia um grande acervo histórico de fenômenos merecedores de um olhar no mínimo curioso, embora Richet afirme que:

Por muito tempo, tanto ontem como ainda hoje, se ridicularizou dessas credulidades, levitações de santos, adivinhações de sonâmbulos, pressentimentos de morte por meio de sonhos, curas extáticas, estigmatizados, casas assombradas, aparições. Confundiram atabalhoadamente todas essas crenças com um imenso desprezo, como coisa indigna do menor exame. Parece-me que isso é falta grave. Nem tudo é seguramente verdadeiro nessas histórias: mas também nem tudo é falso (RICHET, 2008, p. 43).

O segundo período chamado mesmerismo foi de natureza magnética, vários pesquisadores mergulharam nessas pesquisas e mais tarde essas experiências de fluidos magnéticos passam a ser substituídas pelo hipnotismo. Este é um período muito rico segundo a ótica de Richet, pois se inauguram grandes experiências acadêmicas onde estes fenômenos ganham um olhar mais científico em torno dos estudos da metapsíquica. Antoine Frédéric Mesmer (1733-1815) inaugura uma nova era de conhecimentos:

Compreendeu-se desde logo que se tratava de fatos novos e extraordinários. Acendeu-se a discussão. A Sociedade Real de Medicina, a Academia das Ciências e a Faculdade – intervieram. Ficou provado que pelos métodos de Mesmer um certo estado psicofisiológico era provocado e algumas vezes podia ser eficaz nas curas das doenças. A nova doutrina conquistou imediatamente numerosos adeptos, tais como médicos, magistrados, gentis-homens, sábios (RICHET, 2008, p. 46).

Este período encerra-se com as novas experiências espíricas, com o evento das irmãs Fox, que inaugurava uma nova época de fenômenos. Esses fatos se estenderam da América a Europa no período entre 1847 a 1872, quando começam a surgir os primeiros interessados nos estudos dos fenômenos, considerado período científico. A princípio, os fatos das “mesas girantes” e ruídos estranhos propagaram-se tornando-se momentos de entretenimento nos salões frequentados pela burguesia.

Mas a curiosidade não se restringiu somente ao âmbito da distração. Os fenômenos das mesas tornaram-se também objeto de observação e pesquisa, abrindo com isso uma fase de investigação científica. Os físicos William Crookes, Oliver Lodge e Michael Faraday, os astrônomos Camille Flammarion e Friedrich Zollner, o naturalista Alfred Russel Wallace, o criminologista Cesare Lombroso e Sociedades Científicas de diversos países, criadas, especialmente para este fim, dedicaram-se ao estudo dos fenômenos (ARRIBAS, 2013, p.3).

Intensificaram-se muitas pesquisas no campo da “ciência pura”. Os fenômenos continuaram a ser estudados pelos metapsiquistas abrindo novas possibilidades, mas sem jamais conquistar total aval das ciências oficiais. As estratégias para se construir uma ciência passa pelo seu momento de desconstrução e que nem sempre o cientista está disposto a abrir mão dessa postura. Após os metapsiquistas, inaugura-se um novo olhar através da parapsicologia que Rhine vem instaurar. Seria uma desconstrução do que puderam avançar os metapsiquistas? Sem dúvida que não. Acredito que introduz-se um novo dispositivo sobre os estudos da metapsíquica, que vai pouco a pouco abrindo espaço para uma nova compreensão de como esses objetos de pesquisa vão ser manipulados, ou melhor, pesquisados.

Os fenômenos mediúnicos que circunscrevem-se na TVP alcançam também, de certa forma, um lidar diferenciado com o inusitado. Os terapeutas desta abordagem por muitas vezes desconstróem conhecimentos e reatualizam novos saberes. Este pensamento está bem presente na fala de uma das entrevistadas que aos poucos percebia que algo precisava ser reconstruído em sua prática e assim redimensionar novas possibilidades para lidar com situações que a terapeuta já percebia tão nitidamente:

[...] Então eu fui começando a perceber e juntava a experiência da minha terapia com aquilo que eu estava começando a ver ao começar a atender, e eu comecei a pensar que tinha que ter algo mais, que realmente não era só aquilo, que alguma coisa estava faltando para as pessoas ficarem melhores e como várias pessoas já tinham me falado do lado espiritual e eu já tinha esse interesse.[...] Minha visão de psicologia foi ampliando e aí fui tentando ter mais conhecimento, eu continuei com a minha fé. Mas eu comecei a questionar aquela religião, aqueles princípios e que já não eram lógicos racionalmente, porque eu comecei a compará-los com a psicologia que eu estava aprendendo, então procurei a Federação Espírita naquele momento para conhecer mais profundamente o que era mediunidade, o que era influência espiritual, o que era isso que todo mundo falava. [...] Isso foi a bagagem para eu começar a TVP (LUCCA, 2013).

Dessa forma, cada etapa parece ser acrescida por um novo conhecimento, nem sempre “bebemos da mesma fonte” mas, de certa forma, os conhecimentos se cruzam e

solidificam outros saberes. Richet com o seu Tratado de Metapsíquica revelava que novos caminhos estavam por vir.

Embora os espíritas tomem o tratado da metapsíquica de Richet como uma referência científica para um aporte de suas práticas, em nenhum momento Richet declara-se espírita. Apesar de ter desvendado outros meios que não beberam da mesma fonte de Kardec, teve por este uma grande admiração, embora seguisse por outros caminhos.

A visão da Metapsíquica de Richet foi então explanar fatos e discursões acerca dos fenômenos psíquicos já bem discutidos naquela época. Resolve então, Richet, balizar, colimar tais “possíveis teorias” aproximando-as de uma nova categoria de conhecimentos que pudessem então afastar-se de devaneios e nebulosas interpretações. O olhar que Richet traz sobre os chamados fenômenos mediúnicos, interpretados assim pela visão Kardecista, é mais um postulado controverso que segundo Richet apresenta lacunas que parecem desconsoladoras e frágeis. Com esta nova categorização dos fatos até então pesquisados e estudados exaustivamente Richet nos lança em um novo arcabouço do pensar a respeito de novas probabilidades de se construir uma teoria a respeito dos fenômenos até então demonstrados e interpretados por outros postulados. Sabia o próprio Richet que suas interpretações iriam ser rechaçadas por outros saberes mas ainda assim o faria pois compreendia que seria possível estudar tais fenômenos aproximando-os de uma visão mais científica, afastando-se de uma concepção puramente religiosa que dominava naquele momento.

Dessa forma, o olhar da Metapsíquica acerca dos fenômenos mediúnicos traz uma percepção distinta dos fatos percebidos e que a luz da Metapsíquica não obstante, são numerosos e autênticos merecendo assim serem contemplados e discutidos sob um novo olhar. Embora Richet não tenha trabalhado fenômenos mediúnicos, como alguém possuído, falando uma outra voz, atribui essa “outra voz” a própria mente humana que seria capaz de tais atributos e que mais a frente a Parapsicologia irá retomar trazendo um novo olhar que ampliará ainda mais esta visão estabelecida por Richet. Sem dúvida, não cessarão as controvérsias em torno desta temática que, ao meu ver, suscitarão diversas narrativas e interpretações.

1.2 O olhar da parapsicologia sobre os fenômenos ditos mediúnicos

Este é um período em que a ciência alcança no campo das investigações grandes avanços. As ideias positivistas de Auguste Comte traziam a certeza de que tudo poderia ser explicado através da racionalidade científica da época. Proliferaram cientistas em vários campos do saber:

Provavelmente a empreitada neste sentido que reuniu o maior número de pesquisadores foi a Society for Psychical Research (SPR), fundada por pesquisadores da Cambridge University, na Inglaterra, em 1882. Além da SPR, vários outros grupos de pesquisa foram e têm sido formados com objetivos similares. A seguir são listados alguns dos principais exemplos: American Society for Psychical Research, EUA (fundada por Richard Hodgson e William James em 1885), Instituto de Metapsíquica de Paris (fundado por Charles Richet em 1919), Laboratório de Parapsicologia na Duke University, EUA (fundado por J.B. Rhine em 1927), Division of Perceptual Studies na University of Virginia, EUA (fundado por Ian Stevenson em 1967) e VERITAS Research Program na University of Arizona, EUA (Fundado por Gary Schwartz em 1997) (ALMEIDA, 2007, p. 3-4).

No prefácio de seu livro: *O Novo Mundo do Espírito* (1966), Rhine inicia colocando a questão do mistério, do oculto, na qual o homem vem tentando entender por longos períodos da história. E assim Rhine nos traz uma percepção de mundo que o homem ainda não mergulhou e que o parece também oculto e desconhecido:

O homem tem descoberto muitos novos mundos – mundos a êle exteriores. Não foi tão bem sucedido em relação ao interior. Os novos mundos do passado vão desde as profundezas do próprio planeta – e até mesmo dentro do átomo – até muito além do espectro visível e das estrelas visíveis. Mas o grande espírito humano descobridor até hoje não explorou inteiramente a sua própria natureza enigmática (RHINE, 1966, p. 3).

Este mundo desconhecido que o homem não havia mergulhado tão profundamente, segundo Rhine, seria verdadeiramente a realidade da mente. Talvez tenha sido este pensamento profundo a respeito de explorar as incógnitas da mente, ou talvez imbuído pelo espírito da época em que as pesquisas e desafios em torno da ciência racionalista buscava querer explicações para fatos ainda não comprovados pela visão cartesiana.

Nessa efervescência de busca pelo novo, reúnem-se diversos exploradores em busca de encarar novos conhecimentos que pudessem explicar o significado da vida,

através das pesquisas que pudessem ser comprovadas. Em seu espírito de pesquisador Rhine questiona como anunciar tais descobertas num contingente tão diverso de opiniões onde as controvérsias teriam seu espaço. Este pensamento aparece claro em seu discurso quando nos diz:

Como os exploradores anunciam que encontraram novos mundos? À semelhança de COLOMBO, em geral eles mesmos não o sabem a princípio. Contudo, quando comunicam o que acharam aos seus semelhantes, especialmente ao grupo profissional a que pertencem, a resposta que recebem: “impossível, nunca ouvimos falar a êsse respeito; não existe qualquer mundo dêsses”, indica-lhes pelo menos que o que acharam é nôvo. Se, em seguida, são capazes de responder às críticas formuladas, sobreviver à zombeteira rejeição das descobertas durante uns dez ou vinte anos, e finalmente firmar o que alegam entre os poucos que o examinam cuidadosamente ficam sabendo que o “mundo” dêles não só é nôvo como verdadeiro. Não é ilusão (RHINE, 1966, p. 3-4).

Para Rhine este novo mundo é novo quando o que se descobre acrescenta e muda distintamente a maneira que os homens têm de encarar o mundo, quando esta descoberta traz influências em nossa maneira de viver (RHINE, 1966). Complementamos ainda chamando atenção de que existem critérios na busca desse novo mundo: “É preciso descobrir as partes restantes da realidade concreta inteira e reuni-las a pouco e pouco. Tal operação em geral toma bastante tempo” (RHINE, 1966, p. 4). É interessante perceber neste pesquisador a ideia de que o conhecimento para se tornar uma ciência, se faz aos poucos, em processo e seguindo metodologia, juntando partes para formar um todo. Os poderes “estranhos” que vão ser analisados por Rhine passam por essa perspectiva. Segundo este pensamento podemos concluir que a caminhada que fez a metapsíquica é apenas um recorte e é continuada como num jogo de quebra-cabeças pela “nova ciência” que vai ser “reconhecida” como Parapsicologia.

Nunca um indivíduo só realiza inteiramente os progressos de certa magnitude de novos mundos. Via de regra, há muito trabalho em grupo bem como o esforço coordenado de muitos elementos auxiliares, demasiado numerosos para que se possa reconhecê-los pelos meios ordinários. [...] É de tal maneira realização de grupo, trabalho de tantos indivíduos, que seria vão tentar identificar a contribuição dêste ou daquele. Ao contrário, a obra em si é que tem importância; a principal recompensa está na realização (RHINE, 1966, p. 4).

Apesar de estes pesquisadores estarem interessados em estudarem os fenômenos que desafiavam os conhecimentos da época, as divergências eram largas. Assim como foi com a metapsíquica de Richet, a Parapsicologia buscou também explicar os

fenômenos psíquicos através de uma produção de pesquisas que para seus protagonistas viria a ser uma ciência. Assim surge na década de 1930, a Parapsicologia. O termo “Parapsicologia” foi cunhado pela primeira vez por Max Dessoir em 1889, contudo, coube a Joseph Bank Rhine consolidar os estudos desse novo campo. No de 1930, dirigiu o primeiro laboratório voltado para os estudos da Parapsicologia, na Duke University, Carolina do Norte, onde comandou os primeiros estudos nesta Universidade sobre telepatia e clarividência. Empenharam-se nas pesquisas utilizando-se de método quantitativo, estudaram e avaliaram os fenômenos que em sua época careciam de compreensão.

Rhine e seus colaboradores formaram as primeiras bases para o surgimento da Parapsicologia. Dessa forma, como objetivo principal, propôs o estudo dos fenômenos inabituais, ou seja, os fenômenos desconhecidos da mente. Suas pesquisas a princípio, direcionaram-se as investigações dos fenômenos de sobrevivência do pós-morte utilizando-se para isso a faculdade de médiuns. Suas experiências nessa área não foram proveitosas, pois o pesquisador estadunidense percebia certa carência nos métodos de investigação por não conseguir estabelecer uma relação científica da veracidade dos fenômenos mediúnicos. Dessa forma, aprofunda seus estudos na comprovação das capacidades extra-sensoriais que a princípio trouxeram melhores resultados. O fruto dessas pesquisas rendeu-lhe sua tese de monografia sobre "Percepção Extra-Sensorial", da qual traça a sua classificação para os fenômenos paranormais. O resultado de seus experimentos consta de, aproximadamente, 80.000 experimentos tendo como método quantitativo um trabalho estatístico matemático que iniciou desde 1927. Para o formulador desta teoria, nada há de novo:

Esse novo mundo é somente novo para a ciência. Sempre esteve presente. As suas manifestações espontâneas exibiram-se em todas as culturas humanas de que há notícia aos olhos e aos ouvidos dos homens. Quase todos estão mais ou menos familiarizados com elas; chamam-se comumente de experiências "psíquicas" ou, mais profissionalmente, ocorrências psi. O ramo da ciência que resultou do estudo desses fenômenos psíquicos foi conhecido primeiramente como pesquisa psíquica; chama-se atualmente parapsicologia. Essas experiências espontâneas ainda servem de introdução ao campo, muito embora só por si não se considerem como prova suficiente (RHINE, 1966, p.5).

A parapsicologia procura estudar os fenômenos psíquicos que anteriormente eram chamados de ocultos, sobrenaturais. Segundo essa perspectiva, estes fenômenos são provocados pela mente humana, dessa forma refuta a hipótese de serem essas forças

vindas do mundo espiritual conforme apregoa o paradigma espírita. “Não são forças extraterrenas ou desconhecidas que originam estes fenômenos, mas, sim, são gerados pelo espírito humano (alma) despertado pelas impressões de um ou mais sentidos (hiperestesia)” (ARESI, 1972, p. 34).

O termo mais adequado criado por Rhine para o estudo dos fenômenos ficou conhecido como PSI. “As propriedades PSI (início da palavra grega *Psyché* = alma) são denominadas também de PES (percepção extra-sensorial) ou ESP (do Inglês: extra-sensorial perception)” (ARESI, 1972, p. 39).

Rhine e tantos outros pesquisadores estudaram essas manifestações de forças e cada pesquisador cunhou o termo que mais lhe pareceu apropriado a sua experiência. Para Willian Crookes (1832-1919), que cunhou o termo de “energia psíquica”, esta mesma energia poderia manifestar-se de várias maneiras, a saber: se, por exemplo, essa energia deslocasse objetos a distância o fenômeno seria conhecido como *telecinesia*; nos casos em que o corpo físico experimentasse uma experiência da ação gravitacional, o mesmo pesquisador cunhou o termo de *levitação* (ARESI, 1972).

É interessante notar que esta nova ciência parece ter a postura de não se colocar como detentora de um saber acabado, mas de forma cautelosa busca compreender este saber, carece de avanços em suas pesquisas para que assim alcancem provas mais suficientes. É bem clara essa preocupação em Rhine quando analisa nas suas pesquisas os fatos estudados procurando reforçar uma seriedade e cautela, quando nos informa ao relatar vários exemplos desses fenômenos: “Que ninguém se lembre, neste ponto, de explicar estes casos de experiências psíquicas por maneira não-psíquica. Seria deixar de perceber-lhes a significação. Não se devem encarar tais experiências como prova bastante só por si” (RHINE, 1966, p. 10-11).

Tomemos como exemplo alguns dos fatos psíquicos relatados por Rhine em seu livro *O novo mundo do espírito*, onde o mesmo discute a clarividência, a telepatia, precognição e a influência do espírito sobre a matéria:

Um dia veio ver-me uma estudante para dizer-me que a companheira de quarto acordara transtornada por ter ouvido a avó chamá-la pelo nome. Estava certa que isso significava alguma novidade em casa e desejava telefonar. Persuadiram-na, contudo, que esperasse até de manhã. Quando entrou em contato com a família soube que durante a noite o pai tivera um enfarte e a avó tinha chamado a moça, sem se lembrar, devido à comoção geral, que era interna na escola. Em Springfield, New Jersey, um menino de

quatro anos acordou a gritar em um pesadelo; imaginava que o pai estivesse lutando para sair de dentro de água, estando no meio de juncos altos. Dois dias depois virou o barco em que estavam o pai e o cunhado, que se achavam em uma lagoa procurando apanhar patos durante um vendaval. O cunhado pereceu afogado e o pai somente se salvou, depois de uma luta desesperada no meio dos juncos altos. Lembrou-se do sonho do filho quando abria caminho desesperadamente no meio da vegetação.

Uma senhora de nossa amizade que conheço há vinte e cinco anos passou a noite, em companhia de uma filhinha, em casa de uma amiga que fora visitar. De noite, a criança, aterrorizada, acordou-a, segurando-se a ela a chorar: "Mamãe, mande embora esse velho". Dizia que estava arrastando uma corrente. De manhã a visita contou à dona da casa o que tinha acontecido; esta revelou que outras pessoas tinham visto um velho com uma corrente naquele quarto. Ela havia esperado que ele não "voltasse". Uma senhora do Ohio escreveu contando que na manhã em que o neto de sete anos morreu, um gerânio, que estivera no peitoril da janela da sala de jantar durante todo o inverno, caiu, quebrando-se o vaso em pedaços. Não se observou qualquer pancada ou qualquer outro motivo para que o vaso tombasse naquela ocasião. Ela era de opinião que havia caído no momento exato em que o neto faleceu. Algumas outras pessoas da família tinham tencionado levar-lhe um gerânio naquela manhã. Na tarde seguinte a avó e a mãe do menino estavam sentadas na sala de jantar fazendo uma refeição e falando a respeito do menino. Ambas estavam olhando o vaso com o gerânio, que tinha sido novamente colocado no peitoril. "Mãe, viu a planta?" exclamou a filha. "Parece ter saltado". A avó respondeu: "Vi sim, foi como se Jeffrey estivesse procurando falar conosco". Antes que qualquer das duas pudesse levantar-se para ver se a planta estava firme no vaso, ela caiu novamente para frente e foi ao chão (RHINE, 1966, p. 9-10).

Segundo Rhine, combinam-se duas características importantes para que os fenômenos sejam analisados como de ordem psíquica. Veja nas palavras do próprio Rhine quais características demandam essa experiência:

[...] primeiro, a possibilidade de atribuir o acontecimento a certa espécie de órgão ou causação pessoal. Parece mais acontecimento impessoal semelhante a relâmpago; é preciso que implique alguma personalidade. Segundo, não deverá existir qualquer explicação razoável de maneira pela qual o acontecimento se produziu, nenhuma explicação, isto é, em termos da ciência ortodoxa atual. A experiência psíquica é, portanto, uma espécie de milagre – quer dizer, fenômeno inexplicável – mas que não se atribua à divindade (RHINE, 1966, p. 11).

Para Rhine, continua sendo um grande desafio conhecer a natureza desses fenômenos, uma vez que a própria natureza do homem ainda não foi totalmente explorada, o homem continua sendo a chave do grande mistério, “mui pouco se conhece realmente com relação ao que há de fundamental nas pessoas e na personalidade; isto é, pouco de tudo quanto é mister conhecer” (RHINE, 1966, p. 11). Baseado nesta proposição Rhine se pergunta: “Que é, então que torna estes fenômenos psíquicos tão singulares e desafiadores de tal maneira que a investigação dessa área particular do vasto desconhecido tenha patentado novo mundo?” (RHINE, 1966, p. 11- 12). Sob a

ótica do autor, o grande embaraço para explicar tais fenômenos tão desconcertantes e revolucionários estão nos mecanismos de que dispõe a nossa cultura. E mais uma vez Rhine se pergunta: o que dificulta responder prontamente com explicações claras a respeito dos fenômenos?

A resposta é que os sábios da nossa cultura só dispõem de duas espécies gerais de explicações para tudo quanto acontece: todas as teorias quanto às causas fundamentais dos acontecimentos têm de figurar sob um de dois títulos, naturais ou sobrenaturais. As primeiras teorias do homem a respeito do que se passa no mundo importavam largamente no sobrenatural; mas, mais tarde, quando o esforço para descobrir causas mais racionalmente aceitáveis foi coroado de êxito, a ciência conquistou uma área após outra e o sobrenatural teve de ceder lugar. Como o progresso era naturalmente maior e mais fácil nas áreas mais objetivas, como as que tratam da matéria e do movimento, os conhecimentos acumularam-se mais rapidamente nas ciências físicas. Daí terem-se tomado os padrões do pensamento científico das leis físicas, dos conceitos físicos de causação e das propriedades físicas dos seres. Como a natureza física caiu sob controle em primeiro lugar, fixou-se de tal maneira o modelo para os hábitos intelectuais da ciência como um todo (RHINE, 1966, p. 12).

O período científico galga novas descobertas, através de novas explicações para compreender os fenômenos que ganhavam novas interpretações à medida que as pesquisas avançam. Conforme citamos anteriormente, segundo Richet, o período científico que tratou dos estudos dos fenômenos psíquicos iniciou-se com as pesquisas de Crookes e se estende até os dias atuais e tem como característica principal um método de pesquisa que obedece ao rol da cientificidade para o estudo dos fenômenos chamados agora de paranormais. É importante esclarecer que embora siga a um rigor científico, o método destas pesquisas são de outra linhagem. Vejamos o que nos aponta um dos primeiros estudiosos desses fenômenos, Sir Willian Crookes, segundo Mazonetto,

No campo da paranormalidade, fez pesquisas atinentes à materialização tangível de um espírito, que chamava a si mesmo de Kate King, através do uso do ectoplasma da médium Florence Cook, que é a substância semimaterial desprendida do corpo dos médiuns de efeitos físicos. Durante aproximadamente quatro anos consecutivos, fez observações se análise desse fenômeno, utilizando vários recursos técnicos disponíveis em sua época (MAZONETTO, 1990, p. 143).

Estas experiências feitas por Crookes despertaram no campo da pesquisa científica da paranormalidade outros grandes cientistas, entre eles o próprio Richet, Cesare Lombroso, e Ernesto Bozano (MAZONETTO, 1990). A partir desse momento

histórico é que surgiram as primeiras tentativas de estruturação de uma nova ciência que cuidasse da investigação desses fenômenos, não sendo mais concebidos como míticos, mágicos pois, a nova ciência já fizera suas primeiras experimentações e alcançava diversas interpretações e com isso, novas nomenclaturas surgiam para os tais fenômenos.

Na Grã-Bretanha e nos demais países de língua inglesa, recebeu o nome de ciência psíquica; na França e em outros países latinos, de metapsíquica, e na Alemanha, de parapsicologia. Este último termo foi cunhado por Max Dessoir e apresentado ao público por volta de junho de 1889. Mais tarde, em 1930, Joseph Banks Rhine adotou esse termo para a designação das pesquisas experimentais a que dava início, cunhando também uma nova terminologia, para desvincular seus estudos das conotações já estabelecidas, muitas das quais enfeixadas dentro da metapsíquica (MAZONETTO, 1990, p. 144).

Como se pode perceber os tais “fenômenos estranhos”, já não se mostram tão estranhos, pois com a proliferação das pesquisas científicas, o fator não está mais tanto em negar, mas talvez em aceitar que tais fenômenos possam entrar no rol das discussões, das pesquisas para serem estudados e assim afastados do rótulo que carregou por muito tempo de ocultismo e de sobrenatural.

Como ficou demonstrado, esses fenômenos fazem parte da natureza essencial do homem, já que estiveram e estão presentes em todos os momentos da história humana. Presentemente, contudo, podem ser estudados cientificamente, e por isso melhor compreendidos, sem os componentes míticos que têm sido a característica distintiva das experiências paranormais nas religiões e seitas tradicionais (MAZONETTO, 1990, p. 144).

No bojo destas pesquisas surge a parapsicologia que tem como objeto de estudo o fenômeno da paranormalidade, como se dão suas manifestações, “bem como dos demais fenômenos inabituais de ordem psíquica e psicofisiológica” (MAZONETTO, 1990, p. 145).

Abrem-se diversas possibilidades em vários campos das pesquisas parapsicológicas afim de compreender os diversos fenômenos metafísicos:

Os pontos principais do "momento parapsicológico", segundo nos parece, são os seguintes:

- a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado *teta* (oitava letra do alfabeto grego);
- b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de

Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de "reencarnações sugestivas", embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhariche sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Moinho, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro *Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro*, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil (PIRES, 1974, p. 15- 16).

Há duas correntes da parapsicologia que concebem os fenômenos interpretando-os a partir de diferentes posições:

Por exemplo: os parapsicólogos norte-americanos e europeus, da escola de Rhine, encaram os fenômenos como de natureza psicológica; e os parapsicólogos russos, da escola soviética, encaram os fenômenos como de natureza fisiológica. Os primeiros afirmam, atualmente, a natureza extrafísica, ou tipicamente psíquica, desses fenômenos, que nada teriam de material; os segundos sustentam a sua natureza fisiológica, e portanto material (PIRES, 1974, p. 22).

A parapsicologia de Rhine avançou para área extrafísica diferentemente dos russos que preferiram o materialismo. Embora díspares em seus métodos, as duas correntes foram importantes para retirar do obscurantismo levando a pesquisas científicas bem dirigidas.

Em alguns momentos a parapsicologia é vítima de aventureiros e embusteiros ou mesmo ilusionistas que conforme nos afirma Pires (1974), arrastam multidões com espetáculos para divertir pessoas sensíveis e torná-las alvos fáceis de seus dotes

paranormais, divertindo uma plateia desapercibida com objetivos obscurantistas. Dessa forma, cai em defesa a respeito de uma ciência honesta e séria quando nos diz que:

A Parapsicologia se fundamenta na pesquisa científica de laboratório, arduamente realizada, com todos os rigores necessários do controle científico, obtendo resultados que são submetidos a tratamento matemático para que possam ser legitimamente avaliados. Fora disso, o que temos é simples empirismo, charlatanismo ou ingenuidade (PIRES, 1974, p. 24).

Afim de investigar os fenômenos psíquicos usou-se um termo que pudesse afastar qualquer conceito já estabelecido com implicações interpretativas. Para isso, os professores Wiesner e Thoules (1942) cunharam um termo breve e científico para designar tais fenômenos: Psi.Com esta terminologia científica quiseram assim, esses estudiosos afastar qualquer conceito já preconcebido evitando assim interpretações já enquadradas por outros termos como os já utilizados vindos dos metapsiquistas, dos espíritas ou espiritoides, dos mesmeristas ou hipnoides, entre outros, e que para assim pudessem desenvolver novas investigações sem tantas controvérsias. (Cf. Pires, 1974).

Afinal o que estuda a Parapsicologia? Na parapsicologia os fenômenos de criptestesia ou metapsíquica subjetiva, termos utilizados por Richet, passam a ser denominados de psigamma ou percepção extra-sensorial. O novo termo cunhado pela parapsicologia em nada altera o significado do termo anterior, ou seja, assim como a criptestesia de Richet, a psigamma é também “uma forma de obter conhecimento que prescinde dos sentidos fisiológicos. Compreende a **Telepatia**, **Clarividência** e a **Precognição**” (Cervino, 1968, p. 11). Assim podemos definir os termos anteriores conforme o mesmo autor em:

Telepatia – É a percepção extra-sensorial do conteúdo mental de outro indivíduo, ou como se diz correntemente, a transmissão de pensamento. Na **Clarividência** percebe-se diretamente a realidade objetiva, sem o concurso dos sentidos e a participação de conteúdo mental de outro. A **Precognição** é o conhecimento antecipado de um fato que ainda não ocorreu, equivale à Presciência ou premonição dos autores antigos. É claro que os metapsiquistas do passado conheciam sobejamente essas três formas de **Percepção extra-sensorial**(Rhine), **Criptestesia** (Richet), **Metagnomia** (Bairac) ou ainda *Conhecimento Supra-normal* (Osty). (CERVINO, 1968, p. 11- 12).

Em se tratando dos fenômenos metapsíquicos objetivos de Richet, a parapsicologia de Rhine constata também a possibilidade de a matéria sofrer uma ação da mente, o que ele chamou de “[...] **Psicocinesia** ou **PK** ou fenômenos de **Psi-Kappa**” (CERVINO, 1968, p. 12). Percebemos até o momento uma certa familiaridade não nos

termos mas nos seus significados e assim complementando este pensamento nos resume então Cervino:

Os propósitos da parapsicologia e da Metapsíquica são mais ou menos idênticos como se verifica cotejando as respectivas definições. Os resultados, paralelos até certo ponto, guardada a ressalva em relação aos fenômenos objetivos. A diferença essencial reside nos métodos adotados e explica as naturais limitações da atual Parapsicologia, que ganhou entretanto em precisão científica. De fato, o metapsiquista seguia o critério qualitativo, procurava um experimento, um fenômeno crucial, definitivo, que escapasse às sumárias explicações naturalísticas (CERVINO, 1968, p. 13).

Outro pesquisador dos fenômenos psíquicos dentro da parapsicologia, Albino Aresi (1972), em seu livro: “*Homem total e Parapsicologia*”, traz outra divisão a respeito de tais fenômenos. Didaticamente ele divide em fenômenos *normais* e *paranormais* que subdividem-se em: superstições, fenômenos de causas paranormais e fenômenos de causas metapsíquicas. Considera como *superstições/crendices* tudo aquilo que para este autor não tem fundamento científico, tais como: a astrologia, o horóscopo, a numerologia, a cartomancia, o feitiço, benzeduras e simpatias, entre outras. Desqualifica todos esses fenômenos por serem estranhas à fé religiosa e a razão científica. Segundo Aresi: “Superstição (do lat. *superstitio*) é uma crença estranha a fé religiosa e contrária a razão. É a veneração que se dá de um modo indevido àquilo que não se deve. É atribuir um efeito espiritual a uma coisa ou objeto material” (ARESI, 1972, p. 214). Para Otto (*O Sagrado*, 1917), talvez esta seja uma visão um tanto reducionista deste autor, que negligencia o lado racional dessas experiências e perceber os fatos apenas como superstição.

Em Eliade (2001), o que é visto como supersticioso, seria uma manifestação de hierofania, misterioso, “de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural” “profano” (ELIADE, 2001, p. 17). Esta interpretação de superstição é nada mais que a visão do homem ocidental em interpretar tais fatos:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras, ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da *pedra como pedra*, de um culto da *árvore como árvore*. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são *hierofanias*, porque “revelam” algo que já não é mais uma pedra, nem árvore, mas o *sagrado*, o *ganz andere* (ELIADE, 2001, p. 17, 18). (grifos do original)

Por traz do que o homem contemporâneo interpreta como superstição estaria o mito⁴, que seria uma forma de compreender os fatos atuais e assim fazer seus diálogos.

É interessante ressaltar mais uma vez que os estudos dos fenômenos psíquicos tanto na metapsíquica quanto na parapsicologia foram idênticos quanto aos seus propósitos, apenas diferenciando-se em seus métodos.

De fato, o metapsiquista seguia o critério **qualitativo**, procurava um experimento, um fenômeno, crucial, definitivo, que escapasse às sumárias explicações naturalísticas. [...] o que caracteriza a parapsicologia é justamente o método **quantitativo**, estatístico, que consiste em aplicar em larga escala, a quaisquer indivíduos, testes especiais que evidenciam o exercício de uma função Psi (CERVINO, 1968, p. 13- 14).

Rhine seguiu a rigor suas experiências, afim de por a prova todo e qualquer tipo de embuste e fraude que pudesse refutar suas pesquisas. Entre os fenômenos Psi mais estudados na parapsicologia temos em destaque a clarividência, a telepatia e a precognição.

Provas variadas e inúmeras, feitas com o máximo rigor para afastar quaisquer contra-hipótese, indicam um desvio bastante significativo para colocar a clarividência entre as verdades experimentais. Os testes de telepatia e precognição são feitos segundo o mesmo padrão metodológico (CERVINO, 1968, p. 14)

O postulado sobre as explicações dos fenômenos psíquicos na visão da parapsicologia ainda são controversos, assim como os primeiros metapsiquistas dividiram-se em opiniões, não é diferente para esta corrente que tenta nomear, classificar os fenômenos de ordem incomum. Pelo exposto, até onde pudemos compreender, a parapsicologia procura compreender os fatos e variáveis que interferem nas ocorrências da psiquê humana.

As experiências de Percepção Extra Sensorial: telepatia, clarividência e precognicao e da PK (Psicocinesia), continuam sendo pesquisadas e para alguns parapsicólogos contemporâneos, não se chegou ainda a uma conclusão a respeito da

⁴O mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma “criação”: conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser (Eliade, 2001, p.85).

relação dessas experiências com os fenômenos espíritas. Embora a Parapsicologia sirva de aporte para outros postulados de tendência católica ou espírita que lutam para cientificar suas crenças, os fenômenos psíquicos vão ganhando suas variações e interpretações em busca de suas legitimações.

1.3 A perspectiva kardecista dos fenômenos mediúnicos

Definir historicamente um tempo para o surgimento desses fenômenos é no mínimo importante para situar o Espiritismo, uma das doutrinas que se origina na metade do século XIX e que traz em suas origens conceitos já bem antes experienciados por outros visionários e que ganharam um tom pretensamente científico através dos estudos do reformador francês Hippolyte-Leon Denizard Rivail.

Para a maioria dos historiadores do Espiritualismo, as matrizes intelectuais e do imaginário espiritualista do século XIX encontram-se no século XVIII e fortemente ligadas às figuras dos visionários e místicos Emanuel Swedenborg e Kaspar Lavater (SILVA, 1999, p. 10).

Estes visionários e místicos trouxeram uma cartografia do mundo espiritual traçando uma verdadeira doutrina ainda não conhecida de revelações que posteriormente seria confirmada pela doutrina dos espíritas, através de Kardec. Embora existissem outras sociedades de cunho espiritual como os espiritualistas e os teosofistas dedicados a estudos ligados a essa área, tudo era realizado de forma oculta, secreta, misteriosa. Este movimento parece impulsionar novos saberes ganhando impulso da ciência positivista que a todo custo procurava especular um domínio até então exclusivo da religião.

Este movimento incorporou princípios científicos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade e combateu o materialismo simplista lançando novas bases para pensar verdades religiosas sem os dogmatismos das religiões tradicionais. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma propondo uma fé racional, encarando os fatos sobrenaturais a luz da razão, sob princípios éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática (SILVA, 1999, p. 19).

A revelação a respeito do mundo dos mortos foi encontrando na ciência e na filosofia e posteriormente na religião, um aporte para ser analisada sob novos crivos. “Não mais profetas, Messias ou sacerdotes falando da morte ou da imortalidade mas os próprios mortos falavam da sobrevivência espiritual, do Além, [...] (SILVA, 1999, p. 20). Dessa forma o grande influxo para os estudos dos fenômenos mediúnicos surge no final do século XIX e início do século XX abrangendo Europa e América do Norte. Conforme vimos anteriormente, há nessa época um grande interesse pelos discursos espiritualistas, surgindo assim um movimento de cunho espiritual, filosófico e científico que busca compreender as diversas manifestações ditas espirituais. “O movimento espiritualista no século XIX incentivou o estudo, a aquisição de conhecimentos, o aprimoramento intelectual e moral, em suma, a transformação do próprio homem” (SILVA, 1999, p. 23). A sociedade da época mergulhada neste “aprimoramento intelectual”, busca por respostas e “propostas sociais não revolucionárias de transformação do homem e da sociedade” (SILVA, 1999, p. 23), que aparecem agora através de discursos de cunho espiritual. Foi especificamente com os discursos do codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, que as concepções a respeito da morte, dos contatos ditos espirituais, ganharam uma nova identificação fazendo com que novas concepções a respeito do mundo mágico e imaginário dos fenômenos espirituais pudessem ser desvendadas:

Explorar a morte e o mundo dos espíritos transformava-se numa maneira de abordar o insondável, de alcançar uma compreensão mística com a eternidade, uma comunhão com o infinito cósmico, com a Natureza Universal e Eterna, apoiada na Razão Científica e no empirismo do século XIX (SILVA, 1999, p. 24).

Assim sob o influxo da ciência positivista e espírito de pesquisador nato, Allan Kardec, através de seus estudos sistematizados, legitima seu discurso empregando a categoria mediunidade para explicar os fenômenos vistos como espirituais e que circulavam não apenas nesta época, mas anteriormente, conforme citado anteriormente. Dessa maneira, o codificador Kardec constrói todo um arcabouço teórico a respeito das máximas mediúnicas. Percebe-se, então, que a categoria “fenômenos mediúnicos” é própria do Kardecismo e aparece como um discurso legitimador, pois bem antes, estes fenômenos eram percebidos de outras formas. É através da ciência positivista imbuída de uma filosofia secularizada que o domínio racional perpassa o campo religioso e como este novo pensar, inaugura-se uma nova forma de conceber o mundo que preso ao

dogmatismo religioso não concebia os fatos à luz da razão. Portanto, o termo mediunidade instala-se com o discurso de Kardec no advento da modernidade percorrendo desde o século XIX até a nossa contemporaneidade. Essa compreensão do termo mediunidade é vista também por Cavalcanti (1983), como um termo circunscrito que deve ser visto através de um olhar histórico para ser melhor compreendido. Contribui ainda com esse pensamento Augras (1983), quando afirma que não se pode fazer interpretações parciais da mediunidade, fora dos contextos que possa envolver elementos culturais que estão presentes no próprio fenômeno.

Retomando os estudos dos fenômenos estranhos, agora chamados de mediúnicos numa perspectiva kardecista, podemos dizer que o auge desses fenômenos ganharam repercussão com o caso das irmãs Catherine Fox (1841-1892) e Margaret Fox (1838-1893), conhecidas como as irmãs Fox que protagonizaram os episódios ocorridos em Hydesville (1848). Este evento despertou toda a comunidade científica não somente dos Estados Unidos como da Europa (Cf. ZIMMERMANN, 2011). Aos poucos foram multiplicando-se os fenômenos, fazendo-se realizar em vários lugares ao mesmo tempo, causando controvérsias e grande curiosidade. Surge então nesse contexto a figura do Hyppolyte Léon Denizard Rivail que mais tarde utilizou o pseudônimo de Allan Kardec delimitando-se assim sua nova trajetória, que daria suporte a uma nova doutrina: A doutrina dos Espíritos. Assim como Swedenborg e tantos outros, Kardec também foi “convocado” pelo “mundo espiritual” para ser protagonista dos discursos do mundo invisível. Remetendo-nos ao Livro dos Médiuns, uma das obras destaque de Kardec em que se tratará deste tema sob um olhar mais sistemático, podemos encontrar no capítulo XXXII deste livro a tradução do termo *médium*. Este neologismo criado por Kardec é usado para referir-se a pessoa que serve de intermédio para as comunicações espirituais. Assim, “Médium (Do latim — médium, meio, intermediário.) — Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens” (KARDEC, 2003, p. 577). Para uma melhor compreensão, Kardec classifica dois tipos de médiuns: os de efeitos físicos e os de efeitos intelectuais. No paragrafo 187 do Livro dos Médiuns, Kardec esclarece melhor essa diferença: “Os primeiros são aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas; os segundos, os que são mais especialmente próprios a receber e a transmitir comunicações inteligentes”.

No Livro dos Médiuns, capítulo XIV, ensina ainda Kardec que:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui,

portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos (KARDEC, 2003, p. 234- 235).

Chibeni analisou a revista *Revue Spirite* e encontrou no termo médium, duas concepções distintas:

Acepção ampla:

Qualquer pessoa apta a receber ou a transmitir comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, quaisquer que sejam o modo empregado e o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até à produção dos mais insólitos fenômenos.

Acepção restrita:

Em seu uso ordinário, todavia, esse termo tem uma aplicação mais restrita, aplicando-se às pessoas dotadas de um poder mediador suficientemente grande, seja para a produção de efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra (CHIBENI,1997, p. 1-2).

Conforme citado acima observo então que o termo médium, ganha dois significados de acordo com o grau dessa manifestação. Ficando claro então, conforme as definições acima, que as manifestações aparentemente mais tênues, envolvendo percepções mais sutis e pouco ostensivas, são chamadas de mediunidade de um campo mais amplo e que se faz presente em todas as pessoas de maneira geral. No que diz respeito à acepção restrita, enquadram-se aqueles que desempenham um grau maior dessa mediunidade, apresentando-se de forma mais ostensiva e que vai receber o nome de mediunidade de prova. A concepção ampla corrobora com o que diz Kardec que todos são médium num grau qualquer, para mais ou para menos, podendo sentir ou expressar a mediunidade num grau sutil como através da intuição. No que diz respeito à concepção restrita podemos compreender como as manifestações desses fenômenos de forma mais ostensiva. Segundo Armond (2012), a faculdade mediúnica pode ser compreendida sob dois aspectos: mediunidade natural e mediunidade de prova. Segundo

este autor, a mediunidade natural seria conquistada de acordo com a evolução do indivíduo: “à medida que evolui e se moraliza, o indivíduo adquire faculdades psíquicas e aumenta, conseqüentemente, sua percepção espiritual” (ARMOND, 2012. p. 13). No que diz respeito à mediunidade de prova, esse mesmo autor discorre afirmando que essa forma de manifestação mediúnica apresenta-se mais ostensiva e é recebida como uma condição de conquista de seu aprimoramento, uma espécie de cooperação compulsória (ARMOND, 2012). A natureza da faculdade mediúnica aparecerá então, numa dinâmica variada de acordo com as predisposições de cada ser. Segundo podemos perceber anteriormente, a faculdade mediúnica é um atributo comum a todo ser humano e que todos vão partilhar em graus diferenciados. Ainda segundo Armond, fica claro que a mediunidade de prova é vista como uma condição de aprimoramento para aqueles que necessitam resgatar seus débitos para o seu melhoramento, aperfeiçoamento. Para esses, a mediunidade de prova se faz bastante ostensiva. O sujeito a recebe não como mérito, mas como empréstimo para fazer desse instrumento um meio de crescimento e aprimoramento. Ainda segundo Kulcheski:

Mediunidade é a faculdade humana, pela qual se estabelecem as relações entre homens e os espíritos. Todos nós possuímos mediunidade, embora em diferentes graus. A mediunidade é uma sintonia entre os encarnados e os desencarnados, permitindo uma percepção de pensamentos, vontades e sentimentos. A mediunidade é uma faculdade inerente a todo ser humano, por isso não é privilégio de ninguém (KULCHESKI, 2006, p. 6).

É importante ainda destacar que segundo o Espiritismo, sendo a mediunidade considerada um atributo natural do homem, o seu desenvolvimento não carece de pressupostos intelectuais, morais ou mesmo ter vínculo com alguma crença espiritual, o mesmo flui espontaneamente. Veja a observação que nos diz Chibeni (1997) a respeito deste desenvolvimento mediúnico nas pessoas:

Uma primeira observação a ser feita é que se a presença da faculdade mediúnica em uma pessoa independe de sua condição moral, intelectual e de crença, ninguém poderá tornar-se médium *tão-somente* pelo fato de moralizar-se, ou de estudar, ou de aderir às convicções espíritas. É evidente que essas atitudes serão de imenso proveito para a criatura, pois a colocarão em condições de *compreender e utilizar bem* a faculdade mediúnica que porventura possua (CHIBENI, 1997, p. 4).

Complementa-nos ainda Pires a esse respeito que:

A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas (PIRES, 1984, p.6).

Ainda segundo o mesmo autor, a mediunidade é expressa de formas variadas, não pertence a nenhum poder oculto e por isso, não pode ser desenvolvida através de práticas ensinadas, ou mesmo desenvolvida por mestres iniciados (PIRES, 1984). Para fins metodológicos Kardec dividiu em duas áreas específicas. “a mediunidade de efeitos inteligentes e a mediunidade de efeitos físicos” (PIRES, 1984, p. 9). Esta foi uma divisão que prevaleceu apenas para os postulados espíritas. É no *Livro dos Médiuns*⁵ que, segundo os adeptos da doutrina espírita, encontra-se o maior tratado sobre mediunidade, surgido em 1861. O Espiritismo alcança através dos estudos de Kardec, um status de religião letrada, pois teve como pressuposto um método de pesquisa para investigar os fenômenos que afluíam através de manifestações palpáveis aos olhos de qualquer incrédulo da época. Kardec analisa tais fenômenos buscando compreender os dados de sua pesquisa, trazendo para o campo da razão, os tais fenômenos que antes já se anunciavam de forma nebulosa e que o codificador da Doutrina Espírita concebe como uma nova ciência do mundo invisível. Embora, a princípio Kardec estude os tais fenômenos sem aproximar-se de uma visão religiosa ou mesmo espiritualista, é o que acontece mais tarde quando elabora um conjunto de obras que terão por suporte todo um discurso de Espíritos fundantes desta doutrina. Todo esse contexto foi cercado por um momento histórico arraigado por uma cultura que valorizava o campo da razão:

Elaborada num momento histórico em que o pensamento filosófico e científico estava dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, os ideais da razão e do conhecimento racional, opostos às noções de sobrenatural e mágico, são bastante explícitos nas obras da codificação. As noções de revelação e experiência geralmente pensadas como opostas encontram-se combinadas no Espiritismo (CAVALCANTI, 1983, p. 2).

Essa “verdade” que Kardec reconhece como uma verdade revelada pelos Espíritos o faz buscar um aporte que ele considerou como: “(...) eminentemente científico, racional, experimental. Através do método dedutivo, Allan Kardec, partindo

⁵O Livro dos médiuns, ou, Guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental / Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro da 49.ed. francesa]. 71. ed. - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

de um efeito (o fenômeno das mesas girantes), chega à sua causa (a ação inteligente dos Espíritos)” (CAVALCANTI, 1983, p. 2-3).

A partir das investigações científicas de Hippolite Leon Denizard Rivail, dá-se início a um movimento que iria ser conhecido como Espiritismo. Em pleno século XIX onde as teorias científicas prevaleciam na imagem do mundo, não cabiam conceitos que possibilitassem realidades que não fossem explicadas através dos experimentos laboratoriais, de forma racionalizada, iluminada pelas lentes do positivismo. Hippolite Leon Denizard Rivail, conhecido por Allan Kardec, após suas codificações, traça um percurso que embora obedecesse aos critérios da ciência vigente, adentra-se nos estudos de forma sistemática para compreender seu objeto de estudo: os fenômenos espíritas. Penetrar esta ciência onde seu objeto teria que ser palpável, medido e controlado tornou-se para o codificador do Espiritismo um grande desafio. Complementando esse pensamento, Arribas afirma que:

[...] esta cultura não contemplava a possibilidade de qualquer realidade fora do domínio “material” que não pudesse ser explicada através de experimentos laboratoriais, de verificações racionais de suas causas e do controle de suas variáveis, sobretudo por meio de cálculos e de comprovações das leis que regem os fenômenos naturais, físicos, biológicos e até mesmo sociais (ARRIBAS, 2008, p. 24).

O próprio Kardec mostrava-se cético em relação aos acontecimentos que na época já se espalhavam por toda Europa e Estados Unidos. Esses acontecimentos o inspiravam, pois era convidado a acompanhar de perto os relatos e experiências dos tais fenômenos. Seu espírito investigativo encontra suporte nas ideias de Jean-Jacques Rousseau, além da sua formação como aluno do Instituto de Educação Pestalozzi onde teve grande parte de sua formação acadêmica. Convivendo com várias nacionalidades imbuíu-se do espírito reformista da época:

Através da mediação de Pestalozzi, certas influências de Rousseau e da filosofia do século XVIII vão formar o espírito de Rivail e servir de modelo para o espiritismo, entre outros pontos, os ideais de tolerância, fraternidade e universalidade. Além disso, como Rivail havia pertencido à geração dos socialistas utópicos decepcionados pelos fracassos da revolução de 1848, buscava, como eles, a transformação da sociedade por outros meios para além da luta política, daí a educação como via possível (ARRIBAS, 2008, p. 27).

Kardec tratou de construir um pensamento racional pautado numa atitude intelectual-teórica. “[...] Seu caráter, ao mesmo tempo, científico, filosófico e religioso

causou polêmicas por onde passou” (ARRIBAS, 2008, p. 35). Ao questionar os meios tradicionais de um saber vigente, Kardec estabelecia um novo discurso fazendo-se sujeito fundante e estabelecendo uma grande divisão entre espiritismo e ciência:

Assim, nem inteiramente filosofia, nem inteiramente ciência, nem inteiramente religião, o espiritismo não só foi interpretado pelos seus seguidores de diversas formas, como também conseguiu receber ataques de todos os lados, principalmente dos campos científico e religioso (ARRIBAS, 2008, p. 36).

Após exaustivas pesquisas e relutâncias no campo desses fenômenos Kardec publicou, em 1857, *O Livro dos Espíritos* trazendo através de perguntas e respostas questões básicas desta doutrina: imortalidade da alma, evolução do espírito, reencarnação e comunicação entre os vivos e mortos. Os fenômenos mediúnicos não surgem com o Espiritismo, já bem antes da codificação de Kardec havia surgido na Europa, no século XVIII, com o médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815) e suas práticas de mesmerismo⁶: “crescia um grande interesse no chamado “transe mesmérico” – mais tarde chamado de transe hipnótico – especialmente nos intitulados “clarividentes mesmeristas”. As raízes desse interesse remontam ao século XVIII”(ALVARADO, et all., 2007, p. 43). Através de pesquisas Mesmer descobriu que havia um fluido universal da qual chamou de “magnetismo animal” e que esta força em desequilíbrio causava doenças. Com a manipulação de magnetizadores como imã, poderia fazer uma terapêutica e que mais tarde passou a utilizar a imposição das mãos descobrindo o mesmo efeito (ALVARADO, et all., 2007). Foi Kardec quem reinterpretou os vários fenômenos trazendo novos conceitos e noções:

Poucos tempo depois, os espíritas, entre eles o próprio Allan Kardec, traduziram os conceitos e noções do magnetismo para o linguajar espírita. Assim, “sonambulismo”, tornava-se “médium”; “magnetismo” tornava-se “espiritualismo”, “magnetismo animal” tornava-se “passe”; “transe magnético” tornava-se “transe mediúnico” (ARRIBAS, 2008, p. 37).

Kardec procurou investigar de modo considerado por ele como “científico”, os supostos eventos espirituais e quando pode convencer-se resolveu elaborar seu método acerca da comunicação com os espíritos.

A mediunidade não está presente exclusivamente no espiritismo. Segundo Mantovani:

⁶Franz Anton Mesmer, criador da teoria do “magnetismo animal”, conhecida também com o nome de mesmerismo.

No rico panorama cultural brasileiro, os fenômenos mediúnicos estão presentes em diversas religiões como o candomblé, a umbanda e o espiritismo. A mediunidade é, nessas religiões, considerada um dom inerente a todos os seres humanos e consiste na capacidade da pessoa entrar em contato com esses seres espirituais (MANTOVANI, 2010, p.15).

Em religiões como o candomblé, a umbanda e o espiritismo, a prática da mediunidade é considerada como seu principal instrumento de trabalho. O contato com a mediunidade se dá nessas religiões através dos cultos e ritos que é a forma de contato para acessar o mundo espiritual, sendo a manifestação mediúnica a ferramenta principal de acesso direto para ao mundo invisível. “São fenômenos mediúnicos: o transe de possessão, elemento central do culto da umbanda, a comunicação com os espíritos feita pela vidência ou psicografia, sendo esta última própria do Kardecismo” (MANTOVANI, 2010, p.15).

Para o Espiritismo as manifestações mediúnicas ocorrem sempre e a todo instante intercalando zonas fronteiriças que se amalgamam entre o real e o imaginário. Zimmermann cita que os estudos sobre mediunidade avançaram muito nos últimos tempos e que “como o desenvolvimento dos estudos relacionados com a teoria e a prática mediúnica, diversos esquemas classificatórios têm sido construídos, sob a influência, sempre, do trabalho genial e pioneiro de Kardec” (ZIMMERMANN, 2011 p, 58).

Dessa forma temos hoje a seguinte classificação: “os tipos básicos de aptidão em: Intuição, Vidência, Audiência, Psicofonia, Psicografia, Psicopictura, Psicomúsica, Desdobramento e Ectoplasma” (ZIMMERMANN, 2011, p. 58). A todas essas classificações cabem vários desdobramentos em relação as suas peculiaridades. As narrativas a respeito de como as manifestações afloram ao longo do tempo vão sendo aprimoradas e servindo de objeto em pesquisas no campo das Ciências Sociais. Por ser um fenômeno que a cada período ganha novas performances, torna-se um objeto de estudo sempre controverso. De acordo com Almeida, “os fenômenos ditos paranormais podem se estudados com confiabilidade do mesmo modo que ansiedade, depressão ou qualquer outro grupo de vivências” (ALMEIDA, 2004, p.11). Buscando categorizar os diversos modos de expressão da mediunidade, Almeida apresenta a seguinte classificação:

Efeitos físicos: produzem fenômenos materiais, como movimentos de corpos inertes ou ruídos;

Audientes: ouvem a voz dos Espíritos, podendo ser tanto uma voz interior ou exterior “ clara e distinta, qual a de uma pessoa viva”;

Falantes (psicofônicos): “neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra”, o médium geralmente se exprime sem ter consciência do que diz”

Videntes: “são dotados da faculdades de ver os Espíritos”, mas haveria um grande risco destas visões serem apenas fruto da imaginação dos médiuns

Curadores: “dom de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação”

Escrevente (psicográficos): são capazes de transmitir o pensamento de um espírito através da escrita. Seria a faculdade mais passível de se desenvolver pelo exercício

Intuitivos: recebem o pensamento dos Espíritos e os transmitem. Kardec afirma ainda que essas aptidões mediúnicas não são ensinadas mas latentes a cada um (ALMEIDA, 2004, p. 18).

No que se refere à finalidade da mediunidade:

Para os espíritas, a mediunidade deve ser utilizada apenas para fins nobres: minorar o sofrimento e auxiliar a evolução das pessoas. Por isso, jamais deve ser mercantilizada, não sendo admitida qualquer tipo de cobrança ou benefício material advindos da prática mediúnica. Este é um princípio muito considerado pelos espíritas no Brasil. Por outro lado, nos EUA, a mediunidade é muitas vezes uma profissão em que os médiuns cobram por consultas (BROWN, Apud ALMEIDA, 2004, p. 20).

Nem sempre as práticas mediúnicas foram utilizadas com estes fins nobres a qual se refere a autor acima. Em seu artigo “*O espiritismo na encruzilhada*” a pesquisadora Sandra Jacqueline Stoll, traz a polêmica da mediunidade com fins lucrativos, nos apontando como “essa prática, realizada com fins lucrativos, tem suscitado o questionamento de um dos fundamentos da prática espírita: o exercício da mediunidade como prática de caridade” (STOLL, 2005, p. 178). O principal questionamento dos adeptos do Espiritismo é exatamente quanto à questão da legitimidade a respeito das atividades mediúnicas com fins lucrativos. Um dos alvos destes questionamentos é a médium Zíbia Gasparetto e seu filho Luiz Gasparetto que através do campo editorial e encontros espirituais arrecadam somas astronômicas. As opiniões se divergem a respeito da tal polêmica. A família Gasparetto inova práticas rituais trazendo um novo olhar sobre as práticas mediúnicas deslocando seu foco para uma temática de prosperidade. E assim complementa Stoll:

As controvérsias se desenvolvem em função de distanciamentos observados em relação à “tradição”. Ao contrário das religiões de salvação, cuja

escatologia se volta para a vida futura (isto é, pós-morte), a doutrina da prosperidade desloca para a vida terrena, ou seja, “aqui e agora”, a promessa de bem-estar e realização pessoal. Perspectiva que a corrente liderada por Luiz Gasparetto endossa como proposta de renovação do espiritismo (STOLL, 2005, p. 182).

Sendo para os Espíritas a mediunidade um dom espiritual natural, para este grupo deve ser praticado como ato de caridade. Isso implica que toda e qualquer prática mediúnica não deve ser cobrada. A questão aqui é a seguinte: como terapeutas de TVP administram essa questão, já que alguns reconhecem-se como espíritas? Fui em busca dessa resposta com meus entrevistados. A questão explorada nesse âmbito foi a seguinte: como fazer uma separação entre o trabalho profissional e o espiritual em relação às ocorrências mediúnicas durante a TVP? Isso é possível? Ao que me respondeu (LUCCA, 2013):

Dentro da terapia você tem que fazer o seu trabalho de psicólogo. O trabalho espiritual é uma caridade, você não está cobrando porque conversa com os espíritos, você está cobrando porque você está atendendo aquela pessoa. A sessão leva 2 horas, se eu levo 10, 15 minutos para conversar com os espíritos, eu estou doando, entendeu? Por que veja, todo trabalho da terapia, o foco não é o espírito, o foco é o paciente. Então o paciente chega, ele conversa comigo, eu converso com ele a respeito da semana dele, em vista do que ele me diz eu já dou muitas devolutivas, em cima disso que anotei, que eu prestei atenção, eu fiz um trabalho ne? [...] Após o término, se há uma presença, eu converso com a presença, aí o paciente levanta, ele senta na minha frente e eu pego a anamnese e traço com ele um paralelo de reprogramação de vida em cima do que foi visto com a vida atual. Então ele está me pagando por tudo isto.[...] A terapia é feita para milhares de pessoas, além dos pacientes porque são inúmeros os espíritos encaminhados durante um tratamento e eu não cobre por ter feito isso. Cobrei pelo meu trabalho de psicóloga, porque eu cobro o preço de qualquer terapeuta que não faz isso.

Fica claro para essa terapeuta que são trabalhos distintos e que não se confundem pelo fato de estarem muito imbricados.

[...]Nós temos um tempo curtinho para lhe dar com essa presença, porque a proposta nossa não é desobsessão, é um consultório de psicologia certo? Então o que acontece, quando surge presença no setting terapêutico é trabalhado de uma forma assim curtinha sem abrir tanto espaço para a presença porque você sabe, se agente der, ela vai querer se manifestar né? Então ali é uma técnica curtinha, você já resolve ali. E o que é orientado? Orientamos o paciente a buscar um Centro Espírita para fazer um tratamento de desobsessão, porque essa técnica não garante que a presença foi encaminhada para o plano espiritual. Naquele momento, a presença foi mas não garanto que ela não está ali fora esperando ele, certo? Então é orientado que ele busque o Centro da confiança dele, se ele não tiver, o terapeuta sempre tem ne? Eu por exemplo trabalho num Centro Espírita então oriento o

pessoal para ir nesse Centro que é da minha confiança e é assim a proposta é essa, ali é um consultório de psicologia não é Centro Espírita, então, eu já explico ao paciente na anamnese, a proposta aqui é você, é o paciente, não é a presença. (ROQUINI, 2013).

Talvez possamos encontrar uma breve diferenciação na forma de tratar o “espírito” acompanhante do paciente, entretanto, também fica bastante claro que não se pode separar as presenças do processo terapêutico, pois os mesmos são próprios da experiência sem, no entanto, deixar de lado o protagonizador principal que é o paciente.

Por ter uma linha mais diferenciada dos dois terapeutas anteriores, Shimoda complementa outros ingredientes a esta forma de pensar e abre um discurso procurando a seu modo, fundamentar aqueles que podem ou não ter a obtenção de fins lucrativos:

[...] esse é um ponto também que nós temos que ter um pouco de cautela, temos que ver caso por caso. Há pessoas, que veio aqui nessa encarnação com toda mediunidade a florada, porque isso já foi aberta, os canais já foram abertos lá no astral para que a pessoa pudesse utilizar de sua mediunidade para ajudar o próximo certo? Mas porque? Por erros cometidos no passado, por resgate cármico. Então todas essas pessoas que ele prejudicou, ao reencarnar, ele vai se encontrar com elas, sejam encarnados ou desencarnados, para ajudá-los pelos erros cometidos. Por isso que vem com essa mediunidade já a florada. Nesses casos, vejam! há mentores que falam que ele não pode cobrar. Porque é missão dele, é um resgate cármico. Ele precisa fazer um trabalho voluntário. Eu por exemplo, não tenho mediunidade a florada, só minha esposa, ela é uma médium ostensiva. Minha missão sim, eu vim aqui para implantar, faz parte do meu programa reencarnatório, eu implantar essa terapia. Já no astral foi combinado isso, eu fiz um acordo com eles, fui escolhido, para implantar esse terapia aqui terrena, então essa é minha missão e eu não tenho mediunidade e por isso eu cobro tranquilamente. Para mim, vida profissional e vida espiritual eu não consigo separar, não tem como separar porque essa é minha missão, trabalhar como terapeuta e por isso há permissão para que eu cobre. Agora há casos que eu observo aqui nos meus pacientes, que este não pode cobrar. A não ser que ele faça um trabalho paralelo. Por exemplo tem gente que trabalha num Centro Espírita que doa seu tempo como voluntário, sem cobrar mas isso não impede de ele trabalhar como terapeuta em TRE, e cobrar. Então cada caso é um caso (SHIMODA, 2013).

Dessa forma, a mediunidade na visão dos que praticam a Doutrina Espírita toma contornos diferentes e pode se tornar um “poderoso instrumento” que propiciará um bem ou um mal, segundo a forma como é manipulada.

A mediunidade configura-se então como um bem extremamente poderoso e duplamente perigoso. Perigoso não só porque, enquanto neutro, pode ser posto a serviço do Bem ou do Mal, mas perigoso em si mesmo pois o seu

não-desenvolvimento ou o seu desenvolvimento mal conduzido podem acarretar vários males para seu portador (CAVALCANTI, 1983, p. 87).

A concepção da Doutrina Espirita, ao longo dessa trajetória, traz um aparato de fenômenos que foi mudando de categoria em suas manifestações e isso é explicado pelo argumento do processo evolutivo, como bem colocou Cavalcanti:

Embora o grau de desenvolvimento da mediunidade possa ser diretamente relacionado ao grau de evolução espiritual, e o grau máximo de autoridade humana nessa religião derive, como veremos da confiabilidade de determinado médium, evita-se relacionar explicitamente o desenvolvimento da mediunidade à superioridade do Espírito (CAVALCANTI, 1983, p. 87).

Dentro desta doutrina religiosa, os Espíritos passam a ser parte constituinte e elemento fundante para que os fenômenos mediúnicos aconteçam criando esse intercâmbio do mundo invisível com o mundo visível. São dadas aos fenômenos mediúnicos dimensões históricas e imemoriais, remontando aos povos denominados primitivos e as primeiras civilizações. Pires retrata em seus estudos essa divisão. Para ele há momentos que podem explicar a origem da mediunidade, como horizonte tribal, agrícola, civilizado, profético e espiritual:

O horizonte tribal caracteriza-se pelo mediunismo primitivo. [...] para designar a mediunidade em sua expressão natural, pois é evidente que ela corresponde com precisão ao nosso objetivo. Mediunismo são as práticas empíricas da mediunidade. Dessa maneira, temos as formas sucessivas do mediunismo primitivo, do mediunismo oracular e do mediunismo bíblico, só atingindo a mediunidade positiva no horizonte espiritual, que surge com o Espiritismo. Somente com o Espiritismo a mediunidade se define como uma condição natural da espécie humana, recebe a designação precisa de “mediunidade” e passa a ser tratada de maneira racional e científica (PIRES, 1964, p. 17).

No discurso de Herculano Pires, embora os fenômenos mediúnicos remontem a tempos imemoriais, para este autor, “somente com o Espiritismo” irá se definir “como uma condição natural da espécie humana” e assim passa a receber a “designação precisa de ‘mediunidade’” sendo tratada de modo “racional e científico”, para os Espíritos. Há aqui a presença de um discurso legitimador no âmbito do Espiritismo, arrematado pela perspectiva de ciência, propalada como uma das facetas do “tríplice aspecto” do espiritismo: religião, ciência e filosofia.

Segundo Eliade, nas sociedades arcaicas o homem tendia muito fortemente a viver o sagrado, a se aproximar cada vez mais de objetos consagrados. É importante

compreender o surgimento do que se chamou de fenômenos mediúnicos, percebendo os traços de elementos que parecem ser sagrados: “[...] para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmo, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania” (ELIADE, 2001, p. 18). Na Antiguidade, o que posteriormente se denominou “fenômenos mediúnicos”, eram tidos como algo sobrenatural e mágico e somente participavam aqueles que eram iniciados. Aqueles que desfrutavam de tal poder com o mundo invisível, eram vistos como grandes privilegiados.

Na busca para compreender o seu meio e seu tempo, o homem se volta para explicações que pudessem aproximá-lo da resposta para suas questões filosóficas e espirituais:

Muito antes do surgimento das religiões organizadas, o homem já acreditava em espíritos, e continua acreditando, pelo menos boa parte dos viventes. Desde cedo julgou-se que todos os seres e coisas – uma pedra, um rio, um pássaro, um homem, um bicho – também estariam dotados de um espírito, que seria sua parte imaterial, sua essência, seu princípio vital, sua forma invisível, sua dimensão não perecível – são muitas as definições e concepções possíveis -, enfim: sua alma (PRANDI, 2012, p. 7).

O pensamento de Prandi nos leva a compreender também que bem antes das religiões legitimarem seu espaço, esses povos buscavam uma forma de lidar com esse sobrenatural. As manifestações da natureza precisavam ser compreendidas, para isso invocavam uma entidade sobrenatural a fim de criar suas concepções.

Com o advento das ideias iluministas, que fundaram suas bases em parceria com o positivismo, tivemos a ascensão de um imperialismo racionalista que infundiu um saber científico contrário às concepções religiosas vigentes de outrora. A ciência apodera-se do seu saber hermenêutico rechaçando toda concepção religiosa: perante muitos, já não era mais possível crer na existência de eventos para os quais não existisse alguma prova científica e objetiva, eventos que não pudessem ser submetidos ao rigor e à metodologia dos cientistas (ZANGARI & MARALDI, 2009, p. 236).

No que se refere ao estudo dos fenômenos mediúnicos pela academia, de acordo com Zangari e Maraldi:

São os antropólogos e sociólogos que, mais recentemente, começam a dedicar sua atenção aos fenômenos mediúnicos, oferecendo-lhes explicações mais sensíveis a uma leitura cultural e psicossocial. O trabalho iniciado por esses pesquisadores desencadeia mudança significativa na maneira de se estudar o fenômeno da mediunidade, antes compreendido apenas no nível de teorias psicopatológicas ou intrapsíquicas, que tendiam a apresentar-se de

forma reducionista frente à complexidade de tais experiências (ZANGARI e MARALDI, 2009, p. 233).

De acordo com o estudo bibliográfico, foi possível notar que são ainda escassos os trabalhos sobre mediunidade, no entanto, há alguns estudos já realizados que merecem ser destacados como os de Alvarado, Machado, Zangari e Zingrone (2007), Almeida e Neto (2004), Stoll (2009), Cavalcanti (1983), dentre outros. Estes autores procuraram estudar os fenômenos mediúnicos sob várias perspectivas e, na maioria desses estudos, iremos encontrar tentativas de conceituar mediunidade.

Almeida⁷ e Neto⁸, por exemplo, preferem utilizar o conceito de mediunidade de acordo com Klimo, entendendo-a como “(...) a comunicação provinda de uma fonte que é considerada existir em um outro nível ou dimensão além da realidade física conhecida e que também não proviria da mente normal do médium” (KLIMO, 1998, Apud ALMEIDA E NETO, 2004). Na compreensão desses autores, esse conceito seria o mais adequado para suas investigações científicas, pois se afastaria de qualquer concepção ligada às origens do termo.

Esses autores fizeram uma revisão de alguns pioneiros, tanto no campo da Psiquiatria como da Psicologia, como Pierre Janet (1859 – 1847), Willian James (1842-1810), Frederic W. H. Myers (1843-1901), Sigmund Freud (1853-1939), Carl Gustav Jung (1875-1961), procurando compreender que relação a mediunidade tinha com as causas e efeitos da psicopatologia.

Zangari nos mostra em seu artigo intitulado *Estudos psicológicos da mediunidade: uma breve revisão*⁹, que no ano de 1882, se iniciou uma pesquisa científica dos médiuns e da mediunidade, através da Fundação da Society for Psychical com sede em Londres e teve como expoentes os representantes da Psicologia moderna: Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Willian James. Esses autores estudaram os fenômenos numa perspectiva de constatação dos mesmos, importando-se menos em fazer uma análise psicológica dos fatos.

De formação especializada na área da Psicologia e Psiquiatria, Pierre Janet desenvolveu conceitos sobre visões dissociadas. “Seu trabalho mais importante intitula-

⁷Alexandre Moreira de Almeida: Médico, psiquiatra, doutorando do departamento de psiquiatria de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Fundador e coordenador do Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos (NEPER).

⁸Francisco Lotufo Neto: Médico, psiquiatra livre-docente do Departamento de Psiquiatria da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) fundador do Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos (NEPER).

⁹ Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/Z_autores/ZANGARI_Wellington_tit_Estudos_psicologicos_da_mediunidade_uma_breve_revisao.htm>. Acesso em 20 out. 2013.

se “*L’Automatisme Psychologique*”, uma tese defendida em 1889 na Sorbonne (Janet, 1889)” (ALMEIDA e NETO, 2004, p.131).

Para Willian James que defendeu uma postura empírica, via a grande importância de pesquisar com profundidade e criticava o meio científico por recusar-se a pesquisar fenômenos considerados fora do contexto vigente. Suas pesquisas receberam grandes destaques através de publicações sobre manifestações mediúnicas. “Considerava a possessão mediúnica uma forma natural e especial de personalidade alternativa em pessoas muitas vezes sem nenhum outro sinal óbvio de problemas mentais”. (ALMEIDA e NETO, 2004, p. 4). Aponta ainda que as predisposições para as vivências mediúnicas seriam algo incomum. Deixou claro também que entre os fenômenos mediúnicos poderiam estar presente o embuste quando alega: “Entre as possíveis explicações para os fenômenos mediúnicos estariam a fraude, a dissociação com uma tendência a personificar uma outra personalidade e a influência de um espírito desencarnado (James 1909a)” (ALMEIDA e NETO, 2004, p.4). A grande contribuição desses autores “demonstra que as vivências tidas como mediúnicas são descritas na maioria das civilizações e têm grande impacto sobre a sociedade” (COURAS & KLUPPEL, 2009, p. 55).

Outro importante pioneiro nestas pesquisas foi Myers que embora não tenha sido psicólogo, trouxe grandes colaborações no campo do inconsciente, com seus trabalhos sobre Self subliminal trazendo o conceito de que havia uma mente mais ampla que se encontrava em estado de latência. Neste campo incluem-se grandes habilidades mentais onde estariam incluídas, telepatias, clarividências e até comunicações com mortos.

Em resumo, Myers considerou que a maioria das manifestações mediúnicas era oriunda do próprio médium, mas que havia alguns casos em que esta explicação não era suficiente. Em tais casos, a hipótese mais plausível era a telepatia e a efetiva comunicação de uma mente já desencarnada. As investigações nessa área envolveriam uma grande complexidade, pois uma mesma comunicação mediúnica pode conter alguns elementos da mente do médium e outros obtidos telepaticamente, tanto de encarnados como do espírito desencarnado comunicante (Myers, 2001, p. 337. Apud ALMEIDA e NETO, 2004, p. 134).

Na perspectiva de Sigmund Freud, temos uma visão mais cética dos fenômenos mediúnicos, sendo visto por ele como resultados de nossos desejos reprimidos a qual recorreremos como válvula de escape. Esses instintos então reprimidos resultavam segundo Freud em ataques histéricos confundidos por muitos como demoníacos.

Portanto, Freud associa a estes fenômenos, distorções da mente, psicopatologia, com origem no inconsciente pessoal da pessoa a quem sofresse tais manifestações. “Freud não identificou a existência de comunicações mediúnicas onde seriam manifestados conhecimentos ou habilidades além da capacidade dos médiuns” (ALMEIDA e NETO, 2004, p. 7). A conotação que Freud aplica em sua teoria a respeito dos tais fenômenos o afasta de entrar em contato com o possível abandono, ou ruptura que teria de fazer com suas teorias. Ao contrário de Freud, Jung embora aceitasse a origem de tais fenômenos advindo do inconsciente, fugiu desse caráter patológico concebido por Freud. O próprio Jung publicou um artigo sobre o tema em 1902, sobre o título de: “*Sobre a Psicologia e a Patologia dos Fenômenos Chamados Ocultos*”.

Será em o “Livro dos Médiuns”, obra destaque de Allan Kardec, em que se tratará deste tema sob um olhar mais sistemático, embora não encerre a discussão sobre a temática. Existem vários trabalhos sobre a mediunidade, vista sob vários aspectos, conforme citamos anteriormente.

Na contemporaneidade, os fenômenos mediúnicos parecem terem ganhado novas configurações. Atualmente existe um trabalho de pesquisa desenvolvido por Sergio Filipe de Oliveira¹⁰ sobre a glândula pineal que seria um órgão localizado na região do cérebro e que seria responsável por processar estes fenômenos. Segundo Oliveira, em entrevista “*Saúde e Espiritualidade*” (“Health and Spirituality”), da Associação Médico Espírita:

A mediunidade é uma faculdade da percepção sensorial. Como qualquer faculdade deste tipo, para ser exercida, a mediunidade necessita de um órgão que capte e o outro que interprete. A nossa hipótese é que a glândula pineal é um órgão sensorial da mediunidade, como um telefone celular, que capta as ondas do espectro eletromagnético, que vêm da dimensão espiritual, e o lóbulo frontal faz o juízo crítico da mensagem, auxiliado pelas demais áreas encefálicas. (Oliveira, 2011).

Esses estudos foram aprofundados em sua tese de doutorado na USP, quando investigou os chamados “cristais de apatita”, através de tomografia computadorizada e ressonância magnética e percebeu que neste pequeno órgão, ou seja, na glândula pineal, existiam pequenos cristais e que segundo sua hipótese auxiliavam como antenas captadoras do mundo invisível com o mundo material.

¹⁰ Dr. Sergio Filipe de Oliveira, mestre pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e diretor da Clínica Pineal Mind da capital paulista.

Este órgão tem várias funções biológicas e psíquicas que não iremos aqui aprofundar por não ser nosso objeto de estudo. Muitas foram as tentativas de estudar as diversas manifestações dos fenômenos mediúnicos, como também reunir conceitos em torno da mediunidade ao longo do tempo:

Hoje ainda perduram as confusões a respeito. Afirma-se tudo a respeito da Mediunidade: é uma manifestação dos poderes cerebrais do homem, esse computador natural que pode programar o mundo; é uma eclosão dos resíduos animais de percepção sem controle de órgãos sensoriais específicos; é uma energia ainda desconhecida do córtex cerebral, mas evidentemente física (Vassiliev); é um despertar de novas energias psicobiológicas do homem, no limiar da era cósmica; é o produto do inconsciente excitado; é uma forma ainda não estudada da sugestão hipnótica (PIRES, 1984, p.4).

As reflexões que foram percorridas ao longo dessa trajetória tendo por base diversos olhares destes fenômenos, seja nos estudos da metapsíquica, através de Richet e ampliado pela Parapsicologia através de Joseph Banks Rhine, e finalizando com a visão do Espiritismo, foram olhares diferenciados que deixam ainda muitas controvérsias no campo da ciência e que travam novos desafios para novos tempos. Percorrer a visão de cada sujeito é apenas buscar ao que está por vir. Assim como os metapsiquistas, o movimento Kardecista buscou tomar para si, os discursos que se legitimavam como forma de poder.

De certa forma, os discursos aqui elaborados perpassaram diversos vieses, contribuindo com meu objeto de estudo. Percebi que o campo é amplo e merecedor de vários olhares. Adentramos a seguir no recorte da TVP, onde buscamos compreender como estes fenômenos mediúnicos se instalam e como vão ser interpretados.

2. TERAPIA DE VIDA (S) PASSADA(S): HISTÓRICO E PRÁTICAS

2.1 Terapia alternativa/complementar e TVP

Antes de introduzir o tema sobre o surgimento da TVP no Brasil, é importante contextualizar em que discurso está inserida essa abordagem terapêutica. Entendemos que a TVP inclui-se no campo das terapias alternativas e essas, por sua vez, se “constituem sistemas de cura não convencionais, inspirados em tradições orientais e ocidentais espiritualistas, bioquímicas e psicológicas” (MARTINS, 1999, p. 80). O termo “alternativo” vem da compreensão de que não existe apenas um recurso, um olhar, mas um conjunto de disciplinas interconectando-se e diferenciando-se assim do sistema tradicional mais circunscrito.

Nos últimos anos, notamos de forma acirrada uma grande proliferação das terapias alternativas que vem atingindo vários campos de saberes como o da medicina e, sobretudo, da psicologia. Muitas controvérsias são levantadas em torno dos profissionais da psicologia que vem praticando formas de terapias que para o conselho regulador se tornam incoerentes com seu saber acadêmico. Segundo Cognalato, essas controvérsias vêm ganhando muitas repercussões:

Muitos psicólogos vêm adotando técnicas como florais, cristais, aromaterapia, cromoterapia e outras. Essas terapias vêm sendo inseridas dentro da prática profissional do psicólogo, o que não se coaduna com a formação universitária, ao levarmos em consideração que o âmbito acadêmico normalmente defende a adoção de critérios científicos para o exercício da profissão (COGNALATO, 2010, p. 1).

Esse hibridismo entre práticas oficiais e práticas alternativas geram grandes controvérsias, pois o aparato oficial dos saberes acadêmicos como o da psicologia não pretende perder terreno para o campo dos conhecimentos alternativos. Muitas dessas terapias estão atreladas ao campo do espiritual e religioso causando assim certa estranheza uma vez que apontam soluções ou mesmo traçam caminhos alternativos que a própria medicina oficial não consegue absorver no seu total. Este bojo de conhecimentos alternativos tem muito a ver e se afina com o universo esotérico New Age, onde essas terapias encontram seu aporte e entre esses vários sistemas de propostas terapêuticas encontra-se também inserido a TVP.

O fenômeno da chamada Nova Era parece ter impulsionado mudanças significativas em vários setores da sociedade trazendo uma nova forma de reorganizarem-se, buscando atender anseios, dúvidas e ao “(des)encantamento” do homem contemporâneo. No artigo: “As Terapias Alternativas e Libertação dos Corpos”,

do sociólogo Paulo Henrique Martins, é levantada a questão a respeito do que levaria determinados segmentos da sociedade a buscarem apoio para as suas “dores emocionais” nas terapias alternativas. Segundo este mesmo autor, uma das razões seria a própria insatisfação com os métodos convencionais que não conseguem “tratar” o ser como um todo. Como bem sintetizou Carozzi ao apresentar o referido artigo:

(...) a frustração de certos indivíduos com os resultados clínicos dos tratamentos oferecidos pelo sistema biomédico convencional que funciona a partir da polaridade saúde-doença negligenciando uma outra polaridade, a da saúde- prazer; o desprestígio do sistema de crenças religiosas tradicionais, particularmente cristãs e católicas, que se serviam de mecanismos de culpas e de repressão sobre o corpo para minimizar a presença ameaçadora dos prazeres físicos e afetivos; e o movimento feminista que traz o debate cultural e para as lutas sociais temas como sexo, amor e intimidade. No contexto de crise da sociedade do trabalho, em que aumentadas as inseguranças e as ansiedades dos indivíduos, as Terapias Alternativas aparecem como possibilidades práticas de emancipação de um novo imaginário do corpo – menos culposos e mais prazerosos (CAROZZI, 1999 p. 22).

São nos espaços alternativos que vão surgir novos movimentos, novos reencantamentos e que vão tomando novos “assentamentos” em diversas áreas do saber e do conhecimento. A partir dessa nova visão holística, emerge o fenômeno denominado por vários autores de “Nova Era”. Segundo Magnani, se inicialmente o sentido do vocábulo era proveniente da cosmologia astrológica e relacionava-se a “uma mudança ocasionada pela chamada precessão dos equinócios no aparente trajeto do sistema solar em relação ao zodíaco”, (MAGNANI, 2000, p.9-10) posteriormente, o termo esteve vinculado aos movimentos de Contracultura nos anos 60 e ainda a determinadas áreas do campo científico nos anos 70, com as famosas obras de Fritjof Capra (Cf. MAGNANI, 2000). Desde então, vários autores dedicaram-se ao estudo da Nova Era, trazendo definições diversas e modos distintos de vê-la, contudo, para muitos autores permanece a dificuldade em definir de modo acabado o fenômeno, posto que ele compreende um grande espectro de práticas e espiritualidades. Para Leila Amaral, por exemplo, Nova Era:

É a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáfora que expressem performaticamente uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos. Não mais circunscritos à sua comunidade de origem ou a seus grupos “naturais”, esses elementos religiosos, espirituais e místicos – rituais e mágicos – são recobertos com uma alta diversidade de significados e usados para uma variedade de propósitos. Apresentam-se, pois, mais como recursos simbólicos ou de linhagem, com grande grau de flexibilidade e

imprevisibilidade, do que como uma doutrina ou como um sistema fechado de significados. Mais que um substantivo que possa definir identidades religiosas bem demarcadas, Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas, independente das definições ou inserções religiosas de seus praticantes (AMARAL, 1999, p.47-48).

Magnani faz questão de advertir que “apesar da heterogeneidade, as atividades comumente enfeixadas sob esta denominação não se reduzem a um amontoado de práticas desconexas, mas apresentam padrões e regularidades” (MAGNANI, 2000, p. 27).

A TVP é assim considerada como uma prática terapêutica alternativa complementar, e que posteriormente será abraçada por vários profissionais de áreas distintas como psicólogos, psiquiatras, terapeutas e mesmo profissionais de outras áreas acadêmicas. Segundo Tavares “o mercado terapêutico extremamente heterogêneo, mas que tem sido reunido sob a imprecisa designação de alternativo, é atualmente um fenômeno de grande visibilidade social no espaço urbano brasileiro” (TAVARES, 2003, p. 84). Surge então, nesse contexto histórico, nessa efervescência de movimentos, a TVP, obedecendo a um novo paradigma que rompe com os conceitos cartesianos:

Segundo esse paradigma, o corpo é composto por partes e visto como máquina, ou seja, todas suas funções dependem do funcionamento independente de cada órgão. Assim sendo, a doença é causada por defeitos das peças da máquina humana. Essa teoria criava uma rigorosa dicotomia entre corpo e mente, cabendo a essa última papel irrelevante (TROVO; SILVA; LEAO, 2003, p. 484).

Nesta concepção temos uma visão reducionista que cria uma dicotomia entre mente e corpo levando a uma concepção que fugia completamente de uma integração holística. No despontar do século XX, as teorias de Einstein trazem um novo horizonte no pensar da concepção do homem como essa máquina pensante, surge um novo elemento que constituiu essa dinâmica entre corpo e mente. Assim, uma nova concepção estabelece-se:

[...] a matéria vista como manifestação de energia e os homens, também formados de matéria, passaram a ser considerados seres energéticos, constituídos de vários sistemas energéticos que interagem entre si e com o meio, formando um todo, que deve sempre estar harmonioso. Voltamos assim à antiga concepção hipocrática, porém, acrescentando o espírito à tríade mente/corpo/meio ambiente. Essa visão holística está intimamente ligada com a compreensão da ação das terapias alternativas/complementares, também consideradas como medicina tradicional pela Organização Mundial de Saúde (TROVO; SILVA; LEAO, 2003, p. 484).

De acordo com a O.M.S (Organização Mundial da Saúde), as práticas terapêuticas de linha alternativa têm sido requisitadas pela grande maioria da população dos países em desenvolvimento. Esta aproximação deve-se ao fato dessas terapias considerarem formas mais práticas, além da visão do homem como um todo. Despertando para um conceito de saúde mais amplo, a Organização Mundial de Saúde incluiu em seus aspectos elementares a visão da dimensão espiritual como meio de integrar o homem em suas diversas dimensões, ao que chamamos de uma dimensão biopsicossocial-espiritual. De acordo com o Ministério da Saúde e a referente portaria de nº. 971 de 03 de maio de 2006, em que é aprovada a *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares* (PNPIC) no Sistema de Saúde:

Considerando que a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem estimulando o uso da Medicina Tradicional/Medicina Complementar/Alternativa nos sistemas de saúde de forma integrada às técnicas da medicina ocidental modernas e que em seu documento “Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional 2002-2005” preconiza o desenvolvimento de políticas observando os requisitos de segurança, eficácia, qualidade, uso racional e acesso;

Considerando que o Ministério da Saúde entende que as Práticas Integrativas e Complementares compreendem o universo de abordagens denominado pela OMS de Medicina Tradicional e Complementar/Alternativa - MT/MCA

Considerando que a Acupuntura é uma tecnologia de intervenção em saúde, inserida na Medicina Tradicional Chinesa(MTC) (...) e que a MTC também dispõe de práticas corporais complementares que se constituem em ações de promoção e recuperação da saúde e prevenção de doenças.

Considerando que a Homeopatia é um sistema médico complexo de abordagem integral e dinâmica do processo saúde-doença, com ações no campo da prevenção de agravos, promoção e recuperação da saúde;

Considerando que a Fitoterapia é um recurso terapêutico caracterizado pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas e que tal abordagem incentiva o desenvolvimento comunitário, a solidariedade e a participação social;

Considerando que o Termalismo Social/Crenoterapia constituem uma abordagem reconhecida de indicação e uso de águas minerais de maneira complementar aos demais tratamentos de saúde e que nosso País dispõe de recursos naturais e humanos ideais ao seu desenvolvimento no Sistema Único de Saúde (SUS); e

Considerando que a melhoria dos serviços, o aumento da resolutividade e o incremento de diferentes abordagens configuram, assim, prioridade do Ministério da Saúde, tornando disponíveis opções preventivas e terapêuticas aos usuários do SUS e, por conseguinte, aumentando o acesso, resolve:

Art. 1º Aprovar, na forma do Anexo a esta Portaria, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Parágrafo único. Esta Política, de caráter nacional, recomenda a adoção pelas Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, da implantação e implementação das ações e serviços relativos às Práticas Integrativas e Complementares (...) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Dessa forma, as práticas antes tomadas como *alternativas*, agora tidas como *integrativas e complementares* são adotadas pelo Ministério da Saúde, em consonância

com a O.M.S, que não só regulamenta o uso das práticas integrativas na saúde pública brasileira como regula quais práticas devem ser inseridas. Ao mesmo tempo em que se reconhece a eficácia de determinadas práticas, outras são excluídas por não serem consideradas como parte do que se denomina “sistemas médicos complexos” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Talvez imbuídos da ciência do novo saber, que parece romper barreiras paradigmáticas de estados estanques do saber, o campo da saúde desperta para uma perspectiva mais holística do ser humano onde se vê a importância de unir conceitos filosóficos, científicos, a uma outra parte que talvez faltasse para quem sabe encontrar o seu elo perdido. Esta parte da qual nos referimos seria o espiritual. Com o advento da ciência o homem foi pensado por muitos como funcionando em partes, ou seja, o homem concebido como máquina, criando assim, uma verdadeira dicotomia entre corpo e mente (C.f LANDMANN, 1989). Este saber apoderou-se durante grande período onde a relação entre saúde e doença era apenas vista e avaliada pelo corpo ou partes desintegradas do todo. Foi no século XX com as teorias de Einstein que se recobra o verdadeiro sentido entre corpo e mente:

Segundo essa concepção, nós somos seres multidimensionais de energia, cujo corpo físico é apenas um dos componentes de um sistema dinâmico maior, ou seja, o homem é um complexo mente/corpo/ espírito, que existe em equilíbrio dinâmico contínuo com as dimensões energéticas superiores (TROVO & SILVA, 2002, p. 81)

O despertar de novas abordagens que acolhem novas práticas, trazem apara o campo da medicina um saber que complementa, que alterna e se redescobre como uma ciência que divide saberes com tantas outras práticas que desde tempos milenares foram reconhecidas por outras culturas.

É cada vez mais notório o estreitamento da relação entre saúde e espiritualidade em nossa sociedade moderna. Esse olhar por esta temática tem trazido inúmeras pesquisas neste campo e aumentado assim, um interesse maior por parte de alguns órgãos que passam a considerar uma visão mais ampla no que diz respeito a busca de novas alternativas, de novos olhares para um campo ainda não bem visto pela ciência acadêmica. Conforme citamos anteriormente, podemos considerar como um grande “acordar” para tais questões, a postura da O.M.S. (Organização Mundial da Saúde) que demonstra um interesse pela questão entre saúde e espiritualidade não vendo como algo dissociável. Complementando esta linha de pensamento, nos acrescenta Cognalato:

A relação entre religiosidade ou (espiritualidade) e saúde física mental e social é uma temática que, nas últimas décadas, vem sendo cada vez mais explorada como objeto de pesquisa. No ano de 1988, a Organização mundial de Saúde (OMS) despertou o seu interesse por esta questão e acabou por incluir no seu contexto multidimensional de saúde o aspecto espiritual. A O.M.S., ao reconhecer a importância da dimensão espiritual de certo modo, confere alguma dignidade às práticas que não são reconhecidas pelas racionalidades científicas oficiais. Ao levarmos em consideração que as terapias alternativas são geralmente consideradas como tendo um fundo místico-religioso, devido à associação que lhes é feita com o Movimento Nova Era, elas passam a ter certa relevância no campo da saúde individual e coletiva (COGNALATO, 2010, p. 13).

Ao observar esta prática sobre os pacientes, pode-se perceber um grande ganho em termos de saúde física e mental, levando com isso a um certo grau de credibilidade uma vez que em várias situações têm-se alcançados bons resultados. Dessa forma, “vários estudos sugerem que a prática de atividades espirituais pode influenciar o sujeito em termos psicodinâmicos, através de emoções positivas como a esperança, o perdão, autoestima” (COGNALATO, 2010, p. 14). De certa forma, as terapias alternativas incluem essas dinâmicas em suas abordagens.

Embora a TVP ainda permaneça na condição talvez de “alternativa” e não esteja inserida no quadro das “integrativas e complementares” consideradas pelo Ministério da Saúde, ela cumpre também esse papel, pois neste universo de terapias complementares a TVP insere-se como esse complemento na busca da cura e da saúde não apenas física como também espiritual, afinal esta é uma terapia moderna que tem por base aspectos espirituais. Assim nos afirma Lemela:

A TVP é uma abordagem de vanguarda, uma vez que está alicerçada na realidade espiritual do ser. Apesar dessa postura rígida daqueles que ainda resistem enclausurados em seus frios laboratórios exibindo diplomas e cátedras ortodoxas, pela primeira vez na história deste planeta, podemos falar que a ciência e o amor têm que andar juntos. Como lembra uma das grandes pioneiras da TVP no Brasil, a psiquiatra Maria Teodora: “sem ele, o amor, não há nem Psicologia ou Psiquiatria que ouse falar em cura” (LEMELA, 2013).

Talvez neste recorte sobre a qual repousa a TVP tenha sido o motivo de sua exclusão no rol das terapias selecionadas pela (PNPIC- Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares) do SUS. Durante a pesquisa de campo, dirigi-me a um dos entrevistados sobre tais questões o qual me respondeu:

Acredito que a terapia de vida passada vai demorar um pouco a ser incorporada a um tratamento de forma reconhecida porque a terapia de vidas passadas, a terapia regressiva ela ainda não é aceita dentro dos conselhos de psicologia e no âmbito da medicina porque trabalha com a hipótese da reencarnação, e a reencarnação para esses conselhos não é reconhecida cientificamente e por isso, não tem como reconhecer esses trabalhos. Os conselhos de psicologia e medicina não reconhecem a terapia regressiva por causa da reencarnação (LEMELA, 2013).

Fica esclarecido diante da fala do entrevistado que a vinculação com a reencarnação é uma das fortes razões para que a TVP fosse excluída do rol das práticas complementares das PNPIC. Outro motivo ainda mais forte que explica esta não conquista vem diretamente do CRP (Conselho Regional de Psicologia), que ainda não reconhece a TVP como um saber institucionalizado. Outras práticas foram aceitas pelo Ministério da Saúde, como a Medicina Tradicional Chinesa-Acupuntura, a Homeopatia, o uso de Plantas Medicinais e Fitoterapia, o Termalismo Social/Crenoterapia e a Medicina Antroposófica, conforme já vimos na Portaria 971, já transcrita anteriormente.

Estas são práticas que vão colaborar juntamente com o acervo de tantas outras abordagens existentes e que tem um papel de auxiliar os tratamentos da qual a medicina alopática não consegue por vezes abranger no seu total. Reconhecidas como técnicas diferenciadas do rol das práticas biomédicas:

[...] visam à assistência à saúde do indivíduo, seja na prevenção, tratamento ou cura, considerando-o como mente/corpo/espírito e não um conjunto de partes isoladas. Seu objetivo, portanto, é diferente daqueles da assistência alopática, também conhecida como medicina ocidental, ou em que a cura da doença deve ocorrer através da intervenção direta no órgão ou parte doente (TROVO, SILVA, LEAO, 2003 p. 484).

As práticas terapêuticas alternativas estão imbricadas com aspectos espirituais que longe de serem excluídas, estão cada vez mais comprometidas com tais questões. É baseado nesta questão que talvez se questione Cognalato quando nos diz: “Até onde vai o limite de competência do médico, do psicólogo, do sacerdote, do pastor, do terapeuta holístico, quando falamos em saúde? Será que é possível haver limites, competências e tipos de racionalidade bem definidas?” (COGNALATO, 2010, p. 17). Parece não haver mais um limite entre um espaço de uma instância para outro, pois tudo pode estar muito interconectado. Sendo esta terapia uma prática que foge ao modelo racional “adota uma postura holística e naturalística diante da saúde e da doença” (Tsuchiya & Nascimento,

2002, p. 37). As terapias alternativas ganham espaço e lutam para conquistar sua fatia no mercado com as abordagens oficiais de saúde, conforme nos afirma Cognalato: “complementando-as, desafiando-as ou gerando questionamentos a seu respeito” (2010, p. 23). Sua proposta diferencia-se da biomedicina que trata o ser humano como parte isolada do todo, ao contrário dos objetivos das abordagens alternativas que veem o indivíduo como um ser integrado em suas dimensões: mente, corpo e espírito.

De maneira geral, o viés por qual perpassa as terapias alternativas foge totalmente a visão da medicina alopática mecanicista que atribui o adoecer a uma causa externa e que continua ainda, a tratar apenas de partes isoladas sem nenhuma conexão com o todo. Ao contrário desta visão reducionista, nas práticas alternativas não se percebe algo vindo de fora mas algo gerado internamente na psique do próprio paciente que o faz adoecer. Esse desequilíbrio somático o faz entrar em desarmonia gerando a doença e para o reequilíbrio é preciso recuperar o campo de energia represado no próprio ser, que ora se desarmonizou. Na prática da TVP, esta energia represada causa as doenças psicossomáticas como dores de cabeça, aperto no peito e tantos outros sintomas na qual a medicina biomédica não consegue decifrar. Não se pode negar, que as terapias alternativas parecem aos poucos legitimarem seu espaço encontrando seu maior respaldo em práticas que hoje não são mais vistas como simples misticismo ou curandeirismo, ou mesmo excêntrico.

Segundo Tavares, (2003), é a partir dos anos 90 que as terapias alternativas ganham visibilidade e adentram ao campo de outras abordagens causando polêmicas no que diz respeito aos limites de práticas que se entrelaçam nessas abordagens.

A partir dos anos 90, as disputas em torno da legitimidade social dessas terapias vêm produzindo muitas polêmicas entre os profissionais da saúde, particularmente entre médicos e psicólogos, suscitando diferentes posicionamentos dos seus órgãos profissionais representativos. Um dos espaços sociais em que essa disputa tem sido mais acirrada é o da delimitação das fronteiras entre o campo das práticas psicológicas: os terapeutas alternativos (psicólogos ou não) têm reivindicado a legitimidade social de uma diversidade de técnicas e práticas a partir da sua inscrição no vasto campo das práticas *psi* (TAVARES, 2003, p. 84).

A controvérsia maior talvez não esteja instalada nos meios terapêuticos, ou seja, entre os profissionais que trabalham com a abordagem da TVP e que lançam mão de variadas técnicas. O maior entrave vem do CRP (Conselho Regional de Psicologia) que formalmente rejeita tais práticas alegando que a TVP tem nos seus pressupostos conceitos religiosos e espirituais por tratar de temas como reencarnação, obsessão, etc.

Longe de estancar as controvérsias a postura dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia vem contra atacando as práticas desta terapia em seus artigos, publicações, revistas, resoluções, congressos e códigos de Éticas. Primeiramente o CRP lançou-se numa campanha de conscientização da população a respeito dos perigos que essas terapias poderiam causar. Esta posição gerou novas posturas na tentativa de normatizar tais práticas:

A discussão, portanto, deslocou-se da dimensão externa para a interna, adquirindo, a partir de então, maior visibilidade na categoria, através de artigos, entrevistas e editoriais nos jornais dos conselhos. No segundo semestre desse mesmo ano, o Conselho Federal solicitou pareceres sobre a questão das terapias alternativas a três profissionais da área. O objetivo era fornecer subsídios para a Comissão de Ética do Conselho Federal, para que ela pudesse se posicionar sobre o assunto e emitir resoluções normalizadoras para a categoria (TAVARES, 2003, p. 89).

Tavares (2003) nos informa muito bem, em seu artigo intitulado: “*Legitimidade Terapêutica no Brasil Contemporâneo: As Terapias Alternativas no Âmbito do saber Psicológico*”, como este saber psicológico que se intitula como um saber vigente reivindica este espaço para si:

O Conselho Federal de Psicologia, assim como os diferentes conselhos regionais, têm promovido, ao longo dos últimos anos, intenso debate entre a categoria, em que a temática das terapias ou práticas alternativas vem ocupando importante espaço das discussões, a maior parte em congressos e fóruns regionais. As tensões entre esses segmentos terapêuticos fazem parte de um processo mais amplo de desdobramento das terapêuticas alternativas do tipo nova era no âmbito de um espaço social heterogêneo e assimétrico, onde concorrem diferentes critérios de legitimação de procedimentos terapêuticos (TAVARES, 2003, p. 84).

As terapias alternativas/complementares dão suporte as práticas da medicina alopática e com elas, implementam-se novas formas de saberes. Embora a TVP tenha sido excluída do rol das abordagens especificadas pelo PNPIC, as suas práticas parecem alcançarem cada vez mais um espaço forte dentro desta dinâmica. A concepção do mundo contemporâneo parece não mais conceber apenas a visão de um mundo objetivo, quantificável, o novo paradigma instala-se numa concepção de mundo holístico passa a ter um respaldo maior em suas práticas. Considerando corpo/mente/espírito como elementos circunscritos nas práticas das terapias Alternativas Complementares, chamou-nos atenção, que apenas o elemento espiritual aparece de forma mais “forte” na

TVP e esta variável pode nos levar a conjecturar que seja esse o indício mais admissível para a exclusão da TVP nas práticas do SUS.

2.2 O despontar da TVP no Brasil

Remontando a tempos imemoriais vamos encontrar práticas ligadas ao acesso da consciência das formas mais variadas. Apenas tinham esse acesso os iniciados, considerados de certa forma, privilegiados. Assim, eram chamados de xamãs, sacerdotes, místicos, pois só a eles eram “dado” o poder de tais manipulações através de técnicas ocultas e misteriosas. Assim, segundo (PINCHERLE, 1990, p. 33): “ritmos, danças, sons variados, exercícios respiratórios, jejuns, contenção sexual ou até utilização da sexualidade com contenção do orgasmo, e ainda pelo uso de drogas as mais variadas, geralmente de origem vegetal”, eram as formas de acesso a este estado de consciência para busca de suas curas ou previsões. Atualmente a TVP aparece como uma dessas práticas modernas de acesso à inconsciência como resposta às abordagens estanques que não conseguem lidar com novos fenômenos que surgem e da qual a psicologia, a psiquiatria e até mesmo a medicina ocidental não conseguem encontrar respostas convincentes. A TVP acessa estados alterados da consciência natural, sem uso de músicas para relaxar ou drogas, para realizar seu trabalho terapêutico, por isso é considerada uma abordagem transpessoal. “Assagioli, criador da psicossíntese, chamou a psicologia desses estados de psicologia transpessoal” (PINCHERLE, 1990, p. 16).

Embora a TVP já tivesse feito história nos Estados Unidos, seu aparecimento no Brasil se dá no início dos anos 80 através do casal Maria Julia Peres¹¹ e Ney Prieto Peres, um engenheiro industrial que já bem antes interessava-se por pesquisas ligadas ao campo da reencarnação. No ano de 1979, em viagem aos Estados Unidos descobriram o então renomado Morris Netherton, psicólogo norte americano, PhD em Psicologia que fez seus primeiros estudos sobre uma técnica psicológica que iria revolucionar a psicologia ortodoxa, assim como todo o estudo da psiquiatria. Embora utilizando pressupostos da psicologia tradicional, ele avança lançando novos conhecimentos na

¹¹Médica psiquiatra que teve participação ativa na fundação da ABTVP (Associação Brasileira de Terapia de Vida Passada) em 1987.

abordagem do inconsciente, perpassando limites até então ainda não desbravados em abordagens terapêuticas tradicionais.

De volta ao Brasil, empolgados com a nova abordagem, resolvem trazer o Netherton para que assim pudesse em terras brasileiras divulgar os novos métodos terapêuticos, que unia conceitos orientais revolucionando um novo método em termos de saúde física e mental/espiritual.

Participaram do primeiro curso, realizado em São Paulo, em 81, uma centena de médicos, psicólogos, psiquiatras e educadores. Foi daí que saiu a equipe de terapeutas pioneiros no gênero no Brasil. Um ano e 43 pacientes depois, a TVP provou que também sabia curar as angústias tupiniquins – em 20 sessões, 13 pacientes receberam alta (um índice de 35%)(REVISTA TRANSE – ANO II – N 20 – 1982).

Embora Netherton cite que: “o único aspecto ‘não-ortodoxo’ do meu método é a distância que pretendo retroceder para encontrar esse trauma: as raízes da existência do homem” (NETHERTON, 1997, p.24), em sua prática clínica sentia que a psicanálise não atendia de forma satisfatória as grandes demandas e percebia ainda, através dos relatos de seus pacientes, que faltava algo que pudesse trazer uma compreensão mais clara dos fatos e acontecimentos relatados na terapia. E assim, suas experiências o levaram à descoberta de uma nova abordagem que se expande por todo o mundo. Conforme citamos anteriormente, como referencial histórico, o casal Peres foram os primeiros a estudarem na fundação *Association for Past-Life Research and Therapy*, de Netherton, trazendo assim para o Brasil as primeiras informações a respeito dessa abordagem.

Este mesmo casal, mais tarde, funda a ABTVP (Associação Brasileira de Terapia de Vida Passada), passando depois a se chamar *ABEP-TVP (Associação Brasileira de Estudo e Pesquisa em Vivências Passadas)*. Nesse contexto, a intenção voltava-se para a “exploração” da pesquisa, já que era um assunto ainda desconhecido no Brasil, ao mesmo tempo que formavam novos desbravadores na linha dessa nova abordagem que acabara de aportar. Assim formaram-se grupos de estudos para conhecer e aprofundar essa temática e as novas técnicas que revolucionariam as de cunho tradicional. Conforme relatou uma das entrevistadas:

(...) haviam convidado psicoterapeutas e médicos, que quisessem estudar na Associação Médico Espírita São Paulo, o assunto que era totalmente novo

no Brasil. Eu telefonei, embora já tivessem encerrado as inscrições meu pedido foi aceito. Éramos um grupo grande de, sei lá, umas 30 pessoas, médicos e psicólogos para estudar o livro do Dr. Netherton. (...) E começamos cada um de nós, os psicólogos, se encarregaram de estudar um capítulo. Foi um estudo em grupo, cada um estudava um capítulo de acordo com seus conhecimentos de psicoterapia e apresentava para o grupo. Então foi uma coisa riquíssima, todo sábado de manhã a gente se reunia e cada um apresentava (BARSOTTINI, 2013).

Dentre os profissionais entrevistados durante nosso trabalho de pesquisa, dois deles, Barsottini (2013) e Lucca (2013), realizaram sua formação junto a esse primeiro grupo e posteriormente aperfeiçoaram seus estudos com Netherton, após sua passagem pelo Brasil. Após a formação desta pequena célula iniciante, onde a TVP deu seus primeiros passos, outros profissionais vieram dar sua contribuição à TVP¹², podemos citar: Lívio Túlio Pincherle (1990); Michel C. Maluf; Maria Elisa dos Santos; Herminia Prado Godoy; Maria Teodora Guimarães, dentre outros, além de Dirce Barsottini (2008) e Elaine de Lucca (2002), citados anteriormente. Dessa forma, a TVP teve seus precursores em território nacional, sendo Netherton considerado o “pai da TVP” no Brasil, haja vista ser ele o responsável pela sistematização do método em nosso país. Contudo, antes da passagem de Netherton pelo Brasil, a TVP já alcançava, em outros países, sobretudo nos Estados Unidos, uma grande sedimentação, como veremos adiante.

Embora esta terapia tenha sido introduzida no Brasil no início da década de 80, através dos estudos da obra de Netherton (Cf. LUCCA; POSSATO, 2002b), esta abordagem havia surgido nos Estados Unidos e em outras partes do mundo de forma espontânea e quase instantânea, não havendo dessa forma um principal precursor. Nos

¹² Embora alguns desses profissionais citados acima tenham formação acadêmica diferenciada, alguns desses terapeutas publicaram a respeito desta temática e mostraram grande interesse pela abordagem psicoterápica da TVP. **Pincherle** formou-se médico pela Escola Paulista de Medicina em 1950 e passou a trabalhar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Tem diversos trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras e é co-autor do livro *Psicoterapias e estados de transe*. Tem trinta e dois anos de experiência em hipnologia e nove em psicoterapia de vida passada. **Maluf** é médico psiquiatra pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. É hipno e psicoterapeuta, membro da Associação Brasileira de Psiquiatria. **Godoy** é psicóloga formada em 1978. Membro fundador e didata da Associação Brasileira de Terapia de Vida Passada. **Santos**, formou-se em pedagogia no ano de 1978, formou-se posteriormente em psicologia em 1983, estudou TVP com Netherton, com a Edite Fiore e Hans Tendam. **Guimaraes** médica psiquiatra, foi diretora e membro didata da Associação Brasileira de Terapia de Vida Passada. É autora de trabalhos apresentados em congressos médicos psiquiátricos desde 1973. (PINCHERLE, 1990, p. 193-194).

consultórios do mundo inteiro, médicos psiquiatras que a princípio utilizavam métodos tradicionais, viam-se agora diante de um novo fenômeno: pacientes que entravam em transe, através do estado hipnótico, começavam a trazer relatos de experiências, falar línguas estranhas e até trazer experiências espirituais. Uma das precursoras da TVP no Brasil, Guimarães, cita em seu artigo: “*TVP e Espiritualidade*”, extraído do site eletrônico da SBTVP – Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada, o seguinte pensamento que vem corroborar com nossa visão acerca do surgimento da TVP:

A TVP não é uma terapia inventada por alguém. Há cinquenta anos, mais ou menos, nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo, médicos que trabalhavam com hipnose passaram a perceber que seus pacientes, durante o transe hipnótico, falavam outras línguas ou relatavam dados históricos para os quais não tinham nenhuma cultura; por exemplo, um servente de pedreiro relatando fatos da Revolução Francesa. Curiosos, os médicos observaram o que acontecia e com o tempo concluíram que esses pacientes, durante as sessões, eram transportados a vivências passadas (GUIMARÃES, 2013)¹³.

Esta autora também compartilha com o pensamento de que a TVP não tem apenas um precursor, mas vários, devido ao surgimento simultâneo em vários pontos do mundo. Embora a abreviação TVP remeta a um aspecto de cunho religioso, por ter como pressuposto a teoria da reencarnação, é discurso bastante repetido entre os profissionais que não é papel do terapeuta entrar nesse mérito, ou seja, a comprovação da teoria. Ao contrário, afirma-se que ao terapeuta cabe utilizar as técnicas e trazer resultados positivos e satisfatórios para o bem estar do cliente. Cita ainda Netherton que: “Esse tipo de terapia nada tem a ver com crenças religiosas e o paciente não precisa aceitar mais do que o procedimento em si para que funcione” (NETHERTON, 1997, p. 15).

Esta terapia complementar a qual nos reportamos tem várias facetas: terapia do inconsciente, terapia de regressão de memórias, terapia a vidas passadas, entre tantos outros. Cada faceta, diferenciada por sua nomenclatura, mas que guardam grandes semelhanças pelas técnicas utilizadas. Conhecida, então, como terapia do inconsciente, passou a ser chamada por alguns terapeutas de “terapia de vidas passadas” por encontrar nesse termo aspectos do campo espiritual. Embora na literatura específica possamos encontrar várias denominações para essa abordagem terapêutica, como podemos citar

¹³TVP E ESPIRITUALIDADE, disponível em: <http://www.sbtvp.com.br/artigo/12/TVP-E-ESPIRITUALIDADE>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ainda Woolger, que utiliza o termo “Terapia Regressiva Integral” (WOOLGER, 1987), a maioria dos praticantes utiliza TVP – Terapia de Vidas Passadas.

A TVP despertou e ainda desperta fortes resistências, entretanto, para os profissionais que adotam a prática terapêutica, mesmo sendo recente, é possível comprovar que essa abordagem vem atraindo um número cada vez maior de simpatizantes por uma única razão: os resultados têm sido satisfatórios (LUCCA e POSSATO, 2002b, p. 11).

O fato de não compreendermos todas as respostas não invalida a eficácia da TVP; não podemos dizer com isso que é fruto de fantasias e imaginação como afirmam os céticos (LUCCA e POSSATO, 2002b, p.12). Para Lucca, podemos até nos recusar a aceitar que estas vivências estejam ligadas à teoria da reencarnação, mas jamais poderemos negar os resultados que esta terapia nos oferece. “Firmando-se como um novo degrau para a psicologia, a Terapia de Vida Passada une conceitos espirituais e terapêuticos em um caminho único” (LUCCA e POSSATO, 2002b, p. 13). Existem ainda aqueles que trabalham a partir de uma perspectiva não reencarnacionista, como assinala Ravid Rozenkviat:

(...) Uns dão maior ênfase ao processo regressivo, outros usam esta técnica juntamente com outras técnicas e conceitos espiritualistas, e ainda há aqueles que preferem abordar esta técnica a partir de uma perspectiva simbólica, considerando como secundária a veracidade da reencarnação e como primária a eficácia da técnica (ROZENKVIAT, 2006, p. 39).

Mesmo os enfoques de aplicação da TVP sendo distintos, com maior ou menor destaque a “veracidade da reencarnação”, podemos confirmar que tanto conceitos espirituais/religiosos quanto terapêuticos se cruzam de forma clara nessa abordagem. Segundo Lucca, é importante lembrar que a TVP não é uma terapia espírita, embora, o pressuposto que interliga essa abordagem terapêutica seja a teoria da reencarnação.

No Brasil, à medida que a demanda pela TVP cresce, os profissionais envolvidos sentem a necessidade de formalizar sua prática. Para consolidar e legitimar seu discurso terapêutico em torno da TVP surgem então as associações. Sabendo que a TVP traz em seu cerne uma variedade de pressupostos de várias culturas e saberes “distantes”, sente-se uma necessidade urgente, por parte de estudiosos e terapeutas da área, não de criar uma metodologia específica, mas sim de pesquisar e torná-la acessível aos que buscassem tal conhecimento. De forma mais clara podemos detalhar o seguinte: a primeira associação criada foi a ABTVP (Associação Brasileira de Terapia de Vida

Passada), em 1987, depois passou a se chamar ABEP-TVP (Associação Brasileira de Estudo e Pesquisa em Vivências Passadas). Esta nova versão continua ainda tendo como foco o aprofundamento do conhecimento e a formação desta técnica psicoterápica. Surge ainda mais adiante, o INTVP (Instituto Nacional de Pesquisa em Terapia Regressiva Vivencial) em 1989, e a SBTVP (Sociedade Brasileira de Terapia de Vidas Passadas) em 1994, tendo à frente Guimarães e um grupo de pesquisadores que procuram desenvolver estudos e pesquisas.

A primeira sede surgiu na cidade de Campinas – SP, depois se fixou em Santos onde se encontra até a data presente. Hoje a Associação realiza cursos de formação em terapia de vida passada destinados a psicólogos e médicos. As associações surgiram em vários espaços, ganhando seus diversos direcionamentos, começando nos Estados Unidos e chegando ao Brasil. Para uma visão mais didática, complementamos [com a apresentação](#) abaixo a respeito do surgimento dessas associações:

APRT (Association for Past Life Research and Therapies), fundada em 1980. Promove dois congressos por ano. Não promove mais cursos de formação. Funciona atualmente quase que como uma federação de institutos e terapeutas de TVP, sem definição de critérios técnicos. Riverside, Ca, EUA.

AAPPLE (The Association for the Alignments of Past Life Experience), fundada em 1985. Promove cursos de formação de terapeutas (exclusivamente com a técnica de Netherton). South Pasadena, Ca, EUA.

ABTVP (Associação Brasileira de Terapia de Vida Passada), fundada em 1987. São Paulo, Brasil. Usa técnicas diversas, sem direcionamento ideológico exclusivo.

INTVP (Instituto Nacional de Terapias Regressivas a Vivências Passadas), fundada no final de 1989. São Paulo, Brasil. Nasceu de uma cisão didática da ABTVP. Trabalha atualmente exclusivamente com uma técnica mista (denominada Técnica Peres), onde se juntam tendências diversas (relaxamento, condicionamento positivo, etc). ministra cursos de formação de terapeutas.

SBTVP (Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada), fundada em 1994 como uma dissidência filosófica da ABTVP, com critérios técnicos definidos (ênfase na chamada Técnica Padrão, sem uso de hipnose, trabalhando com o caráter e com “presenças” no setting terapêutico). Promove cursos de formação de terapeutas. Campinas, SP, Brasil (GUIMARÃES, 1996, p. 25-26).

A História mostra que os processos de institucionalização estão normalmente vinculados a uma busca por legitimação. Neste caso, embora a TVP já ocorresse enquanto uma prática terapêutica, fazia-se necessário o estabelecimento de identidades, identificações, que são sempre (re)construídas, jamais fixas e acabadas. Rosenkviat destaca que esse processo de formalização e institucionalização não teve o objetivo de trazer

uma unificação teórica nem metodológica, muito pelo contrário, diversas variações técnicas da TVP foram surgindo no decorrer dos últimos anos culminando numa gama de associações que desenvolvem a pesquisa, oferecem cursos de formação de terapeutas em TVP, cada uma delas com uma variação técnica própria (ROSENKVIAT, 2006, p. 39-40).

Na entrevista de campo pude perceber que não existe um método específico e regulamentado como nas ciências oficiais, sobretudo na psicologia que vai rechaçar as técnicas da TVP como algo destoante do que o mundo acadêmico orienta. Retomando o pensamento do autor acima, encontro nas palavras dos meus entrevistados a possibilidade de variações destas técnicas e metodologias que se desdobram em tantas outras que de certa forma não limitam e nem inviabilizam tais práticas.

[...] Então na terapia de vidas passadas usamos uma metodologia que visa justamente descobrir primeiramente quais são esses traços negativos de personalidade, de caráter que o paciente está trazendo para a terapia, visa o paciente se conhecer bem, quais traços de caráter e depois descobriremos no passado desse paciente histórias que tenham a ver com tudo isso. (LEMELA, 2013).

É interessante perceber que embora sendo uma terapia que já tenha alcançado um certo tempo de experiência no rol do “mercado” das abordagens desta linha, não encontramos muita rigidez em seguir apenas um determinado modelo de prática:

Existem várias abordagens, várias técnicas, inclusive a técnica da Elaine, do Shimoda é diferente da nossa. A nossa técnica foi desenvolvida pela Dr^a. Teodora, ela é a presidente e fundou a SBTVP. Essa técnica é denominada de técnica padrão. (ROQUINI, 2013).

Entre tantas abordagens terapêuticas de linha alternativa, a TVP parece nos últimos anos vir alcançando um forte espaço na mídia como também no mundo atual. Complementa-nos este pensamento Rozenkviat:

No Brasil adentrou com grande efervescência, e tem sido vastamente aplicada recebendo, amiúde, destaque nos principais meios de comunicação. Salienta-se o fato que a sua aplicação terapêutica tem sido oferecida não só por “gurus” espiritualistas ou terapeutas alternativos, mas também por vários profissionais da área da psicologia e da psiquiatria (ROZENKVIAT, 2006, p. 11).

Para alguns Conselhos que ditam suas normas, é preferível situar a TVP na esfera das terapias alternativas e tê-la apenas no campo experimental de estudo. Esta visão causa em alguns terapeutas certo mal estar, pois querem para si o mesmo status de

outras ciências uma vez que seria inconcebível para um trabalho que já se formou há mais de 40 anos ficar no anonimato e rechaçada como prática anti-científica.

Em entrevista concedida, Lemela rebate essa postura dos conselhos de tomarem para si toda verdade de um discurso que se diz científico:

Alguns conselhos normativos mundo afora ainda preferem situar a TVP na esfera das terapias alternativas, podendo ser aplicada somente de forma experimental. Tal rótulo, entretanto, é inconcebível para um trabalho cujo embrião se formou há mais de 40 anos. Mas grande parte dessa culpa cabe aos próprios profissionais de TVP que além de nada publicarem com embasamento técnico-científico relativo ao trabalho por eles executados, ainda se deixam seduzir pelas promessas de curas mirabolantes, ou então se enchem de zelo por não quererem se expor demais ao consenso da comunidade científica. (LEMELA, 2013).

Embora a TVP esteja para muitos associada a temas esotéricos, é nesse “terreno” impreciso e anti-científico que parece proliferar encontrando um espaço bastante promissor, sendo um fenômeno social que vem a algum tempo desdobrando-se merecendo ser tema de estudo dos pressupostos teóricos acadêmicos.

2.3 Controvérsias em torno dos métodos e técnicas utilizada na TVP

O primeiro a desbravar os caminhos incógnitos dos mares revoltos do inconsciente foi Sigmund Freud. Seu método psicoterápico foi designado de psicanálise que alcançava áreas da psique humana trazendo mudanças a mente humana em forma de catarse:

Assim surgia o método catártico, que foi definido por Breuer como um modo de eliminar os sintomas histéricos fazendo a paciente recordar o momento e a circunstância em que o sintoma foi produzido pela primeira vez, geralmente um acontecimento carregado de emoção intensa que não era exteriorizada ou manifestada pela paciente, ficando estancada (PAIM; IBERTIS, 2006, p. 143).

Este método baseava-se em colocar o paciente em nível hipnótico para que assim sua consciência ampliasse e de tal forma acessasse outros estágios psíquicos onde possivelmente instalara-se o sintoma. Dessa forma, o objetivo era mergulhar em busca desses sintomas instalados pela primeira vez e libertar o paciente dessa carga de energia estagnada.

Para isso retroceder ao primeiro estágio onde os sintomas foram impregnados pela primeira vez em formas de pensamentos, sentimentos ou impulsos, era o caminho para fazer o desligamento e expurgar o que estava represado. Embora Freud tenha abandonado a hipnose para acessar tais estágios, seu método inspirou novos saberes a respeito da mente humana.

Segundo Guimaraes (1996), os princípios básicos que regem essa abordagem terapêutica, no caso a TVP, é que todos os eventos traumáticos que não foram resolvidos estão reprimidos e armazenados no inconsciente, seja um evento próximo (desta vida) ou mais remoto (em vidas passadas), estes causam grandes distúrbios em nossa vida presente. De acordo com essas evidências traumáticas vamos ter diversas formas de apresentação destes distúrbios. Woolger (1987) nos apresenta uma lista desses distúrbios psicológicos mais comuns que costumam ser tratados na TVP, uma vez que segundo este mesmo autor, cada fato ou evento sepultado no inconsciente pode detonar um problema ou distúrbio que estão ligados intrinsicamente com um trauma passado. Veja uma lista de alguns possíveis problemas, segundo a visão deste autor:

Insegurança e medo de abandono. Relacionados com frequência a recordações de vidas passadas onde ocorreu abandono literal quando criança, separação durante uma crise ou uma guerra, orfandade, venda como escravo, ser abandonado para morrer em épocas de fome, etc.

Depressão e falta de energia. Recordações de vidas passadas relacionadas à perda de um ente querido ou de um dos pais, luto inacabado, lembranças suicidas, desespero em consequência de guerra, massacre, deportação, etc.

Fobias e medos irracionais. Todo tipo de trauma numa vida passada: morte pelo fogo, pela água, por sufocamento, por animais, facas, insetos, desastres naturais, etc.

Problemas de comportamentos sadomasoquistas. Em geral, relacionados com recordações de tortura em vida passada, frequentemente com perda de consciência e muitas vezes com conotações sexuais; o sofrimento e a cólera parecem perpetuar o ódio e o desejo de vingar-se de algum modo.

Culpa e complexo de mártir. Em geral, decorrentes da lembrança de matar diretamente entes queridos numa vida passada ou de sentir-se responsável pela morte de outros (como num incêndio, por exemplo): sacrifício humano de um filho, ter ordenado a morte de outros sem necessidade, etc. o pensamento recorrente é com frequência: “A culpa é toda minha. Mereço isto.”

Insegurança material e desordem alimentares. Muitas vezes constituem a repetição de lembranças de ter morrido de fome em vida passada, de colapso econômico ou de pobreza inevitável; manifesta-se na forma de anorexia, bulimia ou obesidade.

Acidentes, violência, brutalidade física. Repetição de lembranças de antigas batalhas em vidas de guerreiros, busca não realizada de poder, pela aventura cerceado; comuns na adolescência, fase da vida em que, ao longo da história, muitos soldados encontraram a morte.

Guerras familiares. Em geral, antigos problemas de vidas passadas a serem resolvidos com pais, filhos ou irmãos: traição, abuso do poder, injustiças em questões de herança, rivalidades, etc; inclui a maioria dos complexos edipianos estudados por Freud.

Abusos e problemas sexuais. Frequentemente problemas de frigidez, impotência e infecções genitais estão relacionados com histórias de estupro, abuso ou tortura em vidas passadas. Muitas histórias de incesto e abuso de crianças acabam por ser repetições de antigos modelos onde a liberação emocional foi bloqueada.

Dificuldades matrimoniais. Estas derivam com frequência de vidas passadas onde o mesmo par amoroso se encontrava numa constelação diferente de poder, classe social ou sexo, como, por exemplo, na condição de amante, escravo, prostituta, concubina, onde os papéis sexuais eram invertidos.

Indisposições físicas crônicas. Repetições de mortes ou de ferimentos traumáticos na cabeça, nos membros, nas costas, etc, em vidas passadas. A terapia em geral alivia a dor crônica dessas regiões; dores de cabeça podem relacionar-se a opções mentais intoleráveis em outra vidas; dores de garganta podem corresponder a denúncias verbais ou pensamentos não expressos; úlceras, a memórias de terror; dores no pescoço, a enforcamento ou estrangulamento (WOOLGER, 1987, p. 25).

Todos esses dramas da alma parecem inacabáveis nos arcabouços do passado remoto e que parecem encontrar nesta terapia alívios ou pelo menos uma explicação mesmo que não plausível para outras abordagens de linha tradicional.

Assim, existem vários métodos terapêuticos que alcançam resultados tão profundos e eficazes, mesmo que para isso, cause espanto e controvérsias.

A TVP é uma dessas práticas que inclui-se numa abordagem bastante incomum, que causa grande espanto e que por diversas vezes é associada ao ocultismo.

Segundo o que pudemos pesquisar, os métodos têm suas variâncias embora o objetivo seja o mesmo: a cura ou a melhora do paciente. Outro pressuposto comum à maioria, é que essa abordagem sustenta-se em bases espiritualistas, trazendo conceitos de reencarnação, carma, obsessão, possessão, etc. Seleccionamos alguns terapeutas que já trabalham neste campo a longos anos para que assim possamos descrever a mobilidade como ocorre esse processo terapêutico de acordo com a concepção e conceitos defendidos em suas práticas diárias.

Sempre na primeira sessão realizo a anamnese, uma entrevista onde procuro saber a história da vida do paciente, desde a concepção até o momento das queixas que o levou a me procurar. Na segunda sessão em diante, é realizada a regressão e após o término de cada sessão faço as relações entre os problemas atuais relatados com o que foi visto nas regressões. Não importa o número de vidas a serem vistas, enquanto existir o problema, trabalho com a ideia de que existem mais fatos ocultos, não revelados. [...] O paciente é induzido, depois de um trabalho de relaxamento, a ver o que tem relação com a sua queixa, com o seu problema. Conduzo seu inconsciente através de perguntas, porém jamais induzo as respostas. Por exemplo, quando um paciente diz sentir dores de cabeça, faço o relaxamento e peço que ele repita constantemente: “Tenho dor de cabeça”; “tenho dor de cabeça”. Então solicito que ele vá até um momento passado onde apareça uma das origens

para essa dor de cabeça constante. Esse momento passado pode ter ocorrido tanto nesta vida atual – um acidente na infância, por exemplo – como em qualquer outro momento (LUCCA e POSSATO, 2002b, p. 20- 21).

Segundo Lucca e Possato (2002), vamos encontrar diversas formas de aplicar essa terapia. Os autores informam que a TVP não deve ser aplicada apenas a título de curiosidade, para satisfazer curiosos de plantão mas, ao contrário, deve ter um propósito de auto-cura. Acrescenta ainda que é importante trabalhar cada emoção que aflora durante o tratamento, orientando o paciente para a conexão que há entre as regressões e os seus sintomas que o acompanham hoje. Embora esta abordagem terapêutica trabalhe com o pressuposto da teoria da reencarnação, não cabe ao terapeuta convencer o paciente de que tal crença seja necessária para a eficácia do trabalho:

Não induzo ninguém a acreditar na reencarnação, pois este não é o meu trabalho, e a crença ou não em vidas passadas não tem relação com a eficácia da terapia. Invariavelmente oriento todos os meus pacientes a respeito da técnica e da teoria, explico-lhes o método, demonstrando claramente que a base do tratamento pressupõe experiências de vidas passadas, e somente a partir da concordância do paciente, começamos a terapia (LUCCA e POSSATO, 2002b, p. 19).

Em seu livro, *Vida Passada – Uma abordagem psicoterápica*, o Netherton nos traz uma análise de como este método funciona e como o inconsciente é elemento primordial para descoberta onde os males estão “escondidos”. Veja abaixo:

Como muitas formas de psicoterapias, a terapia de vida passada admite a existência de um inconsciente na mente humana. Freud e Jung descobriram que nossas piores dores, nossos mais profundos temores e traumas estão sepultados em nosso íntimo. Comumente não nos lembramos dos eventos que lhes deram causa, nem das consequências imediatas de tais acontecimentos. Somente as cicatrizes são observáveis na forma de problemas comportamentais. Mas os acontecimentos não desaparecem da memória; encontram-se gravados no inconsciente. O analista freudiano procura fazer o paciente regredir aos primeiros anos de sua vida, buscando localizar a fonte de seus problemas atuais. Outros terapeutas, como Otto Rank, acreditam que os acontecimentos relacionados com o nascimento, ficam registrados no inconsciente. A terapia de vida passada dá, simplesmente, o passo seguinte. Acreditamos que os acontecimentos de vidas precedentes podem produzir efeitos tão devastadores no comportamento atual de um paciente quanto qualquer coisa que lhe tenha acontecido nesta existência (NETHERTON, 1997, p. 34- 35).

A aplicação deste método busca fazer uma intervenção profunda no que diz respeito à psique humana, buscando em tempos passados a origem dos problemas que

assolam o dia-dia trazendo malefícios, tanto físico quanto emocional e até espiritual, como vamos ver mais adiante.

Cabe ao terapeuta preparado analisar quando o processo pode ou não ser aplicado.

Recomendo àqueles que estiverem realmente interessados (refiro-me aos médicos, psicoterapeutas e médicos naturalistas) que aprendam a praticar o método em cursos, visto que, com o tempo, surgem, na prática diária, novos artifícios que facilitam a sua aplicação, os quais devido a sua variedade e número, são difíceis de apresentar por escrito (DETHLEFSEN, 1976, p. 113-114).

Conforme pude compreender acima, o método vai ganhando novas roupagens com aplicação de novas técnicas. Sendo a TVP uma terapia que tem como pressuposto a teoria da reencarnação vamos encontrar nela, diversos métodos de se abordar o trabalho terapêutico.

Para alguns terapeutas reencarnacionistas, de linha Kardecista, o método terá um viés onde o componente principal é a lei de ação e reação, ou seja, segundo esses terapeutas: se existe um problema hoje em sua vida atual, é muito provável que este já tenha instalado-se numa vida anterior e que repercute na vida atual em forma de sintomas físicos ou emocionais.

Para esclarecer melhor esse ponto nos diz uma das entrevistadas:

[...] eu fui elencando, quando eu percebi que havia uma lei de causa e efeito, eu pegava aquela vida solta e percebia: era uma vida onde a pessoa tinha iniciado o carma ou tinha resgatado? Porque o próprio Netherton ensina que havia vida de vítimas e de algoz. Vítima: a vida em que nós sofremos e algoz: a vida em que fizemos mal a alguém, mais uma estanke da outra. E estudando reencarnação eu vi que elas não podiam ser estanques elas tinham que estar todas atreladas e fazendo esse raciocínio, eu comecei a pedir para meu paciente, quando ele via uma vida de vítima, que voltasse para uma vida em que você foi algoz, se você precisou escolher essa encarnação para passar por esse sofrimento, por essa dor, alguma razão deve ter tido, para você escolher essa vida, para você necessitar desse carma. Então volte e veja que vida gerou, volte mais para traz um tempo e veja que vida gerou. E realmente o paciente também via a vida que gerou (LUCCA, 2013).

Segundo cada terapeuta, o método pode variar de acordo com sua linha de estudos e comodidade a respeito da melhor forma de aplicação dos seus métodos.

Para Dethlefsen (1976), o seu método segue cinco etapas: o diagnóstico, a hipnose, a dramatização da experiência, o nascimento e a regressão a outras encarnações. Não há necessidade em preocupar-se com diagnóstico dentro desta

abordagem, apenas deve-se ter o cuidado de afastar a hipótese sobre alguma doença orgânica instalada:

Quando constatamos clinicamente que não existe uma doença orgânica (um tumor cerebral ou algo semelhante) que possa ser responsabilizada pelos sintomas apresentados, contento-me com uma descrição exata de como eles começaram e como se desenvolveram. Dependendo do paciente, isso poderá ser relatado em apenas três frases, ou na forma de uma biografia. [...] fazer um diagnóstico e tentar, logo no primeiro momento, forçar a sua classificação e incluí-lo num grupo qualquer não passa de uma transgressão (DETHLEFSEN, 1976, p. 114).

Ainda para Dethlefsen (1976) neste primeiro estágio é importante esclarecer que o terapeuta é apenas um coadjuvante junto ao paciente para que ele encontre sua cura e que neste processo o próprio paciente é o ator principal. Isto faz com que a relação entre paciente e terapeuta assuma papéis diferentes onde todos caminham numa mesma direção sem haver papel da passividade sobre o paciente, libertando-o para assumir seus próprios passos.

No método de Shimoda um dos entrevistados em minha pesquisa de campo, esta abordagem terapêutica ganha um viés ainda mais espiritual que o método dos outros terapeutas citados acima. Vamos ter um neologismo criado por Shimoda onde o termo TVP sofre mudança semântica em sua estrutura, agora chamada de *TRE (Terapia Regressiva Evolutiva)*. Segundo Shimoda, em sua metodologia, não lhe cabia o papel de descortinar o “véu do esquecimento” – termo utilizado por Kardec para designar a barreira do esquecimento. Dessa forma, compreende que não seria o terapeuta que deveria conduzir a terapia e sim forças espirituais da qual chamou de Mentor Espiritual. Após anos de experiências coma TVP, chegou a seguinte conclusão:

No início de meu trabalho em TVP, ao me utilizar da regressão de memória para libertar os pacientes das amarras de seu passado (bloqueios emocionais), achava, equivocadamente, que eu, na condição de terapeuta, deveria conduzir a regressão de memória para encontrar a origem de seus problemas, fazendo-os revivenciar acontecimentos traumáticos de seu passado, seja desta vida (infância, nascimento, útero materno) ou de um passado mais remoto – suas vidas passadas (SHIMODA, 2010, p. 17- 18).

A metodologia de Shimoda segue sete passos na qual fica claro o papel principal do “mentor espiritual” do paciente, como condutor desta abordagem terapêutica. Vejamos um fragmento da entrevista em que o autor detalha o passo a passo na busca de

descortinar esse “véu do esquecimento”, não pelo terapeuta, mas pelo “mentor espiritual” do paciente:

Para que agente possa entrar em sintonia de acordo com a lei da afinidade, nós entramos em sintonia com o ser de luz. A prece é imprescindível não importa a crença do paciente, pode ser católico, budista....[...] Um relaxamento progressivo, sistemático..., aqui nós trabalhamos com indução hipnótica, no nível leve/médio e não profundo [...] Após relaxamento nós fazemos a técnica da escada em que a pessoa vai imaginar uma escada e ela vai descer, aprofundar cada vez mais e no final dessa escada eu peço para a pessoa imaginar um jardim e no final desse jardim eu peço para pessoa visualizar um portão imaginário. Esse portão funciona como um portal que é o recurso técnico que utilizo que funciona como um portal, que separa o mundo material dimensional do mundo espiritual, o presente do passado. Então quando a pessoa atravessa o portal ou ela vê uma cena de uma vida passada ou ela vê o astral superior que é o plano de luz [...] Após a pessoa trazer todo o conteúdo, conversar com mentor tudo, ou regredir ou conversar com obsessor ou um ser de luz, aí vem a volta que é o fechar do portão, o retorno que agente fala, e a pessoa faz o caminho inverso, e quando ela atravessa o portão, eu peço para ela se desligar daquilo que ela vivenciou e para agradecer ao mentor dela, as orientações que recebeu e aí eu peço para fazer o inverso, agora retorno, peço pra visualizar a escada, então é o sexto passo que é o retorno. E o sétimo finalização, que você pede que ela vai voltar em perfeito equilíbrio mental, emocional, físico, se desvincular da experiência traumática na qual ela passou ou alguma coisa do gênero (SHIMODA, 2013).

Dessa forma Shimoda incorpora uma nova modalidade que foge as regras das aplicações até então vivenciadas pelos terapeutas dessa abordagem. Esta modalidade, pelo que podemos observar, incorpora um personagem maior, que ele chama de “mentor espiritual” e que direciona e toma toda a responsabilidade da condução da sessão terapêutica. Isso nos faz lembrar o que nos diz a esse respeito Tendam:

Muitas vezes o contato com a personalidade maior acelera a terapia. Às vezes, trata-se apenas de passar a responsabilidade a outrem. Isso acontece quando o terapeuta não sabe se uma regressão a um episódio particular é desejável e pede conselho ao eu maior ou a um guia (TENDAM, 1993, p. 82).

Para Fiore (1987), uma norte americana que utiliza técnica de hipnose para regredir seus pacientes, a terapia não é nenhuma panaceia que irá resolver todos os problemas emergentes do ser humano, no entanto, é possível encontrar muitas respostas numa terapia baseada na sobrevivência do corpo físico após a morte. Na aplicação de sua metodologia nesta abordagem terapêutica, esta autora reconhece que em sua grande maioria, os maiores malefícios psicológicos e psicossomáticos são atribuídos a questões espirituais. Assim declara Fiore em seu livro *Possessão Espiritual*, que:

Desde que me dei conta desse fenômeno, descobri que pelo menos setenta por cento dos meus pacientes eram possesores e que essa situação lhes causava a moléstia. A maioria deles foi aliviada – através de técnicas de desposseção – de mais de uma entidade. Pacientes ocasionais, sem o saber, hospedavam cinquenta entidades, ou mais! (FIORE, 1987, p. 15).

Segundo seu método, Fiore (1987), descreve dez sinais e sintomas de uma possível possessão que podem ser analisados para uma possível desposseção. A primeira característica seria uma grande diminuição de “energia”, ou seja, acordar com grande indisposição para as tarefas diárias seria um grande indício. Para obter realmente essa característica é preciso ao acordar, sintonizar o corpo com calma e fazer essa medição, tendo o cuidado, sem dúvida, de usar o bom senso para não confundir com sintomas de uma noite mal dormida entre outros fatores. Outra característica reveladora de possessão é a mudança brusca de personalidade, geralmente você se pergunta: “Isto realmente sou eu?”. A terceira característica seria o “falar sozinho”. Muitas vezes sem que se perceba esses “monólogos” são enriquecidos com certas disputas e até ordens de comando:

Muitos dos meus pacientes compreenderam mais tarde que, quando supunham estar falando consigo mesmos, estavam, na realidade, falando com os seus espíritos possesores, que conheciam subconscientemente! Entre as observações típicas figuravam algumas como estas: “Você não deveria pensar dessa maneira; tem uma contribuição muito grande para dar!” Eles falavam, muitas vezes, “consigo mesmos” como falariam com crianças, ou com outras pessoas de personalidade diferente. [...] De vez em quando, os possesores lhe darão instruções, ordens, ou até ralharão com você. Dependendo da personalidade dos espíritos, o tratamento que lhe dispensarão poderá ser protetor, crítico ou humilhante. “Você não precisa trabalhar tanto”. “Não deixe que ele se aproveite de você”. “Sua cadela; ninguém será capaz de amá-la!” “Seu palerma gordo!” (FIORE, 1987, p. 154,155).

O quarto indício de possessão espiritual é amiúde o abuso de substâncias como drogas ou álcool. Nestes casos há quase sempre um componente dos diálogos anteriores reforçando o paciente a praticar tais comportamentos. No quinto sintoma encontramos o impulso a praticar algo sem pensar, todo tipo de comportamento compulsivo encontra-se neste item. Seguindo a lista temos então os lapsos de memória constante, problemas ligados ao campo da concentração, que se vincula muito ao anterior, temos também a ansiedade e a depressão que aparecem de forma súbita, sentimentos manifestos após ter você visitado alguém em hospitais e por último a reação a certos tipos de leitura que o

faz pensar sobre questões como essa, pode ser um grande indício. Em resumo temos então, segundo Fiori:

Nível baixo de energia; mudanças de gênio ou vaivém de estados de espírito; voz(es) que falam com você; abuso de drogas, incluindo álcool; comportamento impulsivo; problemas de memória; concentração fraca; início repentino de ansiedade ou depressão; início repentino de problemas físicos sem causa manifesta; reações emocionais e/ou físicas à leitura de influências negativas (FIORE, 1987, p. 158).

Após o diagnóstico de entidades possessivas, aplica-se segundo Fiore a técnica de desposseção que segue as seguintes instruções:

1. Faça a desposseção numa ocasião em que você não seja interrompido. Destine meia hora ao processo. [...] procure estar bem descansado e calmo quanto possível. Não ingira drogas, álcool inclusive, antes da desposseção.
2. Comece relaxando por alguns minutos numa poltrona ou divã confortável. Cerre os olhos e faça três ou quatro respirações lentas e profundas, inspirando e expirando comodamente pelo nariz. Recite suas orações favoritas [...]
3. A fim de proteger-se contra quaisquer forças ou entidades negativas possíveis, é importante formar uma barreira espiritual defensiva. Empregue a técnica da luz branca.
4. Dirija-se ao espírito possessor, mentalmente ou em voz alta, da maneira que lhe for mais confortável, com bondade e afeto. [...] inculca nele a ideia de que ele é um espírito que mora em torno do seu corpo desde que o corpo dele morreu, e recorde-lhe as circunstâncias de sua morte. [...]
5. Continue a relaxar. Agradeça aos seus auxiliares espirituais e passe alguns minutos em perfeita calma (FIORE, 1987, p. 164- 166).

Há quem possa questionar tais métodos e técnicas utilizadas pela TVP ou TRE e tantas outras denominações, alegando ser esta terapia um verdadeiro embuste. Entre as várias especulações a respeito de encontrar algo que possa desqualificar tais práticas temos: a fraude, a sugestão, a imaginação livre, identificação, divisão de personalidade, criptomnésia, memória hereditária, percepção extra-sensorial e possessão (Cf. Wiesendanger, 1991). Na regressão a vidas passadas, você resgata memórias onde estão contidos personagens que continuam ativos e atuantes quanto antes, assumindo o controle de situações diárias como tal. Segundo Tendam: “assim, a regressão a uma vida passada é mais ou menos uma animação da personalidade passada” (TENDAM, 1994, p. 77). Regredir se torna então uma experiência de reanimação da(s) personalidade(s) do passado, é fazer um trabalho antropológico para escavar memórias soterradas e trazer à tona personagens adormecidos, mas que muitas vezes estão tão vivos quanto antes, coadjuvando em companhia de possíveis forças obsessoras ou mesmo pseudo-obsessões, ativando sintomas psicológicos ou psicossomáticos. O trabalho profilático

dos resgates de memórias passadas talvez seja refazer o percurso mal interpretado e mal organizado da pseudo personalidade que hoje atua em conjunto com a personalidade atual imbricando-se e fundindo-se, tornando-se parte do mesmo membro. É importante neste trabalho de resgate dessa subpersonalidade para que seja compreendido e integrado a sua verdadeira essência:

Na Terapia de Vida Passada começamos com uma regressão à uma vida traumática; depois o terapeuta leva a personalidade obsedante e irrequieta a uma experiência completa de morte, guiada pela personalidade presente ou, se necessário, pelo terapeuta. Depois disso o pseudo-obsessor se torna um “membro integrado da família”, seja na vida presente, seja no eu maior. É interessante e satisfatório curar uma pseudo-obsessão, e os resultados são espetaculares; a revolução no bem-estar geral e o desaparecimento dramático das queixas psicossomáticas (TENDAM, 1997, p. 78).

Para o alcance desse trabalho, o uso da hipnose parece ser o mais adequado pois facilita que a mente se coloque num nível onde possa ser mais acessível ao estado desses fenômenos. O próprio Tendam (1998) nos diz também que o uso da hipnose com técnicas específicas facilita a percepção entre personalidade passada ou obsessão e que “quando um obsessor ou um pseudo-obsessor conta sua história de vida, pode ser um grande alívio e às vezes leva à cura espontânea” (TENDAM, 1998, p. 78). Alguns terapeutas fazem uso da hipnose com moderação sem, no entanto, atingir estados mais profundos, pois o paciente precisa estar com sua consciência elíptica para perceber os dois estados da consciência e assim poder interagir junto ao terapeuta.

De acordo com as entrevistas realizadas no trabalho de campo constatei que as abordagens são diferenciadas em alguns aspectos, não existe uma linha definida: Shimoda é o que mais distancia-se dos demais, faz um apanhado de tudo ampliando suas práticas. Os demais trabalham dentro de uma perspectiva kardecista embora, uns mais próximos e outros mais distantes por seguir um discurso mais institucionalizado da SBTVP.

2.4 A reencarnação e sua relação com a TVP

Adentramos a um dos campos mais escorregadios: o da reencarnação. Ao adentrar neste campo poderíamos nos perguntar: em que terreno estamos pisando? No campo da ciência ou da religião? Acreditamos que esta é uma disputa em que ainda não se delimitou tais terrenos.

Embora o tema da reencarnação não seja objeto de nosso estudo, por encontrar-se muito imbricado à TVP, merece considerações neste tópico. A TVP (terapia de vida passada) é uma abordagem psicoterápica suscitada no ocidente a partir dos anos 60 tendo como pioneiros: Netherton, Fiore, Woolger, entre outros e posteriormente ganhou novas bricolagens advindas de vários outros profissionais: terapeutas, psicólogos, médicos e psiquiatras, abrindo um campo para novas pesquisas e estudos sobre o tema reencarnação.

A TVP corrobora então com a hipótese da teoria da reencarnação e o discurso que se constrói é que apesar disso a prática terapêutica não se confunde com religião. A TVP parece responder a questões filosóficas que é buscar compreender as dúvidas dos pacientes, o porquê de suas mazelas, como também buscar um tratamento que muitas vezes a medicina alopata não consegue responder devido ao ranço impregnado da ciência positivista, mecanicista de conceber o homem como partes, como uma máquina.

Embora a abreviação TVP remeta a um aspecto de cunho religioso, por ter como pressuposto a teoria da reencarnação, é discurso bastante repetido entre os profissionais que não é papel do terapeuta entrar nesse mérito, ou seja, a comprovação da teoria. “Sempre digo a meus clientes: “Não importa se você acredita ou não em reencarnação. A mente inconsciente quase sempre produz uma história de vida passada quando evocada da maneira certa” (WOOLGER, 1996, p. 37).

Ao contrário afirma-se que ao terapeuta cabe utilizar as técnicas e trazer resultados positivos e satisfatórios para o bem estar do cliente. Cita também Netherton que: “Esse tipo de terapia nada tem a ver com crenças religiosas e o paciente não precisa aceitar mais do que o procedimento em si para que funcione” (NETHERTON, 1997, p. 15). Para alguns terapeutas que defendem a reencarnação como um pressuposto de suas práticas, indicam que hoje já nos deparamos com grandes evidências empíricas através das várias pesquisas que hoje foram e são desenvolvidas.

A reencarnação é hoje um fato cientificamente pesquisado. Com fortes evidências sob o ponto de vista da ciência, já alcançou a atenção dos institutos de pesquisas das universidades, notadamente nos Estados Unidos, onde é vasta a literatura científica a respeito (NOVAIS, 2003, p. 22).

Citaremos aqui três pesquisadores que se dedicaram a estudar este fenômeno: Prof. Hemendra Nath Banerjee, Dr. Ian Stevenson e Dr. Hernani Guimarães de Andrade. Embora não tenham conseguido encontrar provas concretas, lançaram assim

mesmo, seus questionamentos e deram suas primeiras contribuições (Cf. ROZENKVIAT, 2006).

Embora não se afirme como uma terapia espírita, a TVP considera-se uma terapia espiritualista, uma abordagem bastante incisiva e que traz conceitos espirituais e religiosos. Alguns terapeutas ou profissionais tentam desvincular o conceito de reencarnação alterando o termo TVP para outras terminologias conforme já citado anteriormente.

Na perspectiva dos terapeutas kardecistas que trabalham com TVP, é inegável que essa terapia tenha como base de sustentação a crença na reencarnação embora, fique claro em suas falas que, o paciente não precisa creditar que o material acessado durante o estado de percepção extra sensorial seja conteúdo de vidas passadas. Mesmo não crendo nesta hipótese, o processo terapêutico flui naturalmente sem que o paciente necessite de por suas crenças para que o acesso a vidas passadas apareçam. Este é um tema que enfrenta muitos desafios com a ciência vigente embora, segundo Pinchele (1992), a notoriedade do acúmulo de pesquisas já realizadas neste campo, já demonstra que não se pode desqualificar um assunto tão comentado em nosso meio hoje, em vista de tantas pesquisas já realizadas a respeito deste fenômeno. Segundo as pesquisas de Woolger, podemos considerar as vidas passadas sob 4 aspectos a serem percebidas, embora elas se sobrepõem quando na prática executada.

1. A abordagem paranormal: inclui a percepção de vidas passadas e o transe mediúnico.
2. A abordagem parapsicológica: favorece uma investigação científica e experimental da hipótese de vidas passadas.
3. A abordagem religiosa: apresenta ou explica a reencarnação como artigo de fé.
4. A abordagem psicoterápica: usa a regressão a vidas passadas em benefício da transformação terapêutica (WOOLGER, 1987, p. 43).

A reencarnação concebida por essas abordagens passa por vieses bastante distintos, mas que se cruzam em alguns momentos.

Para melhores esclarecimentos posso citar que o trabalho do paranormal pode compartilhar com o trabalho da pesquisa que faz o parapsicólogo, pois este pode procurar investigar cientificamente, por exemplo, os casos de transes mediúnicos que possam envolver assuntos ligados a reencarnação. Desta maneira, cada abordagem tem seus objetivos específicos, embora não precisem excluir-se em suas dinâmicas. Esta interação é vista em um dos trabalhos em que Woolger diz ter realizado em sua prática

terapêutica, onde pode conciliar entre uma e outra abordagem de forma que trouxesse ao trabalho final um resultado satisfatório.

Durante muitos anos, trabalhei em estreita associação com uma clarividente sensível a vidas passadas, a desequilíbrios energéticos sutis e à presença do que ela chamava de entidades. Eu devia complementar seu trabalho terminando histórias inacabadas de vidas passadas detectadas por ela e usando minhas próprias técnicas psicodramáticas para levá-las à consumação e à resolução. Por causa do trabalho que fazíamos em conjunto, passei a ter grande respeito por suas percepções a nível sutil. Fosse através de sua forma de ver os sonhos, os problemas físicos ou os traumas de vidas passadas, ela sempre apresentava elementos precisos e úteis para as dificuldades imediatas dos clientes em questão. Em linguagem psicológica, eu diria que ela possuía o dom do acesso direto ao inconsciente; o que para mim era a penumbra de um porão, com formas vagas entre as quais eu andava às palpadelas, para ela era um espaço feericamente iluminado com objetos psíquicos de forma e natureza muito distintas (WOOLGER, 1987, p. 44).

Reporto-me mais a frente a alguns desses pesquisadores que adentraram nesse terreno pantanoso e escorregadio afim de legitimar a reencarnação. Há grande esforço vindo de diversos grupos religiosos e instituições, o que inclui os terapeutas que trabalham com TVP, que buscam legitimar das mais diversas formas a teoria da reencarnação em vista de suas práticas.

O campo das evidências empíricas em torno da reencarnação prolifera de forma crescente (TENDAM, 1993). Este autor apresenta segundo suas pesquisas que há seis fontes modernas que sustentam a crença da reencarnação. A primeira fonte vem dos textos sânscritos que foram traduzidos em meados de 1820, que levou as primeiras fontes da crença na reencarnação na cultura clássica indiana. Sendo o sânscrito a língua mais antiga, encontrou-se nos seus escritos, vestígios de uma cultura que nos trouxe uma retrospectiva do nosso passado cultural, achando-se lá os primeiros indícios desta crença milenar (TENDAM, 1993). Outra importante fonte desta crença, está no espiritismo de Allan Kardec. Sua pesquisa o fez convencer-se não somente da realidade da vida após morte, como também das possíveis idas e vindas que segundo Kardec, seriam estágios de evolução. Gerou-se uma grande seleuma em torno das codificações de Kardec, pois ideias contrárias formularam-se em torno destas descobertas, dessa forma, grupos espiritualistas dividiram-se, surgindo uma cisão entre o espiritismo latino e o anglo-saxão a respeito da doutrina da reencarnação. Vejamos o que nos diz Tendam em suas pesquisas a esse respeito do fato:

Grupos espiritualistas que aceitavam a reencarnação receberam comunicações a respeito dela, e outros que a rejeitavam receberam comunicações desprezando-a. Isso criou uma confusão tão grande entre os encarnados que provocou uma cisão no mundo espiritualista internacional. Os “espíritas” acreditavam na reencarnação e os “espiritualistas” não. A maioria dos grupos ingleses e norte-americanos foi convertida ao espiritualismo, que refutava a reencarnação, enquanto outros, como os brasileiros, influenciados principalmente por Kardec, aceitaram-na (TENDAM, 1990, p. 27).

A terceira fonte moderna dessa crença, vem com os trabalhos da teosofia, tendo como figura relevante, Helena Blavastky¹⁴. Com seu prestígio intelectual e cultural inspirou conceitos gnósticos e esotéricos a respeito desta disciplina. Sem dúvida, há na teosofia, conceitos a respeito da reencarnação bem diferenciados do que pregam os espíritas.

Pode-se conceber então, nesta filosofia uma visão mais mística que propaga a ideia de que todo o conhecimento é apropriado por uma força interior que emana do próprio ser e que se ilumina por ele. Para corroborar com este pensamento vejamos o que nos diz (TENDAM, 1990, p. 28- 29):

A teosofia gerou um grande número de outras escolas gnósticas. [...] A literatura é gnóstica se tiver sido escrita por pessoas que tiveram acesso a fontes internas de conhecimento. Um gnóstico não acredita em absorver as opiniões de uma outra pessoa (conhecimento de segunda mão). Se uma pessoa desenvolver suficientemente seu senso interior, poderá alcançar a verdade por si mesma.

Nisto difere um dos pontos na teoria da reencarnação dos teosofistas para os espíritas: enquanto para os espíritas a revelação se daria pela comunicação dos espíritos via médiuns, para os teosofistas havia um valor na resposta interna sob um insight a respeito das revelações da qual o homem desconhecia. “Os gnósticos são dirigidos pela intuição superior e não pela observação e intelecto” (Tendam, 1990, p. 28), como fez Kardec. É importante ainda saber que no campo das experiências com regressões a vidas passadas: “Eles desencorajam pesquisas sobre o fenômeno de vida passada,

¹⁴ HELENA PETROVNA BLAVATSKY foi uma das figuras mais notáveis do mundo no último quartel do século XIX. Ela abalou e desafiou de tal modo as correntes ortodoxas da Religião, da Ciência, da Filosofia e da Psicologia, que é impossível ficar ignorada. Foi uma verdadeira iconoclasta - ao rasgar e fazer em pedaços os véus que encobriam a Realidade. Mas, porque estivesse a maioria presa às exterioridades convencionais, tornou-se o alvo de ataques e injúrias, pela coragem e ousadia de trazer à luz do dia aquilo que era blasfêmia revelar. Lenta mas seguramente, os anos se encarregaram de fazer-lhe justiça. Apesar das invectivas, considerava-se feliz por trabalhar "a serviço da humanidade", e deu provas de sabedoria ao deixar que as futuras gerações julgassem a sua magnífica obra. Disponível em: <<http://www.levir.com.br/teosofia71.php>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

desenvolvendo, em vez disso, teorias reencarnacionistas baseadas no insight e nas experiências interiores dos místicos, ocultistas e iniciados reconhecidos”.

A quarta fonte vem do pesquisador Albert de Rochas que através de suas pesquisas e experimentos com relação a vidas passadas. “Em 1898, Rochas notou que sujeitos colocados em transe eram inteiramente capazes de recordar experiências passadas” (Tendam, 1990, p. 29).

A quinta fonte vem dos trabalhos de Edgar Cayce.

Cayce respondia a questões gerais sobre reencarnação. Centenas de casos ilustram os conceitos de Cayce sobre a reencarnação. A principal razão de se levar isso a sério deve-se ao fato de as informações sobre os casos individuais poderem, algumas vezes, ser checados, e por suas outras declarações sobre as pessoas serem, quase sempre, precisas, mesmo que ele jamais as tivesse conhecido (TENDAM, 1990, p. 30).

A sexta moderna fonte que nos leva a crença da reencarnação vem dos relatos que foram escritos das pessoas que recordaram vidas passadas. Estes relatos foram construções espontâneas e que foram compilados em obras que tornaram-se populares.

O primeiro livro deste tipo a se tornar popular foi *Winged Pharaoh*, de Joan Grand (1937). Ela descreveu outras vidas em livros bastante acessíveis, fornecendo impressões vívidas da vida em épocas primitivas (TENDAM, 1990, p. 31).

Em resumo, sobre as fontes modernas do tema reencarnação no mundo moderno temos: “religiões indianas, espiritualismo, teosofia, seguidas por movimentos esotéricos similares, experimentos de regressão, Edgar Cayce e as recordações espontâneas de vidas passadas” (TENDAM, 1993, p. 31).

São variados os escritos a respeito desta temática e assim vamos trazer a baila alguns desses autores contemporâneos que dissecaram estudos a esse respeito. No que diz respeito à literatura mais recente temos várias pesquisas com recordações a vidas passadas. Dentre os pesquisadores mais recentes podemos citar: Ian Stevenson, Hemendra Banerjee, Francis Story, Helen Wambach e Hernani Guimaraes de Andrade. Ian Stevenson com seu sugestivo livro “*Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*”, relata o seu estudo, onde durante trinta e sete anos viajou em busca de trazer não conclusões definidas mas talvez um aparato de amostras sugestivas que pudessem ser estudadas e debatidas. Assim segundo conclusões de Michel C. Maluf:

O professor Stevenson é muito prudente em suas análises e conclusões e isto é uma notável característica do verdadeiro investigador que não faz afirmativas categóricas quando se trata de um terreno tão movediço. Uma coisa é a crença e outra coisa é provar cientificamente a doutrina da crença. Ele explica vários casos que se encaixam em teorias existentes, tais como a criptomnésia, a fraude, a percepção extra-sensorial, etc, porém existem casos segundo ele que não estão catalogados dentro de nenhuma teoria existente e que a balança parece pender para a teoria reencarnacionista (MALUF, 1991, p. 5- 6)¹⁵.

As pesquisas do Ian Stevenson, um dos pesquisadores que foi direto em campo, recolher testemunhos de crianças e para isso viajou durante exaustivos anos a fim de coletar casos de recordações espontâneas de vidas passadas com crianças. Essa pesquisa traz em seu arcabouço uma autêntica e interessante memória de relatos que merecem um olhar no mínimo curioso. Outro trabalho que merece grande importância diz respeito ao estudo desenvolvido por Helen Wambach, que envolve mais de 1000 casos de regressão a vidas passadas.

O trabalho de Helen Wambach parece-me a ruptura mais importante, mesmo que somente pela grande quantidade de casos. Ela regrediu com sucesso 90% de seus 1100 sujeitos, em cinco vidas diferentes cada um, as quais ela analisa estatisticamente, produzindo sumários de aproximadamente 5000 regressões (Wambach 1978). Também regrediu pessoas a períodos imediatamente precedentes à encarnação atual. Aproximadamente 750 delas tiveram experiências, também classificadas estatisticamente (Wambach 1979) (TENDAM, 1990, p. 33)

No Brasil destacou-se outro pesquisador de nossa atualidade, no campo da parapsicologia e da reencarnação Andrade¹⁶ (1913 – 2003). Fundou o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas onde procurou demonstrar cientificamente as experiências de paranormalidade como reencarnação, obsessão espiritual e transcomunicação instrumental. Um de seus experimentos mais marcantes foi o chamado Modelo Organizador Biológico (MOB), o qual denominou como campo biomagnético. “uma das teses mais articuladas e fundamentadas que surgiu no

¹⁵ Dossiê (resumo) Elaborado pela comissão científica da Associação Brasileira de TVP - 1991

¹⁶ Hernani Guimarães Andrade. Fundou em 1963, juntamente com outros estudiosos do aspecto científico da Doutrina, o IBPP - Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, com sede em São Paulo. O termo “Psicobiofísicas” foi cunhado pelo Engenheiro italiano Professor Dr. Marco Todeschini - presidente do “Centro Internazionale di Psicobiofisica”. Disponível em: <http://cpaevirtual.blogspot.com.br/2009/05/biografia-de-hernani-guimaraes-andrade.html>. Acesso em: 12 jun. 2014.

movimento espírita, um desdobramento do conceito de perísprito (envoltório do Espírito) elaborada por Allan Kardec no século XIX¹⁷”.

Embora sua tese tenha nascido de suas próprias experiências do mundo espírita, foi rechaçada por muitos do seu movimento e do qual não obteve tanto interesse e apoio. Em sua obra “*A Reencarnação no Brasil*” procurou analisar oito casos que sugerem o fenômeno do renascimento.

Mesmo quando todas as evidências saltam, revelando um quadro real, e reforçando hipóteses já estudadas, o pesquisador exigente, o cientista rigoroso, não assume o risco de afirmar: esta é a verdade. Não condenamos o rigoroso método científico, que exige absoluta correção e investigações minuciosas visando apurar a verdade dos fatos. Concordamos em que de nada servem as falácias e as ilusões, mas não aprovamos o ceticismo sistemático e obliterante, que tudo nega sem oferecer nada mais do que exigências descabidas ou um deserto árido de dúvidas e incertezas (MALUF, 1991, p. 10).

Muitos foram os que dedicaram-se nas pesquisas de campo a respeito dessa temática e assim trouxeram suas contribuições. Reporto-me apenas a alguns para ilustrar tais pesquisas. Percebo que há, ao longo da história sobre os estudos desses fenômenos, vários discursos que vão se amalgamando de acordo com o interesse dos sujeitos e que, conforme Foucault, são conjuntos de discursos que implicam vários saberes e cada saber tenta regular sua vontade de verdade:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2000c, p. 8- 9).

O contexto social no qual instalaram-se esses discursos sobre a questão do tema reencarnação tiveram suas interpretações diversas pois foram “consumidos” em contextos sociais diferentes. Conforme nos alerta Foucault, estes discursos são controlados em função de conjurar determinados poderes e assim, controlar determinados saberes. As construções ideológicas a respeito dessa temática são vastas, são frutos de um discurso social e por isso deve seguir uma análise considerando todo o seu contexto histórico-social, as suas condições de produção. Dessa forma não devemos tomar um discurso isolado sem contextualizá-lo em sua moldura contextual.

¹⁷ Disponível em <<http://www.espiritnet.com.br/Biografias/bioherna.htm>>. Acesso em: 20 out. 2013.

Os terapeutas que têm na sua práxis uma ordem de discurso que ao nosso ver ainda não aparecem bem definido, sentem a dificuldade de contextualizar determinadas “falas” e por isso seus discursos parecem deslocados, tornando-os fora do discurso vigente. Sendo a TVP uma terapia que traz um discurso explícito sobre a reencarnação, percebemos ainda em determinados contextos que seus discursos são controlados e selecionados na pauta de suas práticas. Questionados sobre essa relação entre TVP e o tema reencarnação pudemos perceber esse discurso controlado:

Então, é assim. Você não precisa ser reencarnacionista, paciente não precisa ser reencarnacionista para obter os benefícios do uso da TVP. Então se ele acreditar tudo bem. Eu acredito mas se ele não acreditar, se ele achar que é uma fantasia, o que ele achar não importa. Independente das crenças religiosas do paciente ele seja reencarnacionista ou não ele obtém os benefícios da TVP, para nos terapeutas o importante é a história que vem a tona, que é através dessa história, dessa vivência dele que nos vamos fazer a reprogramação, vamos dar continuidade ao processo. Então independente, não é necessário acreditar em outra vidas (ROQUINI, 2013).

Embora para os terapeutas de TVP a reencarnação seja um pressuposto importante dentro desta abordagem, o valor atribuído fica de certa forma em segundo plano no exercer de suas práticas por falta talvez de um aparato discursivo que os ponham em consenso com outros.

3. FENÔMENOS MEDIÚNICOS E TVP: ANÁLISE DO DISCURSO DOS TERAPEUTAS

3.1 Manifestações espirituais no setting terapêutico

Levando em consideração uma análise dos discursos que permeia as falas dos interlocutores que foram os sujeitos de pesquisa nesse estudo, vamos perceber que a todo momento os sujeitos vão construindo seus discursos de acordo com seu tempo histórico e num determinado espaço geográfico a qual pertencem. Para o tempo histórico em que os fatos estão inscritos, Foucault rompe com a ideia de um tempo histórico linear e adota, “desde o começo dos anos 70, o termo ‘genealogia’: trata-se de reencontrar a descontinuidade e o acontecimento, a singularidade e os casos, e de formular um tipo de enfoque que não pretende reduzir a diversidade histórica, mas que dela seja eco” (REVEL, 2005, p. 58).

Todos esses discursos são intermeados por “crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias, são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos” (BRANDÃO, 2009)¹⁸.

Analisar os discursos dos terapeutas que trabalham com TVP e sua visão sobre a temática mediunidade é apenas um investigar sob um determinado olhar, sob um determinado campo disciplinar. Construir esse saber é passar a conhecer a subjetividade dos indivíduos em suas relações sociais através de seus discursos. Segundo Foucault, estamos criando saberes e estes saberes passam a intervir na vida das pessoas, produzindo esses próprios indivíduos numa relação de saber e poder. Existe em toda essa dinâmica uma vontade de conhecer a verdade, uma busca por um espaço significativo para dar sentido a um determinado discurso:

A vontade de saber e a vontade de verdade são sentimentos extremamente moventes. Funcionam, a cada instante como estímulo para a construção de saberes e verdades que permeiam a existência humana, tentando justificar os porquês de ser e estar no mundo. A todo momento, produzimos “novos” saberes e “novas” verdades que (re)encantam a existência e fazem-nos (re)inventar o mundo (GONÇALVES, 2010, p. 16).

Ao introduzir o resultado desta pesquisa de campo, ressaltamos mais uma vez a proposta deste trabalho que foi fazer uma análise dos discursos de como os terapeutas que trabalham com a TVP interpretam as “vozes” que se interpõem no setting

¹⁸ Analisando o discurso. Texto produzido por Helena Hathsue Nagamine Brandão. Disponível em <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=1>. Acesso em: 22 jan. 2013.

terapêutico¹⁹ e que nem sempre são trabalhadas por todos de uma forma homogênea. É cada vez mais comum, relatos desses fenômenos ocorrerem no setting terapêutico, espaço no qual são realizados o entrelaçamento de regras e objetivos a serem alcançados tanto pelo terapeuta quanto pelo paciente deve ocorrer num espaço silencioso onde todas as sessões possam ocorrer de forma segura e tranquila. Segundo Moreira e Esteves (2012) em seu artigo: “*Revisitando a teoria do setting terapêutico*”:

O setting psicoterápico constitui-se como base sólida e permanente para o processo terapêutico ter início. A segurança de um local que, em silêncio permeará todas as sessões, dá ao terapeuta e ao paciente definições claras sobre seus papéis e sobre a técnica. Assim, o terapeuta pode encontrar soluções até mesmo quando algo lhe foge o controle, pois ele terá um ambiente seguro e regras técnicas bem fundamentadas e incorporadas por ele em seu modo de agir. Poder retomar ao enquadre sempre que houver necessidade é a segurança de que estamos no caminho certo, como terapeutas, de que sabemos qual é o nosso lugar, mantendo, por exemplo, a neutralidade e a abstinência (MOREIRA e ESTEVES, 2012, p. 1).

Assim, os fenômenos mediúnicos podem ter vários enfoques e abordagens dentro do setting terapêutico. O que na linguagem espírita ficou conhecido como “obsessor”, na linguagem terapêutica é reconhecido como “presença”. Existe uma técnica utilizada pelos terapeutas da SBTVP (Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada) que prefere utilizar o termo “presença”. Em sua técnica intitulada de “Técnica Padrão”, desenvolvida por Guimarães, médica psiquiatra, fundadora da SBTVP, é trabalhado o caráter e as presenças:

Caráter: é o conjunto de tendências, boas ou más que o indivíduo traz consigo de vivências passadas. Tendências que se manifestam, geralmente, numa análise mais rigorosa do próprio indivíduo sobre si mesmo, desde a infância. As tendências negativas, que podem facilmente ser exemplificadas como orgulho, inveja, ciúme, intolerância, egoísmo, rancor, vaidade, etc., são geralmente, ignoradas pelo cliente (são os chamados “pontos cegos”). Raras são as pessoas que vêm à terapia para o tratamento desses problemas. É função do terapeuta a identificação, sinalização e proposta de tratamento das mesmas (GUIMARÃES, 1996, p. 26).

¹⁹ Considera que o setting é um novo espaço para o paciente, um lugar onde ele pode reeditar questões do passado e aproximar-se de fantasmas e dores que lhe incomodam, por isso é um lugar que tem de ser preservado e cuidado ao longo do tratamento. (ZIMERMAN apud MOREIRA & ESTEVES, 2012, p. 4). Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0628.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Segundo ainda a mesma autora, neste conjunto de tendências surgem os padrões de comportamentos que são formados pelos pensamentos, sentimentos em formas de ações que são repetidos de vida após vida. Desta forma vão surgir diversos papéis em que provavelmente as pessoas vão “incorporar”:

[...] A pessoa pode ser o sedutor, o dominador, o submisso, a vítima desamparada, o perdedor, o revoltado, etc... Vem apenas repetindo padrões de personagens anteriores, incontrolavelmente, muitas vezes sem passar pelo crivo da razão. Situações costumeiras, que seriam mais facilmente compreendidas (o que não significa desculpadas) em outras épocas, culturas, diferentes momentos da humanidade e do indivíduo. São padrões fortemente entrelaçados ao caráter, como se fossem o jeito que cada um gosta de ser. É fácil perceber que o dominador pode estar ligado a um caráter orgulhoso, o submisso à inveja ou ciúme, o revoltado à magoa ou rancor, o sedutor ao egoísmo e assim por diante. É preciso identificar no passado a origem desses problemas (GUIMARÃES, 2000, p. 26- 27).

Nesse desenrolar terapêutico aparece de forma espontânea o que os terapeutas de TVP vão chamar de *presenças*, que segundo Guimarães (2013), são desafetos do passado, ou seja, a presença de espíritos que continuam interagindo com o cliente sob forma de perturbação física ou emocional. Dessa forma, orienta que esta é uma possibilidade de interação e que se deve ter uma atitude desprovida de preconceitos e graus de crenças.

Explicar ao cliente a possibilidade de ele próprio está interagindo com essas “presenças” através de uma sensibilidade ou paranormalidade ou seja lá o que for, ou como quer que se queira chamar essa capacidade de percepção aumentada sobre os humanos regulares (GUIMARÃES, 2013, p. 29).

Portanto, no processo terapêutico além de cuidar-se dos problemas advindos do caráter do paciente, existe ainda uma outra abordagem que vai cuidar das possíveis interferências de “presenças”. Lemela (2008) faz uma referência importante a essa técnica considerando como uma importante contribuição desta intervenção para trabalhar esses fenômenos que surgem na TVP e que no início eram mal interpretados ou mesmo ignorados por outros profissionais:

[...] Desde 1985 essa técnica vem sistematizando esse conceito, padronizando as intervenções, tornando possível uma ação terapêutica mais abrangente, uma vez que não descarta a possibilidade dessas “presenças” interferirem no caráter e/ou no comportamento do cliente que procura a terapia. Talvez essa seja uma das grandes contribuições da Dr^a. Teodora e da SBTVP à TVP no Brasil (LEMELA, 2008, p. 53- 54).

Este levantamento da escuta atenta e pormenorizada nem sempre pode ser compreendida sob um único viés. Temos diversas categorias implícitas e que podem ganhar diversas interpretações. No trabalho terapêutico dos profissionais que atuam com a Terapia de Vida Passada, do qual pesquisamos, o objetivo principal é recorrer a situações passadas desta ou de outras vidas onde os problemas foram instalados e não resolvidos. Neste percurso, por muitas vezes, segundo estes profissionais é comum a ocorrência de alguns fenômenos que a luz da visão kardecista vão ser percebidas como manifestações mediúnicas. Para os terapeutas que atuam na TVP, esta não é apenas uma abordagem convencional, pois embora trabalhe com alguns pressupostos da psicologia moderna, trazem também conceitos e práticas ligadas ao espiritual. Em sua dissertação de mestrado *“Do fantástico ao plausível: Uma análise dos discursos dos terapeutas de vida passada”*, Rozenkviat em suas análises de pesquisa de campo nos comprova esse aspecto:

Não se pode afirmar que a TVP seja uma terapia necessariamente espírita, mas a evidência de que as premissas da técnica e o público alvo tem um forte cunho espiritualista é praticamente inegável. Aos terapeutas foi perguntado se acreditavam que a técnica de TVP tinha preceitos espiritualistas. As respostas não foram unânimes, porém em grande parte as suas falas denunciaram o caráter espiritualista da terapia (ROSENKVIAT, 2006, p. 91).

Alguns dos meus entrevistados trazem também esse discurso a respeito de conceitos espiritualistas que intermediam as práticas na TVP:

[...] É muito importante deixar claro que, essa terapia não é uma terapia para religiosos, para espíritas... é uma terapia que trabalha com a realidade espiritual do paciente, com as experiências extra física do paciente que necessariamente não está vinculado a religião. O paciente não precisa estar vinculado a uma religião, como eu aqui (SHIMODA, 2013).

[...] Eu já vinha fazendo terapia de vida passada há 3 anos, nunca ninguém tinha visto espírito. Eu trabalhava as vidas e agente ia resolvendo na terapia. Um belo dia atendendo uma paciente, quando eu terminei a regressão, ela incorporou e ela nem era médium, nem frequentava centro espírita, mas ela incorporou um espírito que falava comigo, era de um homem e ele estava me relatando porque ele estava lá atrapalhando o seu casamento. A partir daquele momento, como eu já tinha conhecimento, assistia desobsessão no centro e estudava na teoria, eu tinha feito o curso, então eu conversei com ele muito bem. Eu não me amedrontei. Conversei, expliquei, orientei e encaminhei, e a partir daquele momento ficou claro para mim que não tinha como fazer a TVP sem aquilo não ocorrer, não havia um controle, nem meu, nem da pessoa (LUCCA, 2013).

Essa voz diferente que perpassa o espaço pode tomar diversas interpretações: pode ser entendida como presenças ou personalidades de outras vidas passadas, ou seja, uma personalidade do próprio paciente que se manifesta na vida atual e que surge no setting terapêutico e que pode ser confundida com uma “presença”. Dessa forma, é preciso distinguir uma presença espiritual de uma personalidade do passado. Em um de seus artigos intitulado: “*Personalidade de Vida Passada*”, Lapa nos adverte a respeito:

[...] Porém, poucas pessoas sabem que uma personalidade de vida passada também pode incorporar na personalidade atual e tomar-lhe o lugar por alguns momentos. Talvez o termo “incorporação” não seja o mais adequado para definir o que ocorre, melhor seria dizermos uma “manifestação” de uma personalidade dissociada do passado. É preciso tomar cuidado para não confundir esses dois fenômenos: a manifestação de uma personalidade de vida passada e a incorporação de espíritos (LAPA, 2009²⁰).

Complementa-nos ainda segundo Tendani 1993, p. 77:

Na vida diária essas personalidades passadas podem aflorar em momentos diferentes e de maneiras diferentes. Algumas pessoas podem ter um aspecto diferente em circunstâncias diferentes, ou começar a se comportar de modo diferente em diversas fases de vida. Muitas dessas mudanças vêm da coreografia das subpersonalidades, mas algumas podem vir de vidas passadas. A investigação das vidas passadas relacionadas à vida presente traz a tona um reconhecimento de temas na vida presente que às vezes coincide com as subpersonalidades.

É preciso mais uma vez lembrar do cuidado que se deve ter pois estas duas manifestações aparecem de forma muito sutil e podem ser confundidas. Assim nos alerta Miranda:

[...] as personalidades que se manifestam nas experiências de RM, podem inclusive confundir clínicos desavisados e terapeutas inexperientes a ponto de levá-los a acreditar tratar-se de “presenças”. Na verdade, explica ele, as personalidades manifestadas podem até entrar na composição do quadro clínico do paciente e ser co-responsáveis pelos problemas que o levaram a buscar a terapia, porém ele enfatiza que: “...na regressão estamos perante fenômeno anímico, ou seja, manifestação da própria individualidade, que (...) tem condições de consultar algumas numerosas vivências pessoais...” já os fenômenos de interferências de “presenças” durante o processo terapêutico, distinguem-se pelas características especiais que apresentam, e devem ser observados detidamente pelo terapeuta experiente, através dos sintomas explícitos que manifestam (MIRANDA Apud LEMELA, 2008, p. 80).

Para outros, conforme citamos anteriormente, podem ser reconhecidas como “presenças espirituais”. Essa presença seria outra voz que se interpõe a voz do paciente

²⁰Personalidade de Vida Passada. 23 de outubro de 2009. Disponível em <http://hugolapa.wordpress.com/2009/10/23/personalidade-de-vida-passada/>. Acesso em 15 maio 2014.

e que seria uma voz aparentemente de uma entidade espiritual que está acompanhando o paciente. Fica claro então, que não somente as presenças são trabalhadas no setting terapêutico como também suas personalidades passadas. A grande dificuldade talvez esteja em não confundir uma *manifestação de uma personalidade* com uma *manifestação de presença*. O terapeuta habilitado deverá ter o cuidado para não fazer essa confusão. Para enfrentar tais ocorrências é importante que o terapeuta esteja preparado para o surgimento de tais eventualidades. Perguntamos a uma das terapeutas se era possível tratar essas questões dentro do âmbito da TVP, questões ligadas ao que conhecemos comumente como obsessão, tendo em vista que alguns terapeutas não trabalham e nem tocam neste assunto. A mesma concordou que percebia essa realidade: “Segundo, aqueles que acreditam no espírito acham que só o centro espírita é que deve fazer esse trabalho, que não se faz isso dentro do consultório” (LUCCA, 2013).

Embora seja um assunto ainda muito controverso, conforme citou uma das entrevistadas acima, alguns preferem mesmo negar, talvez para separar a prática terapêutica de um cunho espiritualista, ou mesmo por desconhecer como abordar tais assuntos e ainda por temer objeções por parte dos CRP (Conselho Regional de Psicologia) que trata esta técnica como ocultista pelo fato de misturar crenças espiritualistas. Dessa forma o tema das presenças continua ainda a margem das práticas para alguns terapeutas, pois preferem abordar assuntos internos a tratar temas tão controversos e difusos.

Para os terapeutas de TVP, o fato de lidar com “presenças” durante o processo terapêutico, é questão polêmica. O conceito de “presença”, e de que elas interferem na vida dos pacientes, inclusive durante o processo terapêutico, é ponto comum, mas daí, a lidar com essas “presenças” durante a terapia, separou algumas opiniões (LEMELA, 2008, p. 80).

Segundo Lapa (2009²¹), o termo “*presenças*” dentro da TVP talvez seja mais de acordo com a natureza dessas entidades (“presenças” podem indicar não somente entidades desencarnadas sem corpo físico, mas também personalidades de vidas passadas e subpersonalidades). Dessa forma o termo ganha melhor consonância para situar-se de forma genérica especificando não apenas a denominação de entidades desencarnadas mas também remete a outras categorias: personalidades de vidas passadas e a personalidade que formei hoje nessa vida atual.

²¹Obsessão espiritual e Terapia de Vidas Passadas. Disponível em <http://hugolapa.wordpress.com/2009/09/22/obsessao-espiritual-e-terapia-de-vidas-passadas/>

São muitos os terapeutas que trabalham abordando o tema das presenças, embora podemos encontrar alguns que discordem do trabalho realizado no setting terapêutico. Posso confirmar este pensamento no discurso de Lapa (2012²²):

A questão das presenças é muito controvertida dentro da TVP. Muitos psicólogos que trabalham com a TVP procuram dissimular a importância das presenças e, por vezes, colocam em xeque até mesmo a sua existência. Talvez isso ocorra por que estes psicólogos não desejam que sua abordagem seja confundida com religiões, que muitos têm como formas de pensamento primitivas, distantes do que hoje reconhecemos como o método científico.

Segundo Lucca e Possato, “com o paciente encontrando-se em relaxamento, um estado alterado de consciência, se percebem com mais facilidade pensamentos e outras formas de energia” (LUCCA e POSSATO, 2002a, p. 5). É muito comum, segundo a mesma autora, a partir do momento em que se trabalha uma vida pregressa do paciente, espíritos que estiverem ligados a esses pacientes por afinidade ou por antipatia, sintonizarem-se e aproximarem-se dele: “Assim, com uma frequência cada vez maior, mais pacientes apresentavam manifestações espontâneas, reafirmando-me que a presença espiritual é constante, não havendo como nem porque negligenciar esta realidade” (LUCCA e POSSATO, 2002a, p.7).

Os fenômenos mediúnicos apresentam-se, conforme citação da autora acima, de forma espontânea. Outra terapeuta entrevistada relata um dos momentos em que vivenciou essa experiência:

É possível que tenha acontecido muitas vezes sem eu saber. É como eu falei, como eu não tenho essa mediunidade de clarividência, nada disso... houve alguns casos, primeiro porque jamais induzo a isso, as vezes em que aconteceram foram espontâneas. Por exemplo, uma moça que eu estava trabalhando e que a moça falou....uma moça fina, educada : “daqui eu não saio porque eu entendo muito mais disso que você”. Eu falei, disso o que? De psicologia e hipnose. Nesse dia eu tive que fazer exorcismo... eu falei: eu sei que você sabe mas você vai sair em nome de Deus porque eu trabalho em nome da luz, sai de fulana (BARSOTTINI, 2013).

Diante da afirmação da prática de exorcismo, foi questionado à terapeuta se não se tratava de um quadro de desobsessão, categoria mais frequentemente utilizada, ao que a terapeuta me respondeu: “Não, foi de exorcismo mesmo, pois na desobsessão se

²² Presenças espirituais. Disponível em <<https://hugolapa.wordpress.com/2012/02/06/>> Acesso em: 10 agosto 2013.

conversa, foi exorcismo porque foi na marra. Eu digo exorcismo na falta de outra palavra, pois foi tão rápido como eu te relatei, ou seja, não teve nada de ritual (...)."

Desse modo, fica claro que para a entrevistada, há uma distinção entre “desobsessão” e “exorcismo”, sendo que a primeira prática envolve o diálogo com o espírito que se manifesta. Já a segunda ação se configura num procedimento mais drástico, quando as outras possibilidades se esgotaram. Este relato ilustra também como o discurso e a prática religiosa/espiritual se entrelaçam ao discurso e a prática terapêutica.

No entanto, vale ressaltar, tomando como inspiração o trabalho de Tavares, que recursos provenientes das práticas religiosas católica e espírita, ressignificadas e reconfiguradas numa “espiritualidade difusa”, são inseridos no setting terapêutico privilegiando a dimensão terapêutica, “que redefine a própria noção de espiritualidade – “pragmatizando-a”, levando-a a construção da categoria *espiritualidade terapêutica* (TAVARES, 2012, p. 216).

Fiore a qual nos referimos anteriormente é uma das grandes terapeutas que domina muito bem a técnica de trabalhar com “presenças espirituais”. Através de suas técnicas, faz uso da hipnose para que seus pacientes regridam e de forma espontânea, os fenômenos surgem e são trabalhados de forma peculiar.

Parece ser cada vez mais comum aos terapeutas que trabalham com técnicas de hipnose o acesso a estados emocionais fora dos padrões convencionais. Lucca e Possato, em “*As faces do invisível: a influência do nosso passado em nosso presente*”, afirmam que estes fenômenos surgiram de forma espontânea em sua experiência prática. Vejamos um trecho em que relatam essa experiência:

O primeiro contato que tive com um espírito obsessivo ocorreu em uma sessão onde desenvolvia meu trabalho buscando a causa dos problemas de relacionamento entre uma paciente e seu marido. Eu já trabalhava com TVP há três anos. A moça acabara de ver uma vida passada e, estando ainda em relaxamento, sua expressão foi sofrendo modificações que demonstravam desconforto. De súbito, ouviu-se uma voz alterada e forte:

- Eu odeio você e odeio o seu marido! Apesar das palavras provirem da própria paciente, o espírito estava se dirigindo a ela mesma, e começou a detalhar como atuava para desestabilizar a união no casamento, lançando dúvidas e intrigas em ambos – marido e esposa –, causando discórdia e provocando discussões e brigas (LUCCA e POSSATO, 2002a, p.16).

Nesses três relatos advindos da prática terapêutica, há em comum o discurso da “espontaneidade do fenômeno”, todavia, percebe-se que os modos de lidar com a mediunidade podem variar bem como as categorias utilizadas para denominar a ação de

retirada do espírito do(a) paciente e (re)envio a outras dimensões não terrestres: desobsessão, exorcismo e desposseção. E que, além disso, essas categorias possuem significados distintos e guardam sutilezas importantes.

Segundo o levantamento bibliográfico feito e os dados colhidos nas entrevistas realizadas, percebemos praticamente um consenso em torno da presença daquilo que se pode compreender e denominar como *fenômenos mediúnicos*. Ao que parece, não há dúvidas de que os fenômenos tomados como mediúnicos estão presentes no consultório. A percepção e os modos de lidar se diferenciarão por um conjunto de fatores que envolvem desde a trajetória e formação do terapeuta até a própria noção de mediunidade, que se mostrou também diversa.

3.2 TVP e seu diálogo com o universo religioso/espiritual

Embora terapeutas não queiram vincular suas experiências com práticas religiosas, acaba sempre havendo um toque de espiritual em suas abordagens. Daí a importância de contextualizarmos suas falas. Façamos então, antes disso, um breve comentário a respeito dessa relação entre ciência e religião.

Com o aparecimento da ciência percebeu-se uma atmosfera de rejeição ao que representasse herança da teologia medieval. “Verdades” pregadas por doutrinas religiosas começaram a ser questionadas pela ciência. Logo tudo aquilo que não pudesse ser medido ou testado pelos conhecimentos científicos da época, seriam rejeitados sumariamente. Dessa forma, historicamente, foi surgindo um paradigma em torno de ciência e religião, onde as questões espirituais ou subjetivas deveriam ser examinadas pela religião e as questões lógicas (do ponto de vista da ciência), deveriam ser analisadas pelo cientificismo. É na idade moderna com o iluminismo e as ideias de uma racionalidade iluminada, que a ciência fortalece seu saber e retoma seu poder. Este poder no qual a ciência foi se estabelecendo, foi sendo construído socialmente e conquistando seu poder de hegemonia. Para Foucault, o poder não existe como algo estático, como uma força hierárquica que vem de cima para baixo, este poder existe como relações dinâmicas que permeia o diálogo entre os indivíduos na sociedade. Essa falsa ideia de poder que permeava a sociedade foi combatida por Foucault. Segundo Danner e Oliveira: “O que passa a interessar a Foucault é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre

ambos” (DANNER E OLIVEIRA, 2009, p. 786). Tanto para o campo da ciência, como para o campo da religião, tentou-se conquistar esse espaço de hierarquia, de lugar fixo no qual Foucault tanto combateu, ou seja, uma espécie de monopólio de poder central. Estabeleceu-se então, uma relação desigual e em desarmonia entre esses saberes: ciência e religião, cada qual defendendo seu “território do saber”.

Dessa maneira, todo o legado espiritual/religioso é rechaçado em favor do pensamento racional e lógico. Com a modernidade houve uma explosão de experiências nas mais diversas áreas do conhecimento humano, e assim:

Apoiados na sabedoria científica, diversas áreas são desbravadas metodicamente – medicina, genética, astronomia, física, computação. Assim, dificilmente olhamos à nossa volta e não notamos alguma novidade tecnológica introduzida ou aperfeiçoada pelo avanço do conhecimento (LUCCA e POSSATO, 2002a, p.36).

O tema espiritualidade também tem ganhado grandes enfoques embora saibamos que:

O interesse sobre a espiritualidade e a religiosidade sempre existiu no curso da história humana, a despeito de diferentes épocas ou culturas. Contudo, apenas recentemente a ciência tem demonstrado interesse em investigar o tema. No começo dos anos de 1960, os estudos eram dispersos e, nesse período, surgiram os primeiros periódicos especializados, entre os quais o *Journal of Religion and Health* (PERES, et al., 2007, p. 137).

Dentro dessa perspectiva foram surgindo abordagens terapêuticas com foco numa abordagem mais espiritual. “Contudo, nem todas as abordagens encontraram um ajuste do tema em suas intervenções terapêuticas” (PERES, et al., 2007, p.137). A TVP de fato é considerada uma dessas abordagens psicoterápica que trabalha com conceitos ligados ao espiritual/religioso, nem por isso pode ser confundida como terapia religiosa.

Essa preocupação que tem os terapeutas em sua abordagem para não ser confundida com terapêutica religiosa talvez nasça do que a religião representou nos primórdios de embate com a ciência. Durante muito tempo, conforme vimos anteriormente, a religião travancou o progresso da ciência e dessa forma hoje ser confundido com terapêutica religiosa pode travancar o status do saber científico que esta abordagem pretende alcançar. Dessa maneira, o terapeuta de TVP faz questão de esclarecer que em sua abordagem isenta-se de crenças religiosas, aplicando apenas no método conceitos espirituais que embora ligados a religião, não se confundem entre si.

Para confirmar esta proposta, vimos nos capítulos anteriores depoimentos dos próprios profissionais de que para essa terapia funcionar não há necessidade de se crer no seu pressuposto de partida que seria a teoria da reencarnação. É verdade que a TVP corrobora com vários conceitos ligados a determinadas religiões, mas não há preocupação alguma de comprovação ou mesmo de querer convencer seus pacientes de tais pressupostos. Portanto, pelo menos do ponto de vista dos terapeutas que trabalham com TVP, esta não é absolutamente uma terapia religiosa, pois não há nenhum vínculo religioso com determinada religião, no que diz respeito a rituais.

Tem-se hoje um inumerável material empírico para que o campo da ciência mergulhe nestas pesquisas. O campo das abordagens em TVP é apenas um neste grande universo de possibilidades. Assim nos confirma

As publicações referentes a pesquisas empíricas, elaboradas com objetivos de encontrar explicações científicas para fenômenos incomuns, provêm da área das Ciências humanas e biomédicas, e, mais, particularmente, no âmbito da psicologia e da medicina psiquiátrica (BARSOTTINI, 2008, p. 79).

É cada vez mais notório os estudos de profissionais da área da saúde médica preocuparem-se com questões ligadas a este âmbito de pesquisa. Os fenômenos incomuns que hoje são vividos por pessoas independente de suas crenças religiosas tem chamado atenção não apenas nos consultórios de terapias de linha transpessoal como também no âmbito da própria medicina tradicional. Cada vez mais, pacientes apresentam sintomas que o campo dos saberes legitimados como a psicologia, a medicina, a psiquiatria não conseguem encontrar respostas e soluções adequada. Há muito vem se percebendo a importância de questões ligadas ao campo da saúde ligado ao saber espiritual, fazendo assim despertar órgãos tão importantes como a Associação Americana de Psiquiatria que em sua quarta edição do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM – IV, que alerta para os cuidados com os fatores de cunho religioso e cultural, considerando os mesmos serem de grande relevância para um tratamento eficaz. Vejamos em linhas gerais o que nos diz esta publicação, segundo

O cuidado que esses aspectos merecem fica bem explícito no item: Considerações Étnica e Cultural, onde encontra-se a seguinte orientação: “O clínico não familiarizado com as nuances do quadro de referências culturais de um indivíduo, pode, incorretamente, julgar psicopatológicas variações normais de comportamento, crenças ou experiências particulares da cultura daquele indivíduo. Por exemplo, certas crenças ou práticas religiosas (e.g., quando se encontram de luto ou aflitos, ouvir ou ver parentes mortos) pode,

erroneamente, ser diagnosticado como Desordem Psicótica” (BARSOTTINI, 2008, p. 80).

Aponta-nos ainda esta mesma autora que cada vez mais os aspectos espirituais estão sendo considerados de grande interesse para a área da saúde das pessoas. Este interesse parece encontrar ressonância no aumento de escolas norte-americanas que demonstram cada vez mais a importância em formar novos profissionais voltados para o conhecimento de como o espiritual corrobora para a saúde dos pacientes. Cada vez mais profissionais da saúde tem ajudado seus pacientes através de uma escuta mais humanizada e assim dão sinais dos primeiros trabalhos onde médicos preocupam-se com uma prática mais holística de seus pacientes. Segundo Barsottini:

Uma vez considerados os aspectos religiosos dos pacientes, estes devem ter seus problemas de saúde psíquica e, eventualmente, mesmo físicas, avaliados dentro do sistema de crenças do mesmo, pois qualquer profissional da saúde com alguns anos de prática sabe que certos problemas desafiam a todas as intervenções médicas e psicoterápicas.

Sempre que o profissional se interessa realmente pelo paciente, ouve atentamente o que ele diz e essa atitude cria a empatia, que é um importante coadjuvante na boa evolução do caso. O que muitos profissionais da saúde não sabem ou preferem ignorar, é que muitos de seus pacientes buscam tratamentos espirituais; e certas doenças que têm remissão inesperada foram tratadas em suas comunidades religiosas: com orações no catolicismo, no protestantismo, no budismo e outras, ou com intervenções mediúnicas no espiritismo, na umbanda e no candomblé, ou ainda com rituais de cura no xamanismo, mas os pacientes sentem medo da crítica que o médico possa fazer, por isso não contam a ele sobre esses tratamentos espirituais (BARSOTTINI, 2008, p. 80-82).

A dobradinha entre saúde e espiritualidade está presente não apenas nas práticas terapêuticas de ordem alternativas/complementar, mas já proliferam para os centros de saúde médica convencional:

O aspecto saúde, por afetar-nos de forma direta e estar relacionado tanto com ciência como com religião, além de também ser o objeto de trabalho da Terapia de Vida Passada, é um ótimo exemplo onde se pode conciliar ambos os pensamentos. Longe da simplicidade de se achar que uma cura realizada fora dos padrões médicos é um milagre ou que sem ciência não existe cura, é necessário, para o bem do próprio paciente, estabelecer uma ponte entre a auto-cura, a cura espiritual e a prática médica (LUCCA e POSSATO, 2002a, p.36).

Uma prática bem original do aspecto espiritual permeando as terapias da reencarnação é encontrada no discurso do Shimoda quando nos reforça a sua

metodologia com práticas de cunho bem espiritual. Este terapeuta nos relata quando pela primeira vez teve a “revelação” de como deveria processar-se sua terapêutica:

Foi justamente nas manifestações que os pacientes começaram a se manifestar aqui. O marco mesmo foi quando uma paciente que foi o divisor de águas, que fez levar a formar essa abordagem. Nunca imaginei de criar a minha própria abordagem, foi através de uma paciente que ela incorporou uma mentora, a mentora dela. Um ser espiritual, então o mentor falou para ela, falar para mim que daqui pra frente ela iria, conduzir essa terapia (SHIMODA, 2013).

Fica bem nítido no exemplo acima a grande bricolagem entre saberes diferenciados permeando essa terapia. A aproximação de elementos ligados ao espiritual/religioso é um universo que compõe de maneira bem clara as práticas aplicadas por Shimoda. Segundo Sóglio, em seu artigo: *“Psicoterapia e Espiritualidade – O percurso da TVP”*:

O termo espiritualidade envolve questões quanto ao significado da vida e à razão de viver, não limitado a tipos de crenças ou práticas. Embora a idade moderna e a contemporânea, mantenham a dicotomia mente e corpo, razão e emoção, ciência e espiritualidade, as inquietações quanto ao sentido da vida e seus mistérios continuam a existir cada vez mais de forma menos velada pelo indivíduo. A própria medicina pautada na ciência positivista/naturalista, começa a render - se às questões mais transcendentais do ser humano, na tentativa de promover uma saúde mais eficaz e prevalente aos indivíduos. (SOGLIO, 2014)²³

Para alguns terapeutas, o elo perdido entre ciência e religião talvez possa ser recuperado através de práticas espirituais que vem a tona em determinados processos terapêuticos nos consultórios ou mesmo pelo viés da medicina alternativa. Há então, um novo repensar sobre tais questões, a própria medicina como também a psicologia parecem repensar suas práticas quando passam a tratar seus pacientes não apenas como sintomas isolados mas como um ser completo e que nestes corpos doentes ou saudáveis há um componente espiritual que vem sendo construído historicamente.

²³Debora Soglio: Psicóloga, Didata, Orientadora e Supervisora da SBTVP: *PSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE - o percurso da TVP*. Disponível em: <<http://www.sbtvp.com.br/artigo/17/Psicoterapia-e-Espiritualidade-o-percurso-da-TVP>>. Acesso em 20 de maio de 2014. Acesso em: 20 junho 2013.

Retomemos então algumas falas, conforme citamos anteriormente para melhor compreender essa relação entre o campo espiritual que vem permeando essa prática terapêutica.

No Brasil, as experiências no sentido de aproximar religião e conhecimentos científicos tomaram um rumo mais prático. A Associação Médico-Espírita (AME²⁴), presente em 19 Estados, após o congresso que reuniu cerca de 800 profissionais de cinco países evoluiu para a Associação Médico-Espírita Internacional. Com cerca de 300 membros católicos, formou-se a Associação Católica de Psicólogos e Psiquiatras de São Paulo, com objetivos semelhantes aos da AME – conciliar a doutrina espiritual com a prática médica. O fato de haver pessoas reconhecidamente capazes trabalhando com a hipótese de que existam fatores além dos limites humanos que interagem conosco, o reconhecimento de que podem existir estruturas diversas invisíveis aos nossos cinco sentidos, sem entretanto, deixarem de ser reais, a consideração de que existe algo a mais que nosso corpo físico e o mundo material, é um grande avanço (LUCCA e POSSATO, 2002a, p. 37- 38).

Segundo Lemela, o assunto ganha cada vez mais respaldo em termos de investigação de novas pesquisas no campo da ciência médica nas últimas décadas.

[...] O psicólogo e pesquisador Júlio Peres, doutor em Neurociência pela Universidade da Pensilvânia, realizou um mapeamento de ondas cerebrais com vários pacientes, submetidos ao processo de regressão de memória à uma suposta vida passada. A pesquisa realizada monitorou o fluxo metabólico das estruturas cerebrais acionadas durante a regressão. Quatro mulheres e dois homens sadios, com idades entre 28 e 39 anos, se submeteram a uma tomografia com emissão de pósitrons, realizada no Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo. A pesquisa revelou que as áreas do cérebro mais requisitadas durante o processo, foi a da memória e da emoção, isto é, se o paciente estivesse inventando uma história, o lobo frontal é que seria acionado e a carga emocional não seria tão intensa, afirma o pesquisador. É mais um passo na busca da comprovação de que essas experiências não são frutos da imaginação, da fantasia, mas de uma possível e consistente experiência pessoal, que bem poderá ser de uma vida passada (LEMELA, 2013).

O texto a seguir se reporta as dificuldades que a ciência tem na compreensão dos aspectos espirituais que permeiam a relação entre paciente e os profissionais do campo da saúde:

Desde há longo tempo, o desenvolvimento técnico-científico da Medicina vem gerando situações de constrangimento entre aquela parcela de profissionais de saúde que até hoje não encontraram formas conciliatórias de relacionar-se com a espiritualidade de seus clientes (ou as suas próprias

²⁴A Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) foi fundada em São Paulo, dia 17 de junho de 1995, durante a realização do Mednesp-95 - 3º Congresso Nacional de Médicos Espíritas - realizado pela Associação Médico-Espírita de São Paulo instituição pioneira que existia desde 30 de março de 1968.

manifestações anímicas como pessoas, não importa se com o estetoscópio pendurado ao pescoço ou não). Se esta é questão central para vários médicos, certamente igualmente afeta muitos daqueles, em todas as áreas, que se consideram cientistas (BARROS, 2003, p.1).

Dessa forma no atual estágio em que se encontra a TVP, por não poder comprovar cientificamente seu método, ganha o status de práticas ocultistas, místicas, sem crédito por parte da ciência vigente. Ela é sem dúvida um campo de pesquisa que abre novas possibilidades e saberes que estão por confirmar-se:

Se, no passado, a absoluta disparidade entre as colocações religiosas e científicas tornava a formação de um pensamento em conjunto quase impossível, hoje verificamos que religiões, filosofias e ciências descobriram que muito do que afirmavam não condiz com o conhecimento atual e, portanto, deve ser alterado ou adaptado (LUCCA e POSSATO, 2002a , p. 37).

O diálogo que a TVP tem com o aspecto religioso/espiritual é bem próximo ao que nos parece através da preocupação que tem os terapeutas em um cuidar do paciente de uma forma mais holística. Os conceitos espirituais envolvem os pacientes embora de uma forma sutil. É o que pudemos perceber durante a entrevista sobre a questão de que forma a terapia insere-se no campo espiritual dos pacientes. Vejamos o que nos diz Lemela sobre essa questão:

Eu costumo dizer que essa terapia é uma “iniciação espiritual”. O paciente durante o processo entra em contato com suas próprias histórias do passado, com seus dramas, suas experiências difíceis. E ao fazer isso começa a descobrir que não está sozinho. Muitos pacientes acabam sentindo muito mais intensamente as “presenças” que o ajudam na sua vida atual, além de descobrirem muito sobre si mesmos, suas qualidades e, principalmente, seus defeitos. Eles conseguem percorrer o caminho de encontro às razões do seu existir. A técnica, quando bem aplicada, possibilita o mergulho no passado e deve iniciar com a regressão e terminar com o cliente compreendendo e estabelecendo conexões óbvias entre as vivências do passado e a do presente. Então eu chamo essa terapia de uma “iniciação espiritual”, para aqueles que concluem a terapia e a levam até o final (LEMELA, 2013).

Os terapeutas da SBTVP trabalham especificamente com seus pacientes o caráter e padrões de comportamento que foram instalados em suas vidas passadas e que geram fatos traumáticos ou distúrbios em suas vidas presente.

Segundo Guimaraes no seu artigo: *TVP e Espiritualidade*²⁵, nos diz que: “A SBTVP foi fundada principalmente com a finalidade de levar o ensinamento espiritual às pessoas e mostrar a necessidade de corrigirmos nossos defeitos para aliviarmos as nossas dores”. Dessa forma, compreendemos que não se pode negar o componente espiritual nas práticas desta abordagem.

3.3 As relações entre um saber ainda não institucionalizado

É possível observar na idealização deste novo saber permeada pelas práticas dos terapeutas, as relações de poder na construção desse saber. Como citamos anteriormente, os fenômenos mediúnicos não eram objeto de suas especulações, estes surgem de forma espontânea e desta forma, forçaram terapeutas a ter um novo olhar sob suas práticas. Como ignorar algo que surge tão natural? Na pesquisa de campo, um dos entrevistados nos falou o seguinte, a esse respeito:

Os pacientes tinham interferências espirituais extra física de seres espirituais. [...]a minha realidade no consultório me mostrou que 90% tinham manifestações espíriticas... no início eu não tinha muita experiência, muito menos uma visão mais aberta sobre a espiritualidade, toda aquela formação acadêmica que você conhece muito bem como psicólogo, não lhe habilita você trabalhar com a realidade espiritual do paciente mas sim com a realidade psicológica e emocional. Esse tema espiritualidade foi muito difícil, para eu lidar com esses pacientes, com essas manifestações mediúnicas, primeiro porque eu tinha dúvidas, se existiam as manifestações mediúnicas, se isso não era fruto da fantasia do paciente, até mesmo de distúrbio psiquiátrico mesmo (SHIMODA, 2013).

É bem claro no discurso dos terapeutas, a busca por estabelecer seu “espaço” para que assim possam consolidar seu saber. O viés do poder que tomamos de Foucault para ter uma perspectiva de análise dos discursos dos terapeutas de TVP nos parece trazer um olhar interessante para compreender a dinâmica dessas relações em que se instauram um campo de práticas ainda tão questionado pelas ciências oficiais. Há um modelo de controle na sociedade que enclausura alguns saberes quando os mesmos não se enquadram nas normas vigentes e representam uma ameaça a ordem dos saberes e este poder controla as informações através de hierarquias. Em suas pesquisas Foucault

²⁵ TVP e Espiritualidade. Disponível em: <http://www.sbtvp.com.br/artigo/12/TVP-e-Espiritualidade>. Acesso em: 15 de nov. 2013.

explicou os mecanismos de dominação tanto do poder quanto do saber. A grande percepção que este filósofo nos traz é que estamos criando novos saberes que passam a compreender melhor o homem em sua subjetividade, em sua forma de pensar, agir e assim criar novos saberes que se transformam em novas ciências. Esse conjunto enorme de saberes cria novos sujeitos que questionam, e que não se deixam mais ser controlados por determinados saberes. Talvez seja essa a postura da criação de várias instituições que surgiram nos primórdios da formação destas práticas terapêuticas: libertar-se dos saberes hegemônicos que rechaçavam os novos conhecimentos que permeavam as práticas das abordagens de linha alternativas, especificamente a TVP.

Para Foucault, o poder não é estático, não é uma coisa, mas uma prática social que se constrói historicamente, embora o saber dos terapeutas ainda não seja institucionalizado, há um discurso que na prática se torna cada vez mais presente na estrutura social que aos poucos vão consolidando a eficácia de tais métodos através de seus resultados.

Para os terapeutas que trabalham com esta abordagem a única preocupação é o bem-estar do paciente, a cura dos seus sintomas, não é pressuposto em suas práticas comprovar a reencarnação. Acreditar na reencarnação não é pressuposto para que o processo ocorra, ou seja, a terapia não tem vínculo com a crença em si, acreditando ou não, o processo ocorre. Assim nos complementa uma das entrevistadas:

[...] para nós terapeutas, o importante é a história que vem a tona. [...]Você não precisa ser reencarnacionista, para obter os benefícios do uso da TVP. Então se ele acreditar tudo bem, mas se ele não acreditar, se ele achar que é uma fantasia, o que ele achar não importa. Independente das crenças religiosas do paciente, sendo ele reencarnacionista ou não, ele obtém os benefícios da TVP (ROQUINI, 2013).

O terapeuta trabalha com a hipótese da reencarnação, uma vez que a maioria dos fatos recordados pelo paciente parecem estar localizados em uma experiência bem distante do momento presente, ou seja, num passado bem remoto. Os diversos enfoques e metodologias desenvolvidas em torno desta terapia podem aproximar-se ou mesmo afastar-se de um saber institucionalizado. Alguns terapeutas ou profissionais tentam desvincular-se do conceito de reencarnação, migrando do termo TVP para outras terminologias como: Terapia de Vivências Passadas ou TRM, Terapia de Regressão de Memória, para afastar-se do rótulo reencarnacionista, talvez para evitar retaliações do

Conselho Regional de Psicologia que intitulam suas práticas de anticientíficas. Podemos reforçar esta visão, através de Rozenkviat:

Na sociedade contemporânea, mesmo ganhando cada vez mais adeptos, tanto de terapeutas como de clientes, a TVP continua sendo vista com grande desconfiança pela comunidade científica e acadêmica tradicional. Principalmente porque carece de fundamentos científicos e validações institucionais consistentes, e também por suas fortes influências espiritualistas. Todavia, mesmo não sendo corroborada pelas instituições convencionais e legais, a TVP, entre aqueles que a praticam, parece estar se institucionalizando cada vez mais (ROZENKVIAT, 2006, p. 42).

Observando desta maneira, podemos compreender que a TVP está no seu berço de formação, imbuída numa prática empírica e busca seu espaço, embora não seja clara essa necessidade. A TVP ao proliferar-se, demonstra um espaço legítimo que ainda está por vir. No momento de seu percurso encontra-se, mergulhada ainda, num mundo simbólico e fantástico, o qual se referiu Rozenkviat (2006).

Durante a pesquisa de campo pude observar que entre as falas dos terapeutas podiam-se perceber vários discursos articulados que vão estruturando um saber epistemológico ao longo desse percurso. Por mais que se possa conceber que temos liberdade de expressão, segundo Foucault o discurso não é livre, ele é controlado e enquadrado através de uma série de mecanismos. A TVP parece ainda estar construindo esse saber e são talvez as associações, as sociedades, institutos, dos quais nos referimos anteriormente, que terão o papel de fundamentar esse saber em suas lutas, fazendo, sobretudo, circular sua produção de discurso. Recentemente a TVP tem sido alvo de interesse, não apenas para aqueles que a procuram como técnica para resolver seus problemas, mas desperta também a curiosidade que coincide com vários projetos que a mídia tem divulgado nos últimos anos através na dramaturgia. Abrem-se espaços de divulgação e questionamentos que vão constituindo novos discursos e assim suscitando novos saberes. Apropriando-nos de Gonçalves, a respeito de como esses discursos vão ganhando espaço, esta pesquisadora nos remete a Foucault quando nos diz que: “Os discursos não são produzidos de forma aleatória, nem tampouco circulam na sociedade de qualquer maneira” (GONÇALVES, 2010, p. 69). Este fazer-se reconhecido em seu discurso traz regras, leis que são controladas em seu meio e que nem sempre passarão pelo crivo da ciência.

Compreender a força que um discurso pode ter, quando enquadrado num contexto social, é de suma importância para entender seu desenrolar. O discurso é

extremamente rico de conteúdos que nos leva a diversas interpretações, a diversos saberes e que vão sendo reconhecidos a medida que se expõem socialmente. Refletir sobre os discursos talvez seja um papel extremamente importante para compreender como esses saberes estão sendo construídos. Nessa construção de saberes o discurso é a ferramenta principal que é controlada de acordo com um corpo social, constituído de especialistas a quem se delega “poderes”. Estes trazem sentido e atribuem poder: juízes, médicos, professores, etc, que formam um jogo de palavras criando um discurso e que se interconectam formando um interdiscurso. Dessa forma, são vários campos de saberes, de várias abordagens diferentes que se imbricam e reforçam um discurso de poder, que controla e reprime outros saberes em construção. Quem detém o poder controla consequentemente o discurso. Mas afinal, o que é o discurso? Foucault define o discurso em sua obra *A ordem do discurso*, nos trazendo a compreensão de como estes dizeres são selecionados, controlados, analisados:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2006, p. 8- 9).

Dessa forma torna-se um discurso limitador uma vez que fica circunscrito a uma certa categoria do saber ligada a normas de exigências estabelecidas. Para Foucault este discurso exclui o indivíduo por não ser pronunciado por quem é de direito. Essa interdição da qual fala Foucault é encontrada nos discursos dos terapeutas quando os mesmos tentam não se intimidarem à medida que seus métodos são questionados. Aqueles que vão contra a ordem vigente são excluídos e é controlando estes discursos que as instituições se mantem no poder. Ao criar um discurso novo os terapeutas de TVP são excluídos, pois os mesmos estão indo contra um discurso já estabelecido e por isso alguns discursos só podem ser proferidos por determinados setores, por determinados sujeitos. Um dos entrevistados nos fala que nem sempre foi possível realizar estas práticas de forma mais aberta ao público, pois o CRP (Conselho Regional de Psicologia) determinava normas de controle que inibia as práticas desta abordagem por elas não apresentarem respaldo científico.

Infelizmente o Conselho Federal de Psicologia, tem rejeitado formalmente, sem conhecer, a TVP que apresenta como pressuposto básico a hipótese da reencarnação, por achar que não se trata de matéria cientificamente

comprovada. Contudo, qual abordagem psicoterápica, ou procedimento terapêutico o é? Parece que essa questão não é relevante, no entanto, os limites estão bem demarcados. Pois onde estão as provas científicas, laboratoriais das demais técnicas, que não mais possuem a seu favor que a palavra sistematizadora e geralmente complexa de seus criadores? (LEMELA, 2013).

Ainda segundo o mesmo autor, fica cada vez mais claro que determinados discursos foram invalidados por não terem alcançado seu poder legal entre os vários saberes constituídos pelo saber hegemônico:

Alguns conselhos normativos mundo afora ainda preferem situar a TVP na esfera das terapias alternativas, podendo ser aplicada somente de forma experimental. Tal rótulo, entretanto, é inconcebível para um trabalho cujo embrião se formou há mais de 40 anos. Mas grande parte dessa culpa cabe aos próprios profissionais de TVP que além de nada publicarem com embasamento técnico-científico relativo ao trabalho por eles executados, ainda se deixam seduzir pelas promessas de curas mirabolantes, ou então se enchem de zelo por não quererem se expor demais ao consenso da comunidade científica (LEMELA, 2013).

Buscamos na TVP apenas um recorte de tantos fenômenos que podem surgir no setting terapêutico. Investigar os fenômenos mediúnicos, termo cunhado pelo Kardecismo ou fenômenos psíquicos na visão metapsíquica, “ciência” fundada por Richet e que foi aprofundada e ampliada por Rhine com a parapsicologia, é algo instigante e desafiador. Pudemos observar que estes fenômenos despertaram e continuam a despertar interesse até os nossos dias, visto ser ainda um assunto que merece novas trajetórias para atingir níveis e níveis de compreensão. Analisar os discursos dos terapeutas que trabalham com a TVP, onde estes fenômenos se manifestam é apenas um recorte, um viés que não esgota a temática. As controvérsias estão por toda parte, na pesquisa realizada pudemos perceber várias nuances, daí a necessidade de ordenar, selecionar os enunciados, conforme nos reportamos na introdução desta pesquisa, pois nosso objeto de pesquisa não é passível de controle, como vimos anteriormente, eles surgem de forma espontânea, sem o mínimo controle.

Procuramos durante esta pesquisa estabelecer não uma verdade pronta, mas criar um espaço que possa veicular pontos de vista que ainda não foram comprovados cientificamente, mas que merecem um debruçar ao menos curioso na visão de um pesquisador sedento pelo espírito do conhecimento e do saber. O saber não é sinônimo de verdade, pois as verdades são transitórias, elas se imbricam e formam “novas verdades”, se complementam e se transformam em um novo saber. O homem por

natureza tem ânsia por este saber, busca questionar o seu meio para suscitar “novas verdades”, ou melhor, novos saberes que vão sendo reatualizados no tempo e no espaço. Vivemos uma busca inconstante pelo saber para conquistar um poder, uma vez que a própria busca pelo saber, gera em si mesmo uma relação de poder. Complementando este pensamento nos diz Luiz²⁶ : “o saber não só não é neutro como ele gera relações de poder e este, em seu funcionamento o mais instintivo, necessita e engendra saber”.

3.4 Dos discursos às práticas de TVP

Aqui procederemos ao estudo dos discursos que permeiam as práticas dos terapeutas em TVP no que diz respeito aos fenômenos mediúnicos que ocorrem dentro do setting terapêutico, tendo este pressuposto como a principal ênfase de nossa pesquisa. Mergulhar um campo tão impreciso, assim como foi desde o princípio o surgimento destes fenômenos, é extremamente desafiador. As controvérsias estão por toda parte, buscando uma resposta que talvez nunca a encontremos, mas o nosso papel como pesquisadores é talvez apenas o de suscitar novas verdades e ampliar novos olhares numa temática tão imbricada de saberes que vão sendo construídos historicamente. Não existem verdades escolhidas sobre a fenomenologia mediúnica neste espaço de saber, apenas descortinam-se novas perspectivas de conceber fenômenos que ocorrem sem que nenhum dos envolvidos tenham o devido controle. Assim como nas práticas, há uma heterogeneidade de discursos que permeiam os saberes desses terapeutas, no modo como elas se manifestam, no modo como elas são trabalhadas em cada setting terapêutico. Procuramos então, daqui para frente, trazer uma pequena amostra a respeito das distinções que pudemos perceber no trabalho de campo, ao entrevistar alguns terapeutas que nela se inserem.

Os discursos selecionados não representam uma verdade em absoluto, mas uma vontade de verdade, pois cada sujeito representa em si mesmo, o desejo de ser sujeito do seu próprio saber. Compreender os discursos dos terapeutas é uma tarefa escorregadia, todavia, fascinante, que nos leva a um resgate de memórias que ficaram no esquecimento mas que sempre vem a tona. Complementando esta linha de pensamento nos diz Orlandi, a respeito dos discursos:

²⁶ LUIZ, Felipe. O Conceito de saber na epistemologia política de Michel Foucault. Disponível em: w2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/331/379. Acesso em: 14 jan. 2014.

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível, a ruptura, o outro (ORLANDI, 2013, p. 10).

Mas na verdade, o discurso é sempre algo que já foi dito antes, estamos apenas recriando o que já foi antes falado, entramos na ordem do interdiscurso. Os sujeitos estão sempre produzindo um interdiscurso: “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2013, p. 33).

Embora no interdiscurso dos terapeutas possa surgir uma preocupação que suas práticas não sejam confundidas com o religioso, percebemos aspectos que permeiam esses campos. Shimoda, um dos nossos entrevistados, talvez seja, em nossa percepção um dos quais o discurso religioso se faz mais presente. Vejamos em um dos trechos de sua entrevista quando nos diz que seu método é bem diferente de outros então aplicados por outros profissionais:

[...] quando eu comecei a lidar com as manifestações mediúnicas dos pacientes aqui, comecei a entrar em contato com os mentores, saber o que era mentor espiritual e saber o que era um ser das trevas, um ser de luz, tudo isso eram conceitos muito novos e eu não sabia lidar com isso...os assédios espirituais e tudo isso, me fez questionar muitas das teorias psicológicas que agente aprende na universidade, por exemplo esse diálogo interno, eu achava que todo diálogo intra-psíquico, esse bate papo que você tem com você mesmo, eu achava que era você quem perguntava e respondia aquilo, esse diálogo intra-psíquico, hoje eu percebo que não é bem assim. Muitas vezes aquilo que você percebe nem sempre é anímico, vem da sua mente...vem de fora, do plano espiritual que te intui, então isso me fez reformular um monte de coisas, então a pessoa diz que ela escuta vozes, nem sempre isso é um caso alucinatório, mas é um quadro mediúnico mesmo (SHIMODA, 2013).

Para Shimoda, o paradigma psicológico vigente, foge totalmente aos moldes de sua abordagem da qual denominou de TRE²⁷. Distancia-se também do método da TVP onde é o terapeuta quem conduz a sessão de regressão. Dessa forma Shimoda, cria sua própria identidade tendo o mentor espiritual como elemento fundante de sua metodologia:

²⁷Desta forma TRE (Terapia Regressiva Evolutiva) – A Terapia do Mentor Espiritual – uma nova e breve abordagem psicológica e espiritual criada por mim, busca respeitar e considerar cada paciente com sua história de vida única, portanto, um fenômeno muito singular, um milagre suficiente para não ter que comparar com ninguém, a não ser com ele mesmo (SHIMODA, 2010, p. 8).

[...] essa metodologia diferencia, ela revoluciona os conceitos de terapia e do terapeuta porque não sou eu que vou descortinar o véu [...] ele que conduziu a regressão de memória, antes era eu, agora o mentor que autoriza, é ele que vai conduzir. Eu sempre faço uma analogia, eu sou um co-piloto que vai auxiliar o comandante...eu sou um co-terapeuta que vai facilitar, auxiliar o mentor espiritual que vai conduzir essa terapia, o mentor é o responsável pelo paciente. Se ele é responsável, a missão dele de nos orientar, então é óbvio que ele conhece a fundo o paciente, ele tem o dossiê completo do paciente, então ele sabe o que o paciente pode saber, não pode saber, se ele tem estrutura emocional para aguentar o impacto emocional. Então se o mentor autorizou, ele precisava passar por isso, o mentor conhece, até porque o mentor vem acompanhando de várias encarnações (SHIMODA, 2013).

Ao apontar essas questões metodológicas o nosso entrevistado nos remete a uma aproximação com elementos de religiões orientais e por isso talvez tenha inspirado suas práticas numa categoria mais ampla e distante dos demais terapeutas. Veja o que nos respondeu, ao perguntarmos sobre suas crenças religiosas:

Hoje eu me considero uma pessoa laica. Não estou ligado a uma religião, embora obviamente eu tenha uma identificação muito grande como você está vendo aqui. (mostra o ambiente). Isso aqui é o reflexo do que eu posso dizer hoje das minhas crenças. Agora pessoalmente eu estou vinculado a Seichon-ryô. A Filosofia da seicho para mim é uma filosofia que tem uma profundidade muito grande, inclusive identifiquei-me muito e obviamente com o Kardecismo. Candomblé e umbanda já participei mas hoje não me identifiquei, não tenho mais afinidade como antes, não estou negando que os pretos velhos, caboclos, que eles não tenham uma sabedoria. Eles são altamente sábios porém não me afino mais (SHIMODA, 2013)

Assim percebemos no discurso do Shimoda, ser ele o próprio criador de seu método trazendo aspectos bem religiosos sem, no entanto, abandonar os aspectos terapêuticos. Embora não declare ser seu método uma terapia religiosa, complementa nos dizendo:

Então é muito importante deixar claro que, essa terapia não é uma terapia para religiosos, para espíritas. É uma terapia que trabalha com a realidade espiritual do paciente, as experiências extra física do paciente que necessariamente não está vinculadas a religião (SHIMODA, 2013).

Procurar dar sentido a um discurso é difícil quando o mesmo ainda não reverbera socialmente, quando o mesmo ainda não construiu um corpo social a quem se delegam poderes para que os mesmos adquiram sentido. Os discursos dos profissionais dessa abordagem terapêutica, parecem ainda não encontrarem respaldos enquanto sujeitos falantes devido estarem desprovidos dos sentidos que outorga poder.

São as instituições voltadas para pesquisas e práticas deste universo que a nosso ver podem conquistar este sentido e poder legitimado, à medida que avança em suas pesquisas de práticas dessas experiências.

É consenso entre os terapeutas entrevistados em nosso campo de pesquisa a ocorrência de manifestações de certos fenômenos no setting terapêutico embora não seja unânime os modos de abordar tais fenômenos. As controvérsias instalam-se à medida que surgem a confusão entre o que é terapêutico e o que é religioso. Alguns profissionais ficam em dúvida qual caminho trilhar, pois em algumas instâncias as práticas imbricam-se entre o espiritual e o terapêutico.

Para distanciar aspectos religiosos/espirituais alguns terapeutas encaminham para os centros espíritas casos que parecem estar ligados ao que no espiritismo chama de obsessão. Temos a exemplo disso Peres, que prefere não tratar destes casos no setting terapêutico encaminhando para os centros espíritas os trabalhos que se dizem de desobsessão.

Roquini, uma das entrevistadas nos fala dessas “presenças” e diz que é possível elas “aparecerem”, ou seja, interfiram na sessão de TVP, pois estas presenças muitas vezes fazem parte de nossos desafetos do passado:

O alicerce dela se baseia em dois pontos: o caráter da pessoa e as presenças. Então o caráter seria nossas tendências boas e más que trazemos de outras vidas e as presenças são nossos desafetos do passado, ou seja, pessoas que agente interagiu, e que de alguma forma consciente ou inconscientemente, prejudicamos e agora eles se tornaram nossos obsessores. Então, na linguagem espírita, a presença são os obsessores e trabalhamos com esses dois alicerces, nesta técnica (ROQUINI, 2013).

Ao contrário de Peres, Lucca prefere seguir um modelo mais orientador e trabalhar em seu próprio espaço quando estes fenômenos aparecem. O termo “presença”, foi utilizado pelos terapeutas da SBTVP, para não serem confundidos com a abordagem espírita que utiliza o termo obsessão. Conforme anteriormente citamos, Lucca, prefere aproveitar a própria ocasião, uma vez que não pode deixar o paciente absorto em seu estado emocional esperando uma oportunidade de ir até um centro espírita para sanar tal situação:

O que eu posso dizer a você? Eu digo pra você que eu tenho que ser muito honesta com aquilo que eu vejo. Se o meu cliente “incorporou” dentro do consultório, ele não podia estar no centro espírita naquele momento, você concorda? Ele “incorporou” ali. Era eu que tinha que resolver. Eu não ia pegar minha cliente “incorporada” naquele momento pedir para ela levantar e

ir para um centro espírita porque você incorporou um espírito. É meu compromisso e minha responsabilidade. Então eu entendi que eu é que tinha que aprender a trabalhar com tudo, com técnica da regressão e com os espíritos porque se aquela cliente viu, outros viriam com certeza, e eu jamais ia mandar a pessoa levantar do divã e ir no centro resolver esse problema. [...]Eu tenho que ter a capacidade para trabalhar com qualquer coisa que surja dentro desse tipo de trabalho que eu assumi fazer. Então, nunca deixei de fazer e nunca isso foi e nunca atrapalhou o processo. Acredito que muitos não fazem porque além do preconceito, tem medo. As pessoas tem muito medo dos espíritos, acha que o espírito vai incorporar nela, vai atrapalhar a vida dela, que vai fazer mal a ela (LUCCA, 2013).

O contexto sócio-histórico e ideológico em que estes discursos são produzidos estão carregados de memória. O que constitui a memória? São aqueles conceitos que temos reservados, arquivados sobre determinados dizeres e que estão presentes no interdiscurso. Podemos encontrar no discurso anterior de Lucca, uma memória discursiva onde nos remete a uma fala antes dita, como se refere Orlandi (2013) um discurso já proferido. Vale a pena ressaltar o que nos diz Orlandi a respeito da memória discursiva:

A memória, por sua vez tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2013, p. 31).

O que é presentificado no discurso de Lucca pressupõe outras falas que remete ao discurso espírita que toma para si, o legado que só a ele compete o exercício de trabalhar os fenômenos de desobsessão. Neste caso percebemos a posição de sujeitos intercambiáveis, pois em sua fala, há vários discursos que vão lhe dar uma identidade relativa a outros. Complemento este pensamento com as palavras de Orlandi, quando nos remete essa postura de sujeitos intercambiáveis:

Nesse sentido é que os sujeitos são intercambiáveis. Quando falo a partir da posição de “mãe”, por exemplo, o que digo deriva seu sentido, em relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição. Quando, ao abrir a porta para um filho altas horas da madrugada, a mãe fala “Isso são horas?” ela está, na posição-mãe, falando como as mães falam. Exatamente. Podemos até dizer que não é a mãe falando, é sua posição. Ela aí está sendo dita. E isto a significa. Isso lhe dá identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo na posição de professora, de atriz, etc. (ORLANDI, 2013, p. 49).

O que se percebe numa perspectiva geral é que existem nos terapeutas do qual entrevistamos um discurso espírita, que permeia suas práticas e temos outros que são de uma linha mais ortodoxa em relação aos discursos espíritas embora, possam ainda beber dessa fonte para fundamentar algumas de suas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que esta pesquisa não esgota o assunto, é apenas um despontar para novos desdobramentos e que pode suscitar novas interrogações, novos discursos tendo em vista que o objeto de nossa pesquisa não estar preso num lugar, num espaço, em um saber hermenêuticamente fechado. Conforme os princípios teóricos de Foucault, pudemos perceber que as relações entre sujeito e objeto estão em constante mudança e evoluem neste percurso das discussões em torno do que seja científico (GIACOMONI E VARGAS, 2010). Os discursos aqui apresentados nesta pesquisa obedecem a características fundamentais que levam em consideração seus interlocutores com suas crenças, valores e, sobretudo, os discursos que foram produzidos num determinado tempo histórico. Procuramos dialogar com várias culturas, vários saberes que foram sendo construídos ao longo da história através de pequenos recortes trazidos por vários interlocutores: antropólogos, sociólogos, metapsiquistas, que aprofundaram os conhecimentos a respeito desta temática que nos propomos nesta pesquisa. Portanto, este discurso traz um caráter polifônico que dialoga com outros discursos, trazendo outras vozes que ora concordam, ou discordam formando uma teia de saberes.

Por haver essa heterogeneidade entre os discursos, nenhum discurso torna-se único, dessa forma percebemos uma constante interação sobre os discursos produzidos e nessa rede discursiva que constroem-se novos saberes. Os fenômenos mediúnicos continuam a serem desvendados através da pesquisa e do estudo sério de novos pesquisadores que surgem a cada nova etapa da história. O feixe complexo das relações nas quais se insere nosso objeto de estudo emerge a cada instante, buscando ser compreendido e que inquieta a tantos nesta busca por respostas. Iniciamos nossa pesquisa em busca de compreender algumas trajetórias discursivas do nosso objeto de estudo que percorreu diversas compreensões de saberes e que despertou muitas controvérsias ao longo de cada momento histórico. Segundo Minayo (2010), a pesquisa é um processo complexo que envolve teoria como também um método e muita criatividade. É dentro desta perspectiva que nos permitimos comparar e analisar os resultados para que a pesquisas seja legitimada dentro da sociedade moderna.

Levando em consideração que todo conhecimento definido hoje como ciência precisou antes de tudo ser pesquisado, e esta pesquisa surge das primeiras experiências empíricas que o homem faz em busca de compreender os fenômenos da qual ele não compreende em sua íntegra. As perguntas que fazemos no início desta pesquisa é uma

tentativa de buscar respostas ainda que nem sempre são respostas definitivas mas que apontam para uma compreensão dos fatos e é de extrema importância para que se possa dar origem ao que chamamos hoje de modelos científicos. Ser pesquisador é estar integrado ao mundo, inserido em sua realidade, por mais árido que seja nossa temática vamos perceber que de alguma forma o mesmo estará imbricado em algum contexto social histórico (MINAYO, 2010).

As respostas para os fenômenos mediúnicos ou psíquicos tem alcançado vários saberes que ao longo de seu percurso passaram de visão sobrenatural, mítica, alcançando um patamar mais científico uma vez que ao avançar de novas eras, novos métodos foram aprimorados e cada vez mais novos instrumentos foram se adequando a nova realidade. Os estudos sobre fenômenos mediúnicos no contexto da TVP são tidos ainda como empíricos e talvez seja este o caminho que outros terapeutas tenham que percorrer ao longo desta caminhada para busca de um saber consolidado. Fica bem nítido a preocupação dos terapeutas em desvincular-se dos rótulos anticientíficos que ficaram impregnados dos antigos saberes de heranças medievais ou mesmo milenares. Quando a ciência é reconhecida a partir do século XVI, é notório o clima de rejeição a tudo que se referissem as verdades prontas, pregadas pelas doutrinas judaico-cristãs. A verdade das pesquisas comprovadas com seus métodos rechaçavam qualquer conhecimento que não pudesse ser medido e testado pelos paradigmas da ciência cartesiana. Dessa forma, as práticas de TVP e tudo que a ela associa-se ganhou status de práticas ocultistas, de cunho místico, sem crédito científico.

Diversos tipos de práticas surgiram nos últimos anos, mas nenhuma delas dissociou-se dos aspectos espirituais a qual a TVP está inserida. Sendo a TVP aliada ao conceito de reencarnação, continuará talvez por muito tempo ainda, buscando por uma vontade de verdade que é problematizada nas relações entre saber e poder. Percebo nesta pesquisa que não há uma preocupação por parte dos terapeutas em aprofundar estudos de mediunidade em seus consultórios, no entanto, fica bem notório a atenção que os aspectos espirituais recebem e, como consequência disso, os fatos de experiências extras sensoriais aparecem como uma preocupação para alguns enquanto para outros causam uma certa estranheza ter que lidar com questões espirituais quando os mesmos surgem de forma espontânea no setting terapêutico.

A ciência ortodoxa ainda vê com bastante restrição e receio aqueles assuntos que não podem ser comprovados empiricamente, conforme os métodos tradicionais, que envolvem critérios de certificação, verificação, veracidade, etc. O estudo da

mediunidade é assunto amplo e controverso e como vimos anteriormente, no recorte que fizemos, buscamos compreender a manifestação dos fenômenos mediúnicos no âmbito de vários olhares. Os mestres pioneiros das Ciências Sociais nos ensinaram que para apreender *o outro* é preciso um olhar diferente, comprometido e *in loco*. Até onde se pôde levantar, na visão dos terapeutas, há “presenças espirituais” nos setting terapêuticos, os fenômenos que envolvem uma possível mediunidade vêm ocorrendo e os profissionais que trabalham com a TVP precisaram encontrar formas de lidar com essa “presença (in)visível”.

A construção desses saberes ainda não encontram-se na ordem do discurso pois suas relações de produção de saber/poder, estão até o momento, destituídas de lugares oficialmente institucionalizados. Desse modo, as relações de poder estão sendo construídas à medida que se produzem novos discursos e que, embora estas pesquisas estejam fora das “verdades” estabelecidas na ordem do discurso, elas continuam inseridas no campo dos discursos que produzem um certo valor de verdade.

Na posição de pesquisadores, assumimos observar um objeto que embora ainda não tão estudado, já tenha uma construção histórica bastante longa. Não foi nossa pretensão descobrir coisas novas, mas contribuir para a pesquisa no campo das Ciências das Religiões e como uma atividade fundamental na produção do conhecimento através de um discurso científico. Ao longo dessa pesquisa constatamos que os fenômenos existem desde muito tempo, no entanto, são experienciados e interpretados de acordo com os paradigmas vigentes da época. Embora tendo alguns recortes, continua sendo ainda estudado exaustivamente, assim como foi no passado, talvez não para comprovar que estes se fazem presentes mas para compreender quais mecanismos seguem seus processos, sejam provenientes da mente metapsíquica intelectual do homem racional, sejam oriundos de mentes circunscritas dos planos extra físicos.

Um princípio de busca parece permear os campos do conhecimento e do saber, através das novas formas de pensar o homem no contexto das verdades que surgem e que aparentemente a princípio não se inserem no quadro das verdades estabelecidas do corpo vigente e da qual a ciência rechaça e engessa-se de poder absoluto. Aos poucos tudo parece ganhar forma e poder através das pesquisas que insistem em desenterrar dos arcaibouços da história trazendo conhecimentos milenares que surgem com uma nova roupagem à medida que o homem com sua mente mais aberta está pronto para conceber novos saberes. E assim novas conquistas vão sendo desbravadas. Enquanto um saber flutuante, como já bem definia Foucault, este saber gerou poder e esteve presente em

todas as culturas e jamais nenhuma instituição conseguiu sobrepor-se pois todos os acontecimentos que permeiam a humanidade obedecem a um tempo histórico e a um espaço em que são construídos conjuntos de verdades. A relação de poder que parece reivindicar os terapeutas não é propriamente um poder que oprime, mas um poder de direito, que visa seu espaço num mundo alternativo e multidisciplinar.

Continuam as controvérsias em torno das interpretações dos fenômenos em que as abordagens paranormais, parapsicológicas, religiosas e mesmo psicoterápicas se imbricam trazendo novos olhares, novos saberes que estão incrustados nessa busca do saber e poder. É preciso ter olhos de pesquisador, ver os acontecimentos e enxergar novas modalidades de interpretação, afinal nada está estanque, tudo está em eterna construção, a cada instante algo se reinventa e por muitas vezes não somos capazes de enxergar no momento presente tais transformações. Somente com o passar dos séculos é que vamos perceber como mudanças se processaram sem nos dar conta das novas “verdades” emergentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alexandre Moreira de. *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. Tese apresentada ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0C CgQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fpublication%2F35946358_Fenomenologia_das_experencias_medicinas_perfil_e_psicopatologia_de_mdiuns_espr itas%2Ffile%2F0b4951758f75a2ae1.pdf&ei=T_imU53CLobKsQSkkYL4Dw&usg=A FQjCNEpH4FskpI_NX69IHGVXUMJf5_tOQ&sig2=wG1QqzwoA5-NkJsjZYB6AA>. Acesso em 13 de jan/2014.

_____. É possível estudar cientificamente a sobrevivência após a morte? In: INCONTRI, D.; SANTOS, F.S. *A arte de morrer – visões plurais*. Bragança Paulista: Comenius, 2007. Pag. 36-44. Disponível em: <<http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/20071122EstudarCientificamenteASobrevivencia.pdf>>. Acesso em 21 de junho de 2014.

ALVARADO, Carlos S.; MACHADO, Fátima Regina.; ZANGARI, Wellington; ARMOND, Edgard. *Mediunidade*. São Paulo: Editora Aliança, 2012.

AMARAL, Leila. Sincretismo em movimento: O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CARROZZI, Maria Julia (org). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARESI, Albino. *Homem total e Parapsicologia*. 8ª edição. São Paulo, 1972.

ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal espiritismo é religião?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp094883.pdf> Acesso em 20 de set. 2013.

_____. *O Caráter Religioso do Espiritismo*. Fragmentos de Cultura. Goiânia, v.23, n. 1, p.3-16, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/issue/view/159/showToc>> acesso em 19 de junho de 2014.

AUGRAS, Monique. *O Duplo e a Metamorfose*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BARSOTTINI, Dirce. *Ciência x Religião: um enfoque equivocado*. Itu SP: Ottoni Editora, 2008.

BARROS, Luiz Ferri de. *As Dificuldades Científicas do Entendimento da Espiritualidade*. Revista International d'Humanitats, 2003. Disponível em: <http://www.hottopos.com/rih6/ferri.htm> e www.hottopos.com/rih6/ferri.htm>. Acesso em 19 de marc. de 2014.

BRANDAO, Helena Hathsue Nagamine. *Analisando o discurso*. Secretaria da Cultura, Museu da língua portuguesa, estação da luz. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=1> Acesso em 20 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica*. - Brasília : Ministério da Saúde, 2006.

CARROZZI, Maria Julia (org). Introdução In: CARROZZI, Maria Julia (org). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAVALCANTI, M.L.V.C. *O Mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física – Uma exploração entre dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental*. Tradução editorial Presença, Ltda, Lisboa, 1989. Tradução de: Maria Jose Quelhas Dias e Jose Carlos Almeida. Disponível em: <<http://bvespirita.com/O%20Tao%20da%20F%C3%ADsica%20%28Fritjof%20Capra%29.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2014.

CERVINO, Jayme. *Além do Inconsciente*. 1ª edição: Federação Espirita Brasileira. 1968.

CHIBENI, Clarice Seno; Silvio. Estudo sobre Mediunidade. Artigo publicado em *Reformador* de agosto de 1997, pp. 240-43 e 253-55. <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CHIBENI_Silvio_e_CHIBENI_Clarice_tit_Estudo_sobre_a_mediunidade.htm>. Acesso em 19 de marc. de 2014.

COSTA, J. F. (1976). *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Documentário. Cruz Monclova, Lidio. 1976.

COURAS, Raimunda Neves de Almeida; KLUPPEL, Berta Lúcia de Almeida. *As Cirurgias Espirituais como Catalisadores de Cura – Relato de um caso*. In. *Religare-Revista de Ciências das Religiões – Ano 3 – n 6 – (setembro/2009)*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 53 – 66.

COGNALATO, Rosana Pontes. *As terapias alternativas no âmbito da psicologia: Conflitos e dilemas*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

DANNER, Fernando. OLIVEIRA, Nythamar de. *A Genealogia do Poder em Michel Foucault*. IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2009. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Filosofia/71464-FERNANDO_DANNER.pdf>. Acesso em 19 marc. 2014.

DETHLEFSEN, Thorwald. *A Regressão a Vidas Passadas como Método de Cura - A comprovação experimental da teoria da reencarnação*. Editora Pensamento, 1976.

DOYLE, Conan Artur. *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1995.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes. RAITZ, Tânia Regina. *As Relações de poder em Michel Foucault: Reflexões Teóricas*. Rio de Janeiro 44(2):367-83, MAR./ABR. Revista de Administração Pública - RAP. 2010. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.spell.org.br%2Fdocumentos%2Fdownload%2F2380&ei=jBInU7T9FI27kQeGoYHgDQ&usg=AFQjCNFgztA6Y5gqgNWO_wehWGWs9CzEsw&sig2=VrXP2tY_XehOx74_gwH5xw&bvm=bv.62922401,d.eW0> Acesso em 17 março. 2014.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Vozes 2000.

_____. *A Ordem do Discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio, 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000b. (Leituras filosóficas) 79 p.

FIGLIORE, Edith. *Possessão Espiritual*. São Paulo, Editora Pensamento, 1987.

GASPARINI, Eraldo Luis Pagani. *ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades*. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>> Acesso em 17 mar. 2014.

GOLDEMBERG, Mirian. *A Arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro /São Paulo: Record, 2002.

GIACOMONI, Marcello Paniz. VARGAS, Anderson Zalewski. *Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva*. Veredas – Análises do Discurso. 2/2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-09.pdf>> Acesso em 20 out. 2013.

GUIMARÃES, Maria Teodora. *Tvp e espiritualidade*. Disponível em: <<http://www.sbtvp.com.br/artigo/12/TVP-E-ESPIRITUALIDADE>>. Acesso em 24 mar. 2013.

_____. *SBTVP – Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada. Curso de formação de terapeutas*. Editora Correio Regional, 1996.

GONÇALVES, I. C. F. *Psicografia: verdade ou fé?* João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

_____. *Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2011.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1995.

_____. *O Livro dos médiuns*, ou, Guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental (tradução de Guillon Ribeiro da 49.ed. francesa), 71ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KULCHESKI, Edvaldo. *Curso Mediunidade sem preconceito*. 2006. Disponível em: <<http://bvespirita.com/Curso%20Mediunidade%20Sem%20Preconceitos%20%28Edvaldo%20Kulcheski%29.pdf>> Acesso em 20 fev. 2013.

LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*; tradução de Ivone C. Benedetti, revisão de tradução Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LAPA, Hugo. *Obsessão Espiritual e Terapia de Vidas passadas*. 22 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://hugolapa.wordpress.com/2009/09/22/obsessao-espiritual-e-terapia-de-vidas-passadas/>> Acesso em 14 março. 2014.

_____. *Personalidade de Vida Passada*. 23 de outubro de 2009. Disponível em: <http://hugolapa.wordpress.com/2009/10/23/personalidade-de-vida-passada/> Acesso em 14 março. 2014.

LEMELA, Davidson. *O Disfarce da Memória: Uma introdução à Terapia de Vida Passada*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

LESHAN, Lawrence. *De Newton à percepção extra-sensorial: a parapsicologia e o desafio da ciência moderna*; tradução Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo: Summus, 1995.

LEWGOY, Bernardo. *Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre cultura espírita e oralidade no espiritismo kardecista*. São Paulo: FFLCH-USP.

_____. *A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100005>. Acesso em 12 agost. 2013.

_____. "Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações". *Civitas*, vol. 6, nº 2: 151-167, 2006a

_____. "Incluídos e letrados Reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual". In: F. Teixeira & R. Menezes (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006b.

LUCCA, Elaine Gubeissi de; POSSATO, Alexandre. *As faces do invisível: a influência do nosso passado em nosso presente*. São Paulo: Harbra, 2002a.

_____. *Regressão: a evolução da terapia de vida passada*. São Paulo: Nova luz, 2002b.

MARTINS, Paulo Henrique. *As terapias alternativas e a libertação dos corpos*. In: *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAGNANI, Jose Guilherme. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

MANTOVANI, Alexandre. *Psicanálise e práticas espirituais de cura: O inconsciente e a comunicação mediúnica*. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras para obtenção do título de doutor em Ciências, área: Psicologia. Ribeirão Preto, São Paulo, 2010. Disponível

em:<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F59%2F59137%2Fde-03102011CaMPSxsQT8_ICQDg&usg=AFQjCNF042YBmRHk9n6a1tLVdifA1Yl8cg&sig2=lxKXVQpXWKl2fwGdy6EQw> Acesso em 15 de nov. 2013.

MAZZONETTO, Ricardo. Contribuições da parapsicologia (terapia de vida passada – uma abordagem profunda do inconsciente) In: PINCHERLE, Livio Tulio (org.) *Terapia de Vida Passada: Uma abordagem Profunda do Inconsciente*. São Paulo: Summus, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Portaria nº 971,03 de maio de 2006*. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html>. Acesso em 20 de maio de 2014.

MOREIRA, Letícia Machado; ESTEVES, Cristiane Silva. *Revisitando a teoria do setting terapêutico*. O portal dos psicólogos, 27 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0628.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2013.

NETHERTON, Morris. *Vida Passada, Uma abordagem Psicoterápica*. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

NUNES, Mario. *O fenômeno mediúnico*. Disponível em: <<http://www.geb-portugal.org/Admin/Ficheiros/REVISTAV179.pdf>> Acesso em 20 set. 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Sergio Felipe de. A mediunidade e a Psicanálise. Disponível em: http://www.redeamigoespirita.com.br/group/mediunidade/forum/topic/show?id=2920723%3ATopic%3A88762&xgs=1&xg_source=msg_share_topic> Acesso em 15 Jul de 2014.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11 edição, Campinas, São Paulo. Pontes Editores, 2013.

PAIM, Fernando Free. IBERTIS, Carlota Maria. A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre. *Disc. Scientia*. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 139-152, 2006. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/36/CSAUDE/2006/hipotese.pdf>>. Acesso em 17 de fev 2014.

PERES, J.F.P. et al. Espiritualidade, Religiosidade e Psicoterapia. *Rev. Psiq. Clín.* 34, supl1; 136-145, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a17v34s1.pdf>> Acesso em 18 março de 2014.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao Espiritismo*. São Paulo: três Estrelas, 2012.

PINCHERLE, Lívio Túlio. (org). *Terapia de Vida Passada: Uma abordagem profunda do inconsciente*. São Paulo: Summus, 1990.

PIRES, Jose Herculano. *Mediunidade (Vida e Comunicação) Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais*. 5ª Edição. São Paulo: Edicel, 1984. Disponível em: <<http://bvespirita.com/Mediunidade%20-%20Vida%20e%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20%28J.%20Herculano%20Pires%29.pdf>> Acesso em 15 nov. 2013.

_____. *O espírito e o tempo: Introdução histórica ao Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento, 1964.

_____. *Parapsicologia Hoje e Amanhã*. 4ª edição atualizada. Edicel, 1974.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 1995.

REDYSON, Deyve. *Panorama da Filosofia da Religião no Brasil*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: Conceitos essenciais*; tradução Maria do Rosário Grogolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICHET, Charles. *Tratado de Metapsíquica: O Encontro entre Ciência e Espiritismo*. Tomo I; tradução de Victor Tollendal Pacheco. 2. Ed.rev. São Paulo: Lake, 2008.

RHINE, J. B. *O Novo Mundo do Espírito*. Tradução de E. Jacy Monteiro. Best-seller Importadora de livros S.A. São Paulo, 1966.

ROZENKVIAT, Ravid. *Do fantástico ao plausível: Uma análise de discurso dos Terapeutas de Vida Passada*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-RIO, 2006. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8609@1>. Acesso em 15 nov. 2012.

SILVA, Eliane Moura. *O Espiritualismo no século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Textos didáticos n 27 – agosto de 1999.

SÓGLIO, Débora. *Psicoterapia e Espiritualidade: O Percurso da TVP*. Disponível em: <http://www.sbtvp.com.br/artigo/17/Psicoterapia-e-Espiritualidade-o-percurso-da-TVP>. Acesso em 19 de março de 2014.

STOLL, Sandra Jacqueline. O espírito na encruzilhada. *Revista Usp*, São Paulo, n.67, p. 176-185, setembro/novembro 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/12-stoll.pdf>> Acesso em 15 nov. 2012.

SCHULER, Arnaldo. *Dicionário enciclopédico de teologia*. Canoas: Ed. Ulbra, 2002.

SHIMODA, Osvaldo. *Experiências de Regressão: A terapia com o mentor espiritual*. São Paulo: Mythos Editora, 2010.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. *Alquimistas da Cura: a rede alternativa em contextos urbanos*, Salvador: Edufba, 2012.

TRANSE. Revista. Terapia de vidas Passadas. Ano II. N 2º. 1982.

_____. Legitimidade Terapêutica no Brasil Contemporâneo: As Terapias Alternativas no Âmbito do Saber Psicológico. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 13(2):83-104, 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/physis/v13n2/a06v13n2.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2013.

WIESENDANGER, Harald. *A Terapia da Reencarnação: As possibilidades oferecidas pela regressão a vidas passadas*. Editora Pensamento, 1991.

TSUCHIYA, Kaori. Kátia. Nascimento; Maria de Jesus Pereira do. Terapias Complementares: uma proposta para atuação do enfermeiro. *RevEnferm UNISA* 2002; 3: 37-42. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2002-08.pdf>>. Acessado em 22 de junho de 2014.

WOOLGER, Roger J. *As Várias Vidas da Alma: Um psicoterapeuta Junguiano descobre as vidas passadas*. São Paulo: Cultrix, 1987.

TENDAM, Hans. *Panorama sobre a Reencarnação*, V.1: uma investigação recente e sua relação com a TVP. Tradução de Leonardo Freire de Carvalho Gianella. São Paulo: Sumus, 1993.

_____. *Panorama sobre a Reencarnação*, V. 2: uma investigação recente e sua relação com a TVP. Tradução de Leonardo Freire de Carvalho Gianella. São Paulo: Sumus, 1994.

TROVO. Mônica Martins.; SILVA, Maria Elúlia Paz. Terapia Alternativa/ Complementares. A visão do graduando de enfermagem. *Ver Esc Enferm USP* 2002; 36(1): 75-79. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v36n1/v36n1a11>> Acesso em 22 junho de 2014.

_____. LEÃO, Elizeth Ribeiro. Terapias Alternativas/Complementares no ensino público e privado: Análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. *Rev. Latino-am Enfermagem* 2003 julho-agosto; 11(4):483-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692003000400011&script=sci_arttext>. Acesso em 13 fev. 2014.

ZANGARI, Wellington; MARALDI, Everton de Oliveira. *Psicologia da Mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial*. Boletim Academia Paulista de Psicologia, Vol. 77, Núm. 2, julho-diciembre, 2009, pp. 233-252 Academia Paulista de Psicologia Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/946/94612368003.pdf>> Acesso em 25 fev. 2013.

_____. Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de umbanda. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, vol. XXV, núm. 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 70-88, Academia Paulista de Psicologia Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94625312>> Acesso em 30 set. 2013.

ZINGRONE, Nancy L.; Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de ideias psicológicas e psiquiátricas. *Rev. Psiq. Clín.* 34, supl1; 42-53, 2007.

ZIMMERMANN, Zalmiro. *Teoria da mediunidade*. Campinas, SP: Editora: Allan Kardec, 2011.

Fontes orais:

BARSOTTINI, Dirce. Entrevista concedida em 22 de janeiro de 2013.

LEMELA, Davidson. Entrevista concedida em 26 de janeiro de 2013.

LUCCA, Elaine Gubeissi de. Entrevista concedida em 21 de janeiro de 2013.

ROQUINI, Maria Bernadete de Oliveira. Entrevista concedida em 25 de janeiro de 2013.

SHIMODA, Osvaldo. Entrevista concedida em 23 de janeiro de 2013.

APÊNDICE

Neste apêndice segue o roteiro das entrevistas que foi utilizado com os terapeutas. As perguntas serviram para orientar nossas entrevistas e estimular a fala dos sujeitos a respeito dos fenômenos mediúnicos na TVP. Nem sempre seguimos a risca todas as perguntas, serviram-nos apenas como bússolas por onde podíamos nos orientar a trajetória da performance de cada entrevistado.

Roteiro de entrevista

1 – Fale-me um pouco de sua trajetória profissional

2 – Como procede sua metodologia?

3 - Fale-me agora das restrições da TVP, quando e para quem não é indicado esse tipo de terapia?

4 - Como a espiritualidade esta relacionada com essa prática terapêutica? Se ela está e como ela se relaciona?

5 - Você percebe se há preocupação dos pacientes com a questão espiritual?

6 - Gostaria de saber se acontecem manifestações mediúnicas nas sessões de regressão de memória? Se ocorrem, como você percebe?

7 - O que você acha das técnicas complementares que o SUS adotou e porque a TVP ficou excluída?

8 - No atendimento através da TVP, há alguma preparação do ambiente, do local, antes do paciente chegar?

9 - Reconhece outros terapeutas que trabalham dentro dessa mesma linha?

10 - Como conciliar trabalho espiritual versus trabalho profissional, há realmente essa faceta?

11 – Fale-me de alguns casos clínicos que deram resultado.

12 - Vejo que a sua metodologia parece inovar ao que já existe... alguns terapeutas percebem de maneira diferente, já sentiu alguma crítica por defender essa metodologia?